

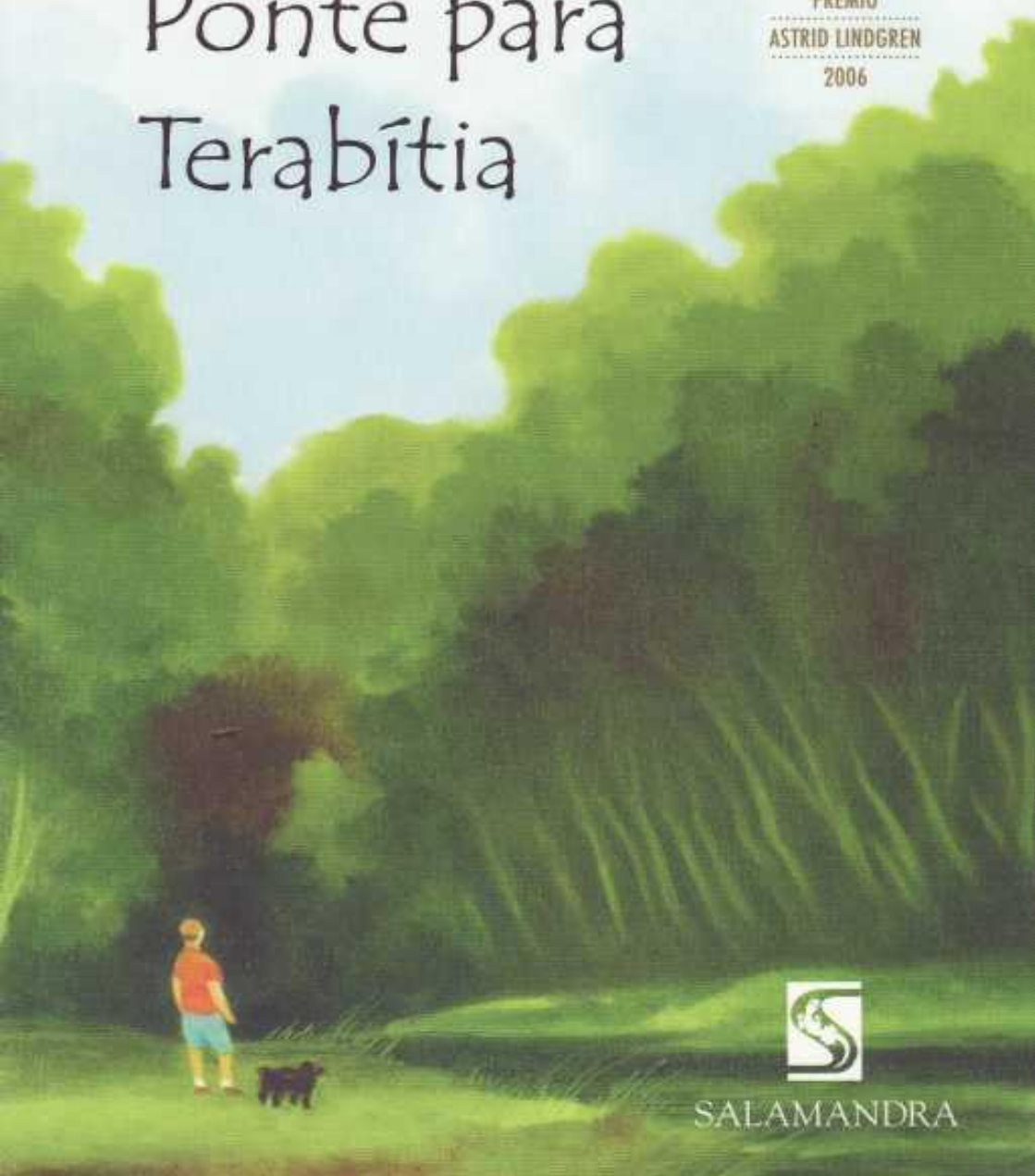
KATHERINE PATERSON

Tradução de Ana Maria Machado



PRÊMIO
ASTRID LINDGREN
2006

Ponte para Terabítia



SALAMANDRA

Katherine Paterson

Ponte para Terabítia

Vencedor da *Medalha John Newbery*, 1978, concedida anualmente pela Divisão Infantil da Associação de Bibliotecas Americanas (EUA).

Tradução e Consultoria Editorial de Ana Maria Machado



SALAMANDRA

Coordenação editorial: Maristela Petrili de Almeida Leite Valentim Rebouças Lenice Bueno da Silva

Edição de texto: Marcelo Gomes

Assistência Editorial: Ana Lúcia Santos

Tradução: Ana Maria Machado

Preparação de texto: Antônio Carlos Marques

Coordenação de Revisão: Estevam Vieira Ledo Jr.

Revisão: José Alessandre da Silva Neto

Edição de Arte: A+ Comunicação

Ilustração de capa: José Carlos Brito *Saída de filmes:* Hélio P. de Souza

Filho Impressão e acabamento: Corprint Gráfica e Editora Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Paterson, Katherine Ponte para Terabítia / Katherine Paterson ; traduzido por Ana Maria Machado. — 2. ed. — São Paulo : Moderna, 2006.

Título original: Bridge to Terabithia.

1. Literatura infanto-juvenil I. Título.

06ª059 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infanto-juvenil 028.5

2. Literatura juvenil 028.5

A canção “Free to be... you and me” é de autoria de Stephen Lawrence E Bruce Hart. Copyright © 1982. Ms. Foundation for Women, Inc. Usada sob licença.

Impresso no Brasil, 2008

Escrevi este livro para meu filho David Lord Paterson, mas depois que ele o leu pediu que eu pusesse o nome de Lisa também nesta página, e estou pondo. Para David Paterson e Lisa Hill, banzai.

Jesse Oliver Aarons Jr.

Vruum, vruum, vruum... Tuque-tuque-tuque-tuque... Ótimo. O pai tinha conseguido que a caminhonete pegasse. Agora Jess podia se levantar. Deslizou para fora da cama, caindo direto dentro do macacão. Não se preocupou com camisa, porque assim que começasse a correr ia esquentar que nem a água da chaleira. Nem com sapatos, porque suas solas dos pés a esta altura já estavam tão grossas como as de qualquer calçado.

— Onde você vai, Jess? — perguntou May Belle, se levantando, sonolenta, da cama de casal onde ela e Joyce Ann dormiam.

— Pssiu... — avisou ele.

As paredes eram finas. Mamãe ficaria furiosa feito um touro bravo, se alguém a acordasse naquela hora do dia.

Ele acariciou o cabelo de May Belle e ajeitou o lençol enrolado, cobrindo-a até a altura do queixinho.

— Vou até o pasto — sussurrou.

May Belle sorriu e se encolheu debaixo das cobertas.

— Vai correr?

— Talvez.

É claro que ele ia correr. Tinha levantado bem cedo todos os dias do verão para correr. Metera na cabeça que, se se dedicasse bastante — e Deus sabia como estava se dedicando —, podia ser o corredor mais rápido da 5ª série quando as aulas comesçassem. E tinha que ser o mais rápido. Não um dos mais rápidos, nem quase o mais rápido, mas realmente o mais rápido de todos. O melhor de todos.

Saiu de casa na ponta dos pés. O lugar estava tão velho que rangia cada vez que ele apoiava o pé no chão, mas Jess tinha descoberto que, na pontinha do pé, o barulho era só um gemido fraco, e geralmente conseguia chegar lá fora sem acordar a mãe, Ellie, Brenda ou Joyce Ann. Já com May Belle, a história era outra. Ela ia fazer sete anos e simplesmente o adorava, o que às vezes era ótimo. Quando você é o único menino de uma família, imprensado entre quatro irmãs, e as duas mais velhas te desprezaram desde o momento em que você não deixou mais que elas ficassem te vestindo para brincar de boneca, e te empurrando de um lado para o outro num carrinho enferrujado, enquanto a menorzinha só faz chorar aos berros se você olhar para ela com uma cara mais séria, então dá para ver como é bom ter alguém que te adora. Mesmo se de vez em quando isso cria uns probleminhas.

Atravessou o quintal bem depressa. Quando respirava, o ar saía em pequenas nuvens de vapor — estava bem frio para o mês de agosto. Mas é porque ainda era

cedo. Lá pelo meio dia, quando a mãe o mandasse trabalhar lá fora, já estaria bem quente.

Miss Bessie olhou-o sonolenta, enquanto ele subia pelo monte de sucata e entulho, pulava a cerca e entrava no pasto.

— Muuuu... — fez ela, olhando pra todo lado, como se fosse outra May Belle, com seus olhos castanhos enormes e caídos.

— Oi, Miss Bessie — cumprimentou Jess, para tranqüilizá-la. — Pode continuar dormindo.

A vaca caminhou até uma mancha de capim mais verde — o pasto estava quase todo seco e marrom — e abocanhou uma boa quantidade.

— Isso, menina. Assim é que eu gosto... Fique aí tomando seu café da manhã. Não ligue para mim.

Ele sempre começava no canto mais a noroeste do pasto, agachado como os corredores profissionais que tinha visto no *Mundo dos Esportes*.

— Banguê! — exclamou.

E partiu a toda velocidade pelo campo afora. Miss Bessie caminhou em direção ao centro do pasto, sempre a segui-lo com os olhos sonados, mastigando bem devagar. Não parecia uma vaca muito esperta, mesmo levando em conta que gado em geral não tem um ar muito sabido, mas era suficientemente inteligente para sair do caminho de Jess.

O cabelo dele, cor de palha, balançava de encontro à testa, e os braços e as pernas se esparramavam para todo

lado. Ele nunca aprendera a correr direito, mas tinha pernas bem compridas para um menino de dez anos, e ninguém tinha mais garra do que ele.

A Escola Primária de Córrego da Cotovia tinha poucos recursos e faltava quase tudo, principalmente equipamento esportivo. Por isso, todas as bolas acabavam ficando com os alunos das séries mais adiantadas, na hora do recreio, depois do almoço. Mesmo se alguém da 5ª série comesse o recreio com uma bola, com toda certeza ela estaria nas mãos de um garoto da 6ª ou da 7ª antes que se passasse meia hora. Os meninos mais velhos sempre pegavam para si o centro do campo de cima, que ficava mais seco, e as meninas exigiam o pedacinho mais do alto para pular corda ou carniça, ou até para ficar só conversando, andando de um lado para o outro. Por isso, os meninos das séries de menor graduação inventaram aquela história de apostar corrida. Eles todos se alinhavam ao longo do lado mais distante do campo de baixo, onde sempre estava enlameado ou ressecado e com rachaduras, cheio de buracos. Earle Watson, que não sabia correr mas tinha uma boca enorme, gritava “Bangue!” e todos saíam correndo até uma linha que tinham riscado com o pé, ao longo da outra extremidade.

Uma vez, no ano passado, Jess tinha ganho. Não apenas uma corridinha, mas a bateria completa. Uma única vez. Mas ficou com um gostinho de vitória na boca. Ele queria mais. Desde que entrara no colégio, na 1ª série, tinha sido sempre “aquele garoto maluco que passa o tem-

po todo desenhando”. Mas houve um dia — para ser exato, um 22 de abril, uma segunda-feira meio chuvosa — em que ele correria mais que os outros e passara na frente de todo mundo, com aquela lama vermelha se enfiando pelos buracos da sola de seus tênis.

Durante o resto daquele dia, e até depois do almoço do dia seguinte, ele fora “o garoto mais rápido da 3ª, 4ª e 5ª séries”, e só estava na 4ª. Na terça-feira, Wayne Pettis ganhou de novo, como sempre. Mas este ano, Wayne Pettis estaria na 6ª. Ia jogar futebol até o Natal, e beisebol até junho, com o resto dos garotos grandes. Qualquer um tinha a chance de ser o corredor mais rápido, e ele jurava por Miss Bessie que esse campeão ia ser Jesse Oliver Aarons Jr.

Jess sacudiu bem os braços, e inclinou a cabeça em direção à cerca distante. Era capaz de ouvir os meninos da 3ª série torcendo por ele. Iam segui-lo por toda parte, como se ele fosse um astro da música *country*. E May Belle ia estourar de satisfação. *O irmão dela* ia ser o melhor, o mais rápido. Era motivo de sobra para o resto da 1ª série ficar verde de inveja.

Até mesmo o pai ia ficar orgulhoso dele. Jess fez a volta, no canto. Não dava para continuar tão depressa, mas ele ainda correu por algum tempo — era bom, ajudaria a fortalecer os músculos. May Belle contaria ao pai, assim não ia parecer que era ele, Jess, quem estava contando vantagem. Talvez o pai ficasse tão orgulhoso que até se esquecesse de como ficava cansado de viajar diariamente a

Washington, e de cavar e carregar peso o dia inteiro. Ia até deitar no chão e brincar de luta com ele, como costumavam fazer havia muito tempo. O Velho ia ficar surpreso ao constatar como ele tinha ficado forte nos últimos dois anos.

O corpo implorava que Jess parasse, mas ele ia em frente. Tinha que fazer com que aquele peito ofegante soubesse quem mandava ali.

— Jess — chamou May Belle do outro lado do monturo —, mamãe mandou você entrar pra comer. Deixe pra ordenhar mais tarde.

Ai, droga. Tinha corrido demais. Agora todo mundo ia ficar sabendo que ele tinha se levantado cedo, e iam começar a implicar com ele.

— Está bem, já vou.

Fez a volta, ainda correndo, e foi em direção ao monturo. Sem perder o ritmo, pulou por cima da cerca, embarafustou por cima da sucata, deu um tapinha na cabeça de May Belle (“Ai!”) e seguiu no trote para casa.

— Olhem sóóóó, vejam o grande campeão olímpico... — zombou Ellie, batendo duas xícaras em cima da mesa, e fazendo o café preto e forte derramar. — Lá vem ele, suando que nem uma mula carregada.

Jess empurrou para trás o cabelo caído no rosto, e desabou no banco de madeira. Jogou duas colheres de açúcar numa xícara, e soprou para que o café escaldante não lhe queimasse a boca.

— Ai, mãe, ele está fedendo... — reclamou Brenda, apertando delicadamente o nariz com os dedinhos rosados. — Mande ele se lavar...

— Vá até a pia e lave o rosto — disse a mãe, sem tirar os olhos do fogão. — E depressa. O mingau já está pegando no fundo da panela.

— Ah, mãe, de novo? — gemeu Brenda.

Deus do céu, como estava cansado! Não havia um único músculo em seu corpo que não estivesse doendo.

— Você ouviu o que mamãe disse — gritou Ellie às suas costas.

— Não dá para agüentar, mãe! — reclamou Brenda de novo. — Mande ele levar esse fedor para longe deste banco...

Jess apoiou o rosto na madeira nua da mesa.

— Jesseee! — ralhcou a mãe, agora olhando para ele. — E vá botar uma camiseta.

— Já vou...

Arrastou-se até a pia. A água que jogou no rosto e nos braços estava gelada. Sua pele quente se encolhia debaixo dos pingos frios.

May Belle estava de pé junto à porta da cozinha, olhando para ele.

— Me dê uma camiseta, May Belle.

A menina olhou-o como se sua boca fosse dizer que não, mas em vez disso, falou:

— Você não devia ter me dado um tapa na cabeça...

E saiu, obediente, para buscar a camiseta como ele tinha pedido. May Belle era um amor, dava pra contar com ela. Se fosse Joyce Ann, ainda estaria gritando por causa daquele tapinha. Criança de quatro anos é um saco.

— Eu tenho um monte de trabalho para ser feito por aqui hoje de manhã — anunciou a mãe, quando estavam terminando de comer o mingau com molho vermelho. Ela era da Geórgia e ainda cozinhava à moda de sua terra.

— Ah, mãe! — Ellie e Brenda gemeram em coro. Aquelas duas sempre conseguiam pular fora do trabalho, mais depressa do que um gafanhoto saltando pelo meio dos dedos da gente.

— *Mãe*, você prometeu que eu e Brenda podíamos ir a Millsburg comprar material para a escola.

— Vocês não têm dinheiro para ir fazer compras de material.

— *Mãe...* A gente vai só dar uma olhada... — Deus do céu, como Jess queria que Brenda parasse de falar mole daquele jeito... — Puxa, não é possível que você não quer que a gente se divirta nem um pouquinho...

— ...que você não *queira*... — corrigiu Ellie, rapidamente.

— Cala a boca!

Ellie a ignorou e Brenda prosseguiu:

— A senhora Timmons vai passar aqui para nos pegar. Eu tinha dito a Lollie, no domingo, que você falou

que a gente podia ir. Puxa, agora eu fico sem graça de ligar para ela e dizer que você mudou de idéia.

— Está bem, está bem... Mas eu não tenho dinheiro nenhum para dar para vocês, se vocês quiserem comprar alguma coisa.

Se vocês quiserem, soprou uma vozinha dentro da cabeça de Jess.

— Eu sei, mãe. Vamos levar só os cinco dólares que papai prometeu. Só isso.

— Que cinco dólares?

— Ah, mãe, você não pode ter *esquecido*... — a voz de Ellie era mais melosa do que uma barra de chocolate derretida. — Ainda na semana passada papai estava dizendo que só íamos poder gastar uns *trocados* para fazer as compras do material para a escola.

— Chega, toma logo! — disse a mãe, zangada, esticando o braço para alcançar, na prateleira em cima do fogão, a bolsa de plástico velha e gasta, cheia de rachaduras.

Contou cinco notas amassadas.

— Mãe... — Brenda ia começando de novo — ...será que não dava pra arranjar só mais uma? Assim ficam três para cada uma...

— Não!

— Mãe, não dá pra comprar nada com dois dólares e meio. Só um caderninho à-toa já está custando...

— Não!

Ellie levantou-se fazendo barulho, e começou a tirar a mesa, dizendo em voz alta:

— É a sua vez de lavar a louça, Brenda.

— Ah, Ellie...

Ellie a ameaçou com uma colher. Jess viu o olhar que acompanhou o gesto. Brenda calou-se na mesma hora, e desligou aqueles gemidos chatos que vinham saindo de sua boca pintada de batom *Brilho de Rosas*. Não era tão esperta quanto Ellie, mas mesmo assim percebeu que não devia forçar demais a situação com a mãe.

Como sempre, o trabalho todo sobrou para Jess. A mãe nunca mandava que as pequenas ajudassem, muito embora ele em geral acabasse conseguindo que May Belle fizesse alguma coisa. Deitou de novo a cabeça na mesa. A corrida tinha acabado com ele naquela manhã. Pelo ouvido que ficara do lado de cima da cabeça deitada, entrou o barulho do velho Buick da família Timmons — “Está precisando de óleo”, diria seu pai — e, em seguida, veio a algazarra animada das vozes do outro lado da porta de tela, enquanto Ellie e Brenda se apertavam no assento do carro, por entre os sete Timmonses.

— Vamos, Jesse. Vamos acabar com essa preguiça e levantar logo desse banco. As tetas de Miss Bessie já devem estar quase arrastando no chão, de tão cheias de leite. E você ainda tem que ir colher vagem.

Preguiçoso. Então o preguiçoso era ele. Deu mais um minuto de descanso à cabeça em cima da mesa.

— Jesseeel!

— Já estou indo, mãe... Num instante...

Foi May Belle quem foi contar a ele, lá na roça de vagem, que tinha um pessoal se mudando para a casa velha dos Perkins, no sítio vizinho. Jess afastou o cabelo dos olhos e olhou. Era mesmo. Tinha um caminhão parado bem na porta. Um daqueles grandões, fechados. Puxa, aquela gente tinha um montão de coisa. Mas não iam ficar muito tempo por ali. A casa dos Perkins era uma dessas casas bem velhas, caindo aos pedaços, para onde as pessoas se mudam só quando não têm um lugar decente para morar, mas, assim que podem, tratam de sair dali o mais depressa possível. Mais tarde, ele bem que pensou nisso: que coisa estranha, provavelmente a coisa mais importante da vida dele estava acontecendo e ele sacudia os ombros, nem ligava, como se não fosse nada.

As moscas zumbiam em volta de seu rosto e dos ombros suados. Jogou as vagens no balde e o pegou com as duas mãos.

— Traga minha camiseta, May Belle.

As moscas eram mais importantes que o caminhão de mudanças.

May Belle foi correndo até o fim do caminhezinho e apanhou a camiseta que ele tinha jogado por lá. Veio andando, segurando a roupa com dois dedos, bem longe do corpo.

— Ai, que fedor... — disse, igualzinho a Brenda.

— Cala a boca! — cortou ele, e tirou a camiseta da mão dela.

Leslie Burke

Ellie e Brenda não tinham voltado e já eram sete horas. Jess tinha acabado de colher todas as vagens e ajudara a mãe a fazer conserva, para aproveitar tudo. Ela só fazia conservas quando o dia estivesse bem quente, um calor escaldante. Dessa forma, com todo aquele trabalho de ferver as vagens, a cozinha acabava virando uma sucursal do inferno. É claro que nessas horas ela ficava com um humor ainda mais terrível, e passara a tarde toda gritando com Jess. No fim, inteiramente exausta, nem agüentava mais fazer o jantar.

Jess fez uns sanduíches de pasta de amendoim para ele e as irmãs pequenas, e como a cozinha ainda estava muito quente e dando enjôo, de tanto cheiro de vagem cozida, os três foram comer lá fora.

O caminhão de mudanças ainda estava parado em frente à casa dos Perkins. Não se via ninguém andando em volta, então na certa já tinham acabado de descarregar tudo.

— Tomara que eles tenham uma menina, de uns seis ou sete anos — disse May Belle. — Preciso de alguém para brincar comigo.

— Você tem Joyce Ann.

— Eu detesto Joyce Ann. Ela é uma pirralha.

A boca de Joyce Ann fez beicinho. Os dois viram os lábios dela começando a tremer. Em seguida, o corpinho rechonchudo se sacudiu todo, e ela começou a chorar bem alto.

— Quem está implicando com a neném? — gritou a mãe, lá de dentro, pela porta de tela.

Jess suspirou e enfiou o resto de seu sanduíche na boca aberta de Joyce Ann. Ela arregalou os olhos e fechou a boca, agarrando o presente inesperado. Talvez assim ele conseguisse um pouco de sossego.

Fechou a porta devagarzinho quando entrou, e se esgueirou para passar pela mãe, que estava se balançando na cadeira da cozinha e vendo televisão. No quarto que dividia com as irmãs menores, enfiou a mão por baixo do colchão e puxou um bloco e uns lápis. Depois, de bruços na cama, começou a desenhar.

Jess desenhava do mesmo jeito que tem gente que bebe uísque. Ia baixando nele uma paz, que começava no alto do cérebro atormentado e ia descendo e se espalhando por todo o corpo cansado e tenso. Deus do céu, como adorava desenhar! Principalmente bichos. Não animais normais, como Miss Bessie ou as galinhas, mas uns animais malucos, cheios de problemas — por alguma razão estranha, gostava de colocar seus bichos em situações impossíveis. Esse de agora era um hipopótamo que acabava de pular da beira de um penhasco, dando cambalhotas no ar — dava para ver, por causa das linhas curvas —, em

direção ao mar, lá embaixo, onde uns peixes apanhados de surpresa pulavam da água com olhos esbugalhados. Havia um balão de fala na parte de cima do hipopótamo — onde devia estar a cabeça, mas na verdade estava a bunda — e dizia: “Oh! Devo ter esquecido os óculos!”.

Jess começou a sorrir. Se resolvesse mostrar o desenho a May Belle, ia ter que explicar a piada. Mas, depois que explicas se, ela ia cair na gargalhada, e rir como o público daqueles programas de televisão ao vivo.

Gostaria muito de mostrar os desenhos ao pai, mas não tinha coragem. Quando estava na primeira série, uma vez tinha dito ao pai que queria ser artista quando crescesse. Achou que o pai ia gostar. Mas ele não gostou. “O que é que estão lhe ensinando naquela droga de escola?”, perguntara. “Um bando de velhas fazendo meu filho virar um...” Parou antes de dizer a palavra, mas Jess captou a mensagem. E não se esquecia dela, mesmo depois de terem se passado quatro anos.

O pior é que nenhum dos professores regulares gostava dos desenhos que ele fazia. Sempre que o pegavam rabiscando, reclamavam do desperdício — estava perdendo tempo, gastando papel, devia estar fazendo coisa melhor. A não ser *Miss* Edmunds, a professora de Música. Era a única a quem ele tinha coragem de mostrar alguma coisa, mas ela só estava na escola havia um ano, e mesmo assim, só vinha às sextas-feiras.

Miss Edmunds era um de seus segredos. Estava apaixonado por ela. Não aquele tipo de coisa idiota que en-

chia de risadinhas as conversas de Ellie e Brenda pelo telefone. Era real demais, profundo demais para ele ficar falando, até mesmo para ficar pensando muito. O cabelo dela, comprido, preto e brilhante, e os olhos azuis... muito azuis. Ela tocava violão como se fosse uma grande artista, dessas que gravam discos cheios de canções, e tinha uma voz suave e gostosa, que fazia Jess se derreter por dentro. E, Deus do céu, como era linda! Além de tudo, gostava dele, também.

Um dia, no inverno passado, ele lhe dera um de seus desenhos. Só entregou na mão dela no fim da aula, e saiu correndo. Na sexta-feira seguinte, ela pediu que ele ficasse um pouco mais depois da aula. E disse que ele tinha “um talento fora do comum”, e que esperava que ele nunca se deixasse desanimar por nada, mas “fosse em frente”. Isso queria dizer, Jess tinha certeza, que ela achava que ele era o melhor. Não aquele tipo de melhor que conta ponto em casa ou na escola, mas um tipo verdadeiro de melhor. Guardou isso bem lá no fundo de si mesmo, como se fosse um tesouro de piratas, bem enterrado. Ele era rico, muito rico, mas ninguém podia saber disso, a não ser aquela outra pessoa que era marginal como ele, sua companheira Julia Edmunds.

— Pelo jeito, ela deve ser meio *hippie* — dissera a mãe, quando Brenda (que no ano anterior estava na 7ª série) lhe descrevera *Miss* Edmunds.

Talvez fosse mesmo. Jess nem ia discutir uma coisa dessas, mas para ele a professora era uma bela criatura,

meio selvagem, que fora apanhada por um momento naquela gaiola suja e velha de uma escola, talvez por engano. Mas ele esperava — e rezava por essa esperança — que ela nunca se soltasse e voasse para longe. Ele só conseguia agüentar a chateação de uma semana inteira na escola por causa daquela meia horinha nas tardes de sexta-feira, quando todos se sentavam no tapete gasto do chão da sala dos professores (não havia outro lugar no prédio com espaço para *Miss* Edmunds espalhar a tralha dela) e cantavam canções como *Meu lindo balão*, *Esta terra é sua terra*, *Libre para ser você e eu*, *Soprando no vento* e, porque o senhor Turner, que era o diretor, fazia questão, também *Deus salve a América*.

Miss Edmunds ficava tocando violão e deixava as crianças se revezarem nos triângulos, címbalos, pandeiros e bongôs. Deus do céu, eles conseguiam fazer uma barulhada! Todos os professores odiavam as sextas-feiras. E um monte de meninos fazia de conta que também detestava.

Mas Jess sabia que eles estavam fingindo. Como se fosse um xingamento, os meninos a chamavam de *hippie* ou *pacifista*, mesmo depois de terminada a Guerra do Vietnã, quando tudo já devia estar bem de novo para quem quisesse gostar da paz. Mas eles zombavam de *Miss* Edmunds porque ela não usava batom, ou porque o corte dos *jeans* dela era esquisito. É verdade que *Miss* Edmunds era a única professora que podia ser vista usando calça comprida na Escola Primária de Córrego da Cotovia. Vá

lá que fosse moda em Washington e em seus bairros elegantes, ou até mesmo em Millsburg, mas em Córrego da Cotovia era a coisa mais fora de moda. Levaram muito tempo para aceitar que uma coisa que todo mundo via a toda hora na televisão podia estar bem em qualquer lugar.

Por isso, os estudantes da Escola Primária do Córrego da Cotovia passavam a sexta-feira todinha sentados diante das carteiras, com os corações batendo forte de expectativa ao ouvirem o alegre pandemônio que vinha da sala dos professores enquanto sua vez não chegava; depois passavam sua meia hora com *Miss* Edmunds, encantados por aquela beleza selvagem e fascinados por seu entusiasmo, e depois saíam, fazendo de conta que não admitiam serem hipnotizados por uma dessas *hippies* de *jeans* apertados, com maquiagem carregada em volta dos olhos e nem um pouquinho de batom na boca.

Jess se limitava a ficar calado. Não ia adiantar nada se tentasse defender *Miss* Edmunds diante daqueles ataques injustos e hipócritas. Além disso, ela era muito superior àquele comportamento idiota. Nada podia atingi-la. Mas, sempre que possível, ele roubava uns minutos na sexta-feira, apenas para ficar perto dela e ouvir sua voz, suave e macia como se fosse de camurça, a lhe garantir que ele era um “garoto ótimo”.

“Nós somos parecidos”, Jess dizia para si mesmo, “*Miss* Edmunds e eu”. A linda Julia. As sílabas rolavam por sua cabeça como uma sucessão de acordes do violão. “Córrego da Cotovia não é um lugar para nós — Julia e

eu.” “Você é um diamante num palheiro”, lhe dissera ela um dia, tocando de leve seu nariz com a ponta de um dedo eletrizante. Mas ela é que era um diamante, cintilando no meio daquele ambiente enlameado, sem grama, cheio de tijolos sujos.

— Jesseeel!

Jess enfiou o bloco e os lápis debaixo do colchão e ficou deitado de bruços, com o coração batendo forte junto à colcha. A mãe estava na porta:

— Já ordenhou a vaca?

Pulou para fora da cama.

— Estou indo.

Passou por ela e saiu, agarrando o balde que ficava do lado da pia, e o banquinho junto à porta. Tão rápido que nem deu tempo para ela lhe perguntar o que estava fazendo.

As luzes estavam acesas nos três andares da velha casa dos Perkins. Estava quase escuro. As tetas de Miss Bessie estavam cheias, e a coitada da vaca se mexia de um lado para o outro, desconfortável. Deveria ter sido ordenhada horas antes. Ele se sentou no banquinho e começou a trabalhar: o leite morno jorrava no balde. Lá longe, na estrada, de vez em quando passava um caminhão, já com os faróis acesos. Dali a pouco, o pai ia chegar, e também aquelas meninas tagarelas que sempre davam um jeito para ir se divertir e deixar a mãe e ele para fazerem todo o trabalho. O que será que elas tinham comprado com todo aquele dinheiro? Deus do céu, o que ele não daria por

um bloco novo, de papel de desenho de verdade, e uma caixa daquelas canetas de marcar, com as cores escorrendo para a página sem nenhum esforço, com a velocidade do pensamento, era só tocar... Não como aqueles cotocos de lápis velhos da escola, que a gente tinha que apertar, com força, até que alguém viesse encher o saco dizendo que assim iam quebrar.

Um carro estava entrando no quintal. Era o dos Timmonses. As meninas tinham chegado em casa antes do pai. Jess podia ouvir suas vozes alegres se despedindo enquanto batiam as portas do carro. A mãe ia servir o jantar para elas e, quando ele entrasse, estariam todas rindo e conversando. A mãe ia até esquecer que estava cansada e zangada. Ele era o único que tinha que aturar aquilo. Às vezes se sentia tão sozinho no meio de todo aquele mulherio... Até o único galo tinha morrido, e ainda não tinham arranjado outro. Com o pai longe, desde antes de o sol nascer até bem depois de escurecer, quem estava por perto para saber como ele se sentia? E não era melhor nos fins de semana. O pai estava sempre tão exausto da maratona da semana, e com tanta coisa para fazer em casa, que, quando não estava trabalhando, acabava dormindo na frente da televisão.

— Ei, Jess!

Era May Belle. A pirralha não era capaz nem de deixar o cara pensar sossegado.

— O que é que você quer agora?

Ela se encolheu toda, como se estivesse diminuindo uns dois tamanhos de roupa.

— Tenho uma coisa pra te contar — disse ela, inclinando a cabeça.

— Você já devia estar na cama — resmungou ele, zangado consigo mesmo por estar cortando a dela.

— Ellie já voltou mais Brenda.

— *Com Brenda. Com...*

Será que não conseguia parar de implicar com a irmã? Mas a notícia que a pequena trazia era deliciosa demais para que ela conseguisse se controlar.

— Ellie comprou uma blusa transparente, e mamãe está tendo um ataque!

“Ótimo”, pensou ele. Mas disse:

— Não é motivo para festejar.

Tuque-tuque-tuque...

— Papai! — exclamou May Belle, encantada, e saiu correndo em direção à estrada.

Jess viu o pai parar o caminhão e se inclinar para destravar a porta, para que May Belle pudesse entrar. Virou-se para o outro lado. Menina de sorte. Ela podia correr para junto do pai, abraçá-lo e dar um beijo nele. Era uma coisa que dava um aperto de dor por dentro: toda vez que Jess via o pai pegar as pequenas e pôr nos ombros, ou se abaixar para abraçá-las.

Tinha impressão de que fora considerado grande demais para essas coisas desde o dia em que nascera.

Quando o balde ficou bem cheio, deu um tapinha em Miss Bessie para que ela saísse do lugar. Ajeitando o banquinho debaixo do braço esquerdo, carregou o balde pesado com cuidado, para não derramar nem uma gota do leite.

— Hoje você se atrasou um pouco com essa ordenha, não foi, filho?

Foi a única coisa que o pai disse diretamente a ele, a noite toda.

* * *

Na manhã seguinte, ele quase não despertou com o barulho da caminhonete. Mesmo antes de acordar por completo, dava para sentir como ainda estava cansado. Mas May Belle estava sorrindo para ele, apoiada num dos cotovelos.

— Ei, você hoje não vai correr? — perguntou.

— Não — respondeu ele, jogando o lençol longe.
— Eu hoje vou voar.

Como estava mais cansado do que de costume, teve que fazer um esforço ainda maior. Fez de conta que Wayne Pettis estava ali, um pouquinho à sua frente, e que ele não podia ficar para trás. Seus pés batiam no chão irregular, enquanto ganhava impulso com os braços, cada vez mais forte. Ia alcançá-lo.

— Preste atenção, Wayne Pettis — disse, entredentes —, vou te passar. Você não vai ganhar de mim.

— Se está com tanto medo da vaca — disse uma voz —, por que não pula a cerca? É mais fácil...

Jess parou no meio da ação, como aquele efeito que aparece nos filmes da televisão quando a imagem se congela, e virou, quase perdendo o equilíbrio, para ver quem fizera a pergunta — era alguém sentado na cerca perto da velha casa dos Perkins, com as pernas nuas e morenas balançando. A pessoa tinha um cabelo castanho meio arrepiado, cortado bem curtinho junto ao rosto e usava uma dessas camisetas azuis que parecem roupa de baixo, com uns *jeans* muito desbotados, cortados logo acima dos joelhos. Sinceramente, não dava para saber se era menino ou menina.

— Ei! — cumprimentou ele, ou ela, apontando com a cabeça para a casa velha dos Perkins. — Acabamos de nos mudar para ali.

Jess parou onde estava, e ficou olhando.

A pessoa desceu da cerca, escorregando, e andou em sua direção.

— Achei que a gente podia ser amigo — disse. — Não há mais ninguém por perto.

“Menina”, concluiu ele. Sem dúvida nenhuma, menina. Mas não tinha a menor idéia de como é que podia ter tanta certeza. Tinha mais ou menos a mesma altura que ele — mas nem tanto, era um pouquinho mais baixa, como teve o prazer de constatar quando ela se aproximou.

— Meu nome é Leslie Burke.

Ela até tinha um desses nomes meio bobos que servem para menino ou menina, mas agora ele tinha certeza de que não se enganara.

— O que foi que aconteceu?

— Ahn?

— Aconteceu alguma coisa?

— É... não...

Apontou o dedo em direção à própria casa, depois tirou o cabelo da testa e se apresentou:

— Jess Aarons.

Uma pena que a menina que May Belle queria veio no tamanho errado.

— Bem... bem... — cumprimentou-a com um gesto de cabeça. — Vou indo.

Deu meia-volta e tomou o caminho de casa. Não adiantava tentar correr mais nessa manhã. Era melhor ordenhar logo Miss Bessie e ficar livre disso de uma vez.

— Ei! — gritou Leslie, parada no meio do pasto, com a cabeça levantada e as mãos na cintura. — Onde é que você está indo?

— Tenho que trabalhar — respondeu ele, virando-se ligeiramente.

Mais tarde, quando saiu com o balde e o banquinho, ela tinha ido embora.

O campeão da 5ª série

Jess não tornou a ver Leslie Burke, a não ser de longe, até o primeiro dia de aula, na terça-feira seguinte, quando o senhor Turner a trouxe até a sala da 5ª série da Escola Primária de Córrego da Cotovia.

Leslie ainda estava vestida com a mesma calça cortada e a mesma camiseta azul. Calçava tênis sem meias. Quase dava para ver um ar de surpresa subindo feito uma fumacinha na sala, como o vapor que sai de um radiador de carro quando a gente tira a tampa. Todos estavam ali, sentadinhos, com suas melhores roupas de domingo de primavera. Até Jess estava usando sua única calça de veludo cotelê e uma camisa bem passada.

Pelo jeito, ela nem ligou para a reação geral. Ficou parada ali na frente deles, dizendo com os olhos “Tudo bem, pessoal, estou aqui”, em resposta aos olhares boquiabertos, enquanto a senhora Myers zanzava de um lado para o outro que nem uma barata tonta, tentando ver se descobria onde podia colocar a carteira extra. A sala era pequena e ficava no porão. E cinco fileiras, com seis carteiras cada, já a deixavam atulhada demais para ser confortável.

— Trinta e um... — resmungava sem parar a senhora Myers, por cima de seu queixo duplo. — Trinta e um... Ninguém tem mais de vinte e nove.

Acabou resolvendo colocar a carteira junto à parede lateral, lá na frente.

— Fique aqui por enquanto... ahn... Leslie. É o melhor que podemos fazer... por enquanto. Esta classe já tem muita gente.

E lançou um olhar quase agressivo em direção ao vulto do senhor Turner, que se afastava.

Leslie ficou quieta, esperando que o menino da 7ª série que tinha sido mandado lá embaixo para trazer a carteira acabasse de colocá-la na posição certa, encostada no aquecedor e debaixo da primeira janela. Sem fazer barulho, ela a empurrou um pouco para a frente do aquecedor, e se instalou. Depois, virou-se e, mais uma vez, contemplou o resto da turma.

Na mesma hora, trinta pares de olhos focalizaram, de repente, os arranhões nos tampos das carteiras. Jess passou o dedo indicador em volta de um coração, com dois pares de iniciais, BR + SK, tentando adivinhar de quem podia ter herdado aquela carteira. Provavelmente, de Sally Koch. Na 5ª série, geralmente as meninas desenhavam muito mais aquelas coisas de corações do que os meninos. Além disso, BR devia ser Billy Rudd, e todo mundo sabia que na primavera anterior Billy estava a fim de Myrna Hauser. É claro que aquelas iniciais podiam estar ali havia muito mais tempo, e nesse caso...

— Jesse Aarons. Bobby Greggs. Distribuam os livros de Matemática. Por favor.

Ao dizer a última palavra, a senhora Myers exibiu seu famoso sorriso de primeiro dia de aula. As séries mais adiantadas costumavam dizer que a senhora Myers nunca sorria, a não ser no primeiro e no último dia de aula.

Jess levantou-se e foi até a frente. Quando passou pelo lugar de Leslie, ela deu um sorrisinho e fez um ligeiro aceno com os dedos, sem levantar a mão, numa espécie de cumprimento. Ele a saudou com a cabeça. Não podia deixar de ficar com pena dela. Devia ser constrangedor se sentar bem na frente de todo mundo daquele jeito, ainda mais quando a pessoa está vestida de um modo esquisito no primeiro dia de aula. E não conhece ninguém.

Foi distribuindo os livros, como a senhora Myers tinha mandado. Gary Fulcher agarrou o braço dele, quando passou:

— Vai correr hoje?

Jess confirmou, com a cabeça. Gary deu um risinho zombeteiro. “Ele acha que vai me derrotar, o cabeça-oca”. Pensando nisso, Jess sentiu um calorzinho por dentro. Sabia que estava melhor do que na primavera anterior. Fulcher podia achar que ia chegar em primeiro lugar, agora que Wayne Pettis estava na 6ª série, mas ele, Jess, tinha preparado uma *surpresinha* para o velho Fulcher, quando chegasse a hora do recreio. Era como se tivesse engolido gafanhotos. Estava pronto para disparar e mal conseguia esperar.

A senhora Myers distribuía os livros quase como se fosse o presidente dos Estados Unidos, de tanto que encompridava o processo com uma porção de assinaturas e cerimônias absurdas. Passou pela cabeça de Jess que ela também estava querendo adiar as aulas de verdade, o máximo possível. Enquanto não chegava sua vez de passar adiante algum livro, Jess arrancou uma folha de caderno e começou a desenhar. Estava brincando com a idéia de fazer um livro inteiro, só de desenhos. Precisava definir um personagem principal e fazer uma história com ele. Rabiscou uma porção de animais, tentando pensar num nome. Se tivesse um título bom, já era meio caminho andado. *O elefante elegante?* Soava bem. *Dante, o elefante elegante?* Ainda melhor. Ou *O caso do crocodilo crocante?* Nada mal...

— Que é que você está desenhando? — perguntou Gary Fulcher, debruçado sobre a carteira dele.

Jess cobriu a página com o braço.

— Nada.

— Ah, deixe eu ver...

Jess sacudiu a cabeça.

Gary se esticou e tentou puxar a mão de Jess, para descobrir o papel.

— O caso do cro... puxa, Jess, deixe eu ver... — murmurou ele, meio rouco. — Não vai tirar pedaço.

Puxou com força o polegar de Jess, torcendo-o para trás. Jess cobriu o papel com os dois braços, enquanto pisava com o calcanhar no dedão do pé de Gary Fulcher.

— Aaa!

— Meninos! — gritou a senhora Myers, perdendo os últimos vestígios de seu sorriso mecânico.

— Ele pisou no meu dedo.

— Sente-se direito, Gary.

— Mas ele...

— Sente-se!

— Jesse Aarons, não quero mais nem um pio vindo do seu lugar. Se não, você fica sem recreio. Agora, todos copiando o dicionário.

Jess sentiu o rosto ficando quente. Guardou a folha do caderno de novo dentro da carteira e abaixou a cabeça. Mais um ano inteiro daquilo. Mais oito anos daquilo. Não tinha certeza de conseguir agüentar.

* * *

Todos lancharam sem sair das carteiras. Havia mais de vinte anos que o distrito prometia um refeitório a Córrego da Cotovia, mas parecia que o dinheiro nunca dava. Jess ficara com tanto medo de perder o recreio que até agora, mastigando seu sanduíche de mortadela, continuava de boca fechada e olhos baixos, comendo sobre o coração com as iniciais. À sua volta, todo mundo conversava. Não deviam falar enquanto comiam, mas era o primeiro dia e até mesmo Myers Boca-de-Monstro lançava menos faíscas no primeiro dia.

— Ela está comendo mingau.

Duas carteiras adiante da dele, Mary Lou Peoples se esforçava para manter seu posto de segunda menina mais fresca da 5ª série.

— É iogurte, sua imbecil. Você não vê televisão, é?
— cortou Wanda Kay Moore, a fresca número um, que se sentava logo na frente de Jess.

— Eca!

Deus do céu, será que elas não conseguiam deixar os outros em paz? Por que é que Leslie Burke não podia comer o que tivesse vontade?

Ele esqueceu que estava tentando comer em silêncio e tomou um gole de leite fazendo barulho.

Wanda Moore virou para trás, fazendo uma careta:

— Jesse Aarons, esse som é repugnante...

Ele olhou bem para a cara dela e deu outro gole barulhento.

— Você é nojento!

Rrrrringue! O sinal do recreio. Num pulo, os meninos já se acotovelvavam junto à porta, todos querendo sair primeiro.

— Sentem-se, garotos... Deus do céu!

— ...enquanto as meninas fazem fila para sair para o pátio. Primeiro, as damas.

Os meninos se agitavam na beirada das cadeiras, como mariposas lutando para sair dos casulos. Será que ela nunca ia deixar que eles voassem?

— Muito bem, meninos, agora é sua vez... Se vocês quiserem ir...

Eles não lhe deram a menor chance de mudar de idéia. Já estavam quase alcançando o final do campo antes que ela chegasse à metade da frase.

Os dois primeiros a chegar lá fora começaram a riscar o chão com a ponta do pé, para marcar a linha de chegada. O chão tinha sido encharcado por várias chuvas passadas, e depois tinha endurecido com a estiagem do verão, de modo que eles tiveram de desistir de traçar a linha com a ponta dos tênis e trataram de riscá-la com um pedaço de pau. Os meninos da 5ª série, ardendo de impaciência com a nova importância que acabavam de adquirir, davam ordens aos da 4ª a torto e a direito, enquanto os menores tentavam se meter pelo meio deles sem chamar a atenção.

— Quantos de vocês vão correr? — perguntou Gary Fulcher.

— Eu...

— Eu...

— Eu...

Todo mundo gritava ao mesmo tempo.

— É gente demais. Ninguém da 1ª, nem da 2ª nem da 3ª série... a não ser, talvez, os dois primos Butcher e Timmy Vaughn. O resto só vai atrapalhar.

Vários ombros deram mostras de desânimo, mas de qualquer modo os meninos menores obedeceram e recuaram.

— Muito bem. Isso nos deixa com vinte e seis, vinte e sete... fiquem quietos... vinte e oito. Confere, Greg?

— perguntou Fulcher a Greg Williams, que parecia a sombra dele.

— Exato. Vinte e oito.

— Muito bem. Então, vamos fazer as eliminatórias, como sempre. Dividimos em quatro grupos. Primeiro, correm os do grupo um. Depois, os do dois...

— A gente já sabe, chega...

Todo mundo estava impaciente com Gary, que tentava a todo custo parecer o Wayne Pettis desse ano.

Jess estava no grupo quatro, o que para ele era ótimo. Estava louco para correr, mas na verdade não se incomodava de ter a oportunidade de ver como estavam os outros, desde a primavera. Fulcher estava no grupo um, claro, porque tinha começado tudo com ele mesmo. Jess conteve um sorriso pelas costas de Fulcher, e enfiou as mãos nos bolsos de suas calças de veludo cotelê, até o dedo médio da mão direita se meter num buraco que havia no fundo.

Gary ganhou a primeira bateria com a maior facilidade e ainda ficou cheio de fôlego para dar ordens na organização da segunda. Alguns dos meninos menores saíram de perto e foram brincar de escorregar no barranco que ficava entre o terreno mais alto e o mais baixo. Pelo canto do olho, Jess viu que alguém vinha descendo e chegando perto. Virou as costas e fingiu que estava se concentrando nas ordens que Fulcher gritava.

— Ei! — Leslie Burke tinha chegado junto dele.

Jess chegou ligeiramente para o lado.

— Ahnnn...

— Você não vai correr?

— Mais tarde.

Quem sabe, se ele não olhasse para ela, a menina ia embora, voltava ao terreno lá de cima, que era o lugar dela.

Gary mandou Earle Watson dar o sinal de partida. Não havia ninguém com muita velocidade naquele grupo. Jess ficou observando as costas curvadas e as camisas dos corredores esvoaçando.

Na linha de chegada, estourou uma briga entre Jimmy Mitchell e Clyde Deal. Todo mundo foi ver de perto. Jess estava consciente de que Leslie Burke continuava grudada no cotovelo dele, mas tomou o maior cuidado para não olhar na direção dela.

— Clyde — decretou Gary Fulcher. — Quem ganhou foi Clyde.

— Eles empataram, Fulcher — protestou um aluno da 4ª série. — Eu estava parado bem aqui e vi.

— Clyde Deal ganhou.

Jimmy Mitchell estava apertando a mandíbula. De raiva.

— Quem ganhou fui eu, Fulcher. De onde você estava, nem dava para ver nada.

— O vencedor foi Deal — insistiu Gary, ignorando os protestos. — Estamos perdendo tempo. Agora o pessoal do grupo três. Vamos logo.

Os punhos de Jimmy se ergueram:

— Não é justo, Fulcher.

Gary virou as costas e saiu caminhando em direção à linha de largada.

— Deixa os dois disputarem a final... Que mal faz?

— disse Jess, em voz alta.

Gary parou de andar e se virou para encarar Jess. E, em seguida, olhou para Leslie Burke. Com a voz destilando sarcasmo, zombou:

— Só falta agora você querer deixar alguma *garota* correr também...

O rosto de Jess ficou quente. Mas, como quem não se importa, ele só disse:

— Claro. Por que não?

Virou-se para Leslie e perguntou:

— Quer entrar na corrida?

— Claro — confirmou ela, sorrindo. — Por que não?

— Você não tem medo de disputar a corrida com uma menina, não é, Fulcher? Ou será que tem?

Por um minuto, achou que Gary ia enchê-lo de socos, e ficou tenso, esperando. Não podia deixar Gary desconfiar que estava com medo e que sentia um aperto na garganta. Mas o outro não o atacou e, em vez disso, saiu num passo apressado, dando ordens aos meninos do grupo três, que se preparavam para a disputa.

— Você pode correr no grupo quatro, Leslie — disse Jess, em voz bem alta, para ter certeza de que Fulcher tinha ouvido.

Depois, se concentrou nos corredores. “Viu só”, disse a si mesmo, “você pode enfrentar um mandão que nem Fulcher. É só não esquentar a cabeça”.

Bobby Miller ganhou fácil no grupo três. Era o melhor na 4ª série, quase tão rápido quanto Fulcher. “Mas não é tão bom quanto eu, agora”, pensou Jess. Estava começando a ficar realmente animado. Não havia ninguém no grupo quatro que pudesse ganhar dele numa corrida. Mas, de qualquer modo, era bom ir logo dando um susto em Fulcher, e correr bem rápido naquela bateria de aquecimento.

Leslie se alinhou a seu lado, à direita. Ele chegou um pouquinho para a esquerda, mas parecia que ela nem tinha reparado.

Dado o sinal, Jess disparou. Sentia-se bem... até mesmo distinguindo o chão áspero nas solas gastas dos seus tênis velhos. Estava indo bem. Quase podia sentir o cheiro do espanto de Gary Fulcher diante de seu progresso. Os outros meninos gritavam, torciam, faziam mais barulho do que tinham feito nas outras baterias. Talvez estivessem todos notando como ele melhorara. Queria olhar para trás e ver onde os outros estavam, mas resistiu à tentação. Ia parecer convencimento. Concentrou-se na linha à sua frente. A cada passo, ela chegava mais perto. “Ah, Miss Bessie, se você pudesse me ver agora...”

Sentiu antes de ver. Alguém se aproximava, veloz. Automaticamente, fez mais esforço, deu mais impulso. Aí a forma chegou à sua visão lateral. E de repente, passou a sua frente. Ele se esforçou ainda mais, deu tudo. Estava quase sem fôlego, o suor escorria e entrava nos olhos. Mas de qualquer modo, percebeu o vulto. A calça desbotada e cortada cruzou a linha de chegada quase um metro antes dele.

Leslie se virou e olhou para ele com um sorriso amplo no rosto bronzeado. Ele tropeçou e, sem dizer uma palavra, começou a andar, quase correndo, de volta para a linha de partida. Esse era o dia em que ia ser campeão... ia ser o corredor mais veloz da 4ª e 5ª séries juntas, e nem ao menos conseguira ganhar a sua bateria. Em nenhum dos extremos do campo se ouvia um grito, ou um “Viva!” sequer. Os outros meninos estavam tão chocados quanto ele. A gozação viria mais tarde, ele tinha certeza. Mas, pelo menos, na hora, ninguém dizia uma palavra.

— Muito bem — Fulcher assumiu o comando de novo, tentando mostrar que continuava controlando a situação. — Agora os vencedores se alinham para a disputa final.

Andou em direção a Leslie e ordenou:

— Você já se divertiu. Agora pode correr e ir brincar amarelinha lá em cima.

— Mas eu ganhei a eliminatória — disse ela.

Gary baixou a cabeça, como um touro que fosse investir.

— Menina não pode brincar no terreno daqui de baixo. É melhor você ir lá para cima antes que alguma professora te veja.

— Mas eu quero correr — disse ela, tranqüila.

— Tudo bem, já correu...

— O que é que está acontecendo, Fulcher? — perguntou Jess, com toda sua raiva vindo à tona, como se não pudesse ser controlada. — O que é que há? Está com medo de disputar com ela?

Fulcher ergueu o punho, ameaçador, mas Jess se afastou. Fulcher ia ter que deixá-la correr agora, ele sabia. E deixou. Com raiva e resmungando, mas deixou.

E ela o derrotou. Chegou em primeiro lugar e virou seus olhos imensos e brilhantes para um bando de caras suadas e zangadas, com ar de idiotas. O sinal tocou. Jess começou a atravessar o terreno de baixo, ainda com as mãos enfiadas nos bolsos, bem no fundo. Ela o alcançou. Ele tirou as mãos dos bolsos e foi andando mais depressa para a colina. Já se metera em encrenca demais por causa dela. Mas a menina apertou o passo, recusando-se a ser deixada para trás.

— Obrigada — disse.

— É? — disse ele, enquanto pensava “Por quê?”.

— Você é o único menino nesta porcaria desta escola em quem vale a pena a gente dar um tiro.

— Pois então, atire — disse ele.

No ônibus, naquela tarde, ele fez uma coisa que nunca pensara fazer. Sentou-se ao lado de May Belle. Era

o único jeito de garantir que Leslie não ia se instalar ao lado dele. Deus do céu, aquela garota nem desconfiava que há coisas que simplesmente não se fazem. Ficou olhando pela janela, lá para fora, mas sabia que ela tinha chegado perto e sentado logo ali, do outro lado do corredor.

Percebeu que ela tinha dito “Jess” uma vez, mas como o ônibus era muito barulhento, deu para fazer de conta que não tinha ouvido. Quando chegou a hora de descer, ele agarrou a mão de May Belle e a puxou para fora, o tempo todo consciente de que Leslie vinha bem atrás. Mas ela não tentou falar com ele de novo, nem os seguiu. Só saiu correndo para a velha casa dos Perkins. Ele não conseguiu deixar de se virar para ver. Ela corria como se isso fizesse parte de sua natureza. Fez com que ele se lembrasse do vôo dos patos selvagens no outono. Tão suave... A palavra “bonito” lhe veio à mente, mas ele a sacudiu para longe, e tratou de ir depressa para casa.

Os reis de Terabítia

Como o primeiro dia de aula foi uma terça-feira, depois de um feriado, a semana foi meio curta. Ainda bem, porque a cada dia tudo ia ficando pior do que na véspera. Leslie continuou a ir para junto dos meninos na hora do recreio, e todos os dias ela ganhava a corrida. Na sexta-feira, um bom número de meninos da 4ª e da 5ª séries já estavam preferindo brincar de deslizar no barranco entre os dois terrenos. Como ficaram poucos, não precisavam mais fazer eliminatórias com várias baterias, e isso diminuía muito a emoção. Correr era agora uma coisa sem graça. E tudo por causa de Leslie.

Agora Jess sabia que nunca iria conseguir ser o corredor mais veloz entre os alunos da 4ª e da 5ª série juntos, e seu único consolo era que Gary Fulcher também não conseguiria. Eles chegaram a disputar todas as etapas da competição da sexta-feira, mas, como tudo acabou com mais uma vitória de Leslie, todo mundo teve a certeza absoluta de que aquilo significava o fim das corridas para sempre, nem precisava dizer nada.

Pelo menos, era sexta-feira, dia de *Miss* Edmunds voltar. A aula de Música da 5ª série era logo depois do recreio. Jess tinha passado por *Miss* Edmunds no saguão lo-

go cedo e ela o tinha parado para conversar, toda interessada:

— E então? Continuou desenhando durante o verão?

— Sim, senhora.

— Posso ver seus desenhos ou é segredo?

Jess jogou para trás o cabelo que caía sobre a testa, vermelho:

— Eu mostro pra senhora.

Ela sorriu, aquele sorriso lindo, de dentes perfeitos e lançou para trás dos ombros os cabelos negros e brilhantes:

— Ótimo! Estou esperando.

O menino cumprimentou com a cabeça e ela tornou a sorrir. Até os dedos dos pés dele ficaram quentes e formigando.

Agora, sentado no tapete no chão da sala dos professores, tornava a sentir aquela sensação de calor gostoso, que se espalhava por todo o seu corpo apenas com o som da voz dela. Até mesmo quando ela estava só falando, sua voz brotava de dentro, rica e melodiosa.

Miss Edmunds brincou um pouco com o violão, dando uns acordes, conversando enquanto apertava as cordas, em meio ao tilintar das pulseiras. Como sempre, estava de *jeans*, e se sentava com as pernas cruzadas diante deles, como se esse fosse o jeito normal de todos os professores. Perguntou a alguns dos alunos como estavam, e como tinham passado o verão. Eles resmungaram alguma

coisa de volta. Não falou diretamente com Jess, mas lançou para ele um olhar, com aqueles olhos azuis, que fez com que ele vibrasse como uma das cordas que ela estava afinando.

De repente, reparou na presença de Leslie e pediu para ser apresentada. Uma das garotas se encarregou disso. Então ela sorriu para Leslie, que sorriu de volta — a primeira vez que Jess se lembrava de ter visto Leslie sorrir desde que ela vencera a corrida da terça-feira.

— O que é que você gosta de cantar, Leslie?

— Qualquer coisa...

Miss Edmunds tocou alguns acordes a esmo e depois começou a cantar, mais baixinho do que costumava:

Vejo uma terra brilhante

E está chegando a hora

Em que vamos viver nela

Você e eu, de mãos dadas...

Um a um, todos foram começando a cantar juntos, primeiro bem baixinho, para combinar com o jeito dela, mas à medida que a canção se aproximava do fim, as vozes foram se somando e crescendo, de modo que quando chegaram ao final que dizia “Livres para sermos quem somos”, a escola inteira podia ouvir. Levado pela alegria deliciosa que sentia, Jess se virou e seu olhar cruzou com o de Leslie. Sorriu para ela. E por que, não? Não havia nada que impedisse. Afinal de contas, do que é que ele tinha medo? Deus do céu. Às vezes ele se portava de um jeito tão esquisito, que ele mesmo não entendia. Inclinou a ca-

beça e sorriu de novo. Ela sorriu de volta. Sentado ali, no chão da sala dos professores, ele sentia que aquilo era o começo de uma nova fase de sua vida, e resolveu, deliberadamente, que ia ser mesmo.

Não precisou anunciar formalmente a Leslie que tinha mudado de idéia a respeito dela. A menina já sabia. Instalou-se no banco ao lado dele no ônibus e até chegou mais perto, para dar lugar para May Belle no mesmo assento. Foi conversando sobre Arlington, sobre a imensa escola onde estudava antes, nos arredores da cidade, e que tinha uma sala de música maravilhosa, mas não tinha uma só professora que fosse tão bonita nem tão legal quanto *Miss* Edmunds.

— Vocês tinham um ginásio de esportes?

— Tínhamos. Eu achava que tudo quanto era escola tinha. A maioria, pelo menos — suspirou ela. — Sinto muita falta mesmo. Eu era muito boa em ginástica.

— Aposto que você odeia estar aqui.

— Odeio.

Durante um momento, ela ficou quieta, pensando na escola antiga. Jess percebeu e também começou a imaginar como seria uma escola novinha em folha, com um ginásio todo equipado, muito maior do que o que eles tinham.

— Aposto que você também tinha um monte de amigos lá.

— Tinha mesmo.

— Por que vocês vieram para cá?

— Meus pais estão querendo reavaliar sua escala de valores.

— O quê?

— Eles chegaram à conclusão de que estavam muito ligados em dinheiro, sucesso, essas coisas, então resolveram comprar aquele sítio velho, e cuidar dele um pouco, trabalhar a terra, e pensar sobre o que é mesmo importante na vida.

Jess estava olhando para ela com a boca aberta. Sabia que estava, mas não conseguia evitar. Era a coisa mais ridícula em que ele já ouvira falar.

— Mas você é que acaba pagando.

— Pois é...

— Eles não pensam em você não, é?

— A gente conversou muito sobre isso tudo — explicou ela, pacientemente. — Eu também tinha vontade de vir.

Olhou um pouco pela janela, por trás dele, e concluiu:

— Antes de chegar a hora e a gente viver uma coisa, nunca dá mesmo para saber como é que vai ser.

O ônibus tinha parado. Leslie segurou a mão de May Belle e a ajudou a saltar. Jess foi atrás, tentando entender como é que duas pessoas adultas e uma menina esparta como Leslie podiam querer deixar uma vida confortável num bairro bom de uma cidade para vir morar num lugar daqueles. Ficaram olhando o ônibus se afastar.

— Não dá para uma família viver só do que produz na terra hoje em dia, sabe? — disse ele, finalmente. — Meu pai tem que ir trabalhar em Washington, senão o dinheiro não dá...

— O problema não é o dinheiro.

— Claro que é.

— Não, quero dizer, para nós não é... — corrigiu ela. Ele levou um minuto para entender. Nunca tinha conhecido ninguém para quem dinheiro não fosse o problema.

— Ah!...

Depois disso, ficou sempre tentando tomar cuidado para não falar com ela sobre dinheiro.

Mas Leslie tinha outros problemas em Córrego da Cotovia, que eram muito mais complicados do que a falta de dinheiro. O da televisão, por exemplo.

Tudo começou quando a senhora Myers leu em voz alta uma redação que Leslie tinha escrito sobre seu passatempo favorito. Todo mundo tinha tido que escrever sobre o mesmo assunto. Jess escolhera futebol, que ele na verdade detestava, mas não era bobo e sabia que se resolvesse falar em desenho, todo mundo ia rir dele. A maioria dos meninos jurava que ficar vendo os jogos dos Washington Redskins pela televisão era seu passatempo favorito. As meninas se dividiam: as que não ligavam muito para o que a senhora Myers ia dizer escolheram os programas de auditório de tevê, e as outras, como Wanda Kay Moore, que ainda estavam pretendendo ter as melhores

notas, escolheram *ler bons livros*. Mas a senhora Myers não leu nenhuma redação em voz alta, a não ser a de Leslie.

— Quero ler esta redação para vocês. Por duas razões. A primeira é que é muito bem escrita. E a segunda é que trata de uma atividade muito pouco comum... para uma menina.

A senhora Myers deu seu primeiro sorriso para Leslie, que abaixou os olhos e ficou olhando a carteira. Ser a queridinha da professora era a pior coisa que podia acontecer a alguém em Córrego da Cotovia.

— *Mergulho submarino*, por Leslie Burke.

A voz aguda da senhora Myers foi lendo e cortando as frases de Leslie numas sentencinhas engraçadas. Mas, mesmo assim, o poder das palavras de Leslie carregou Jess com ela para debaixo d'água. De repente, ele mal conseguia respirar. E se alguém mergulhasse e a máscara se enchesse de água e não desse para voltar à superfície a tempo? Ele suava, se sentia quase sufocando. Tentou se acalmar, não entrar em pânico. Era o passatempo favorito de Leslie. Ninguém ia inventar que adorava mergulhar se não fosse verdade. Quer dizer que Leslie fazia isso muito, sempre. Que ela não tinha medo de ir lá no fundo, bem fundo, num mundo sem ar e com pouca luz. Deus do céu, ele era mesmo um covarde. Como é que ele podia ficar assim, nesse estado, quase tremendo, só de ouvir a senhora Myers ler? Como se fosse mais nenenzinho do que Joyce Ann. O pai queria que ele fosse um homem. E ali estava ele, permitindo que uma menina que não tinha nem dez

anos completos o tirasse do sério e o deixasse naquele estado, apavorado, só por descrever daquela maneira como era mergulhar para ver as coisas bonitas que existem debaixo d'água. Ele estava mesmo sendo um bobo. Um bo-balhão.

— Tenho certeza — disse a senhora Myers — de que vocês todos ficaram tão impressionados quanto eu, com a maravilhosa descrição de Leslie.

Impressionados? Deus do céu, ele quase tinha se afogado... Por toda a classe se ouviu um barulho de papéis, e de pés se arrastando.

— Agora eu vou lhes dar um dever de casa...

Resmungos abafados.

— ...que eu tenho certeza de que vocês vão gostar.

Exclamações de descrença.

— Hoje à noite, às oito horas, no canal 7, vai ser exibido um especial sobre um famoso explorador submarino, Jacques Cousteau. Eu quero que todo mundo assista. Em seguida, escrevam uma página contando o que aprenderam.

— Uma página inteira?

— Exatamente.

— Se errar na ortografia de alguma palavra, a gente perde ponto?

— Erro de ortografia não faz perder ponto sempre, Gary?

— Os dois lados do papel?

— Basta um, Wanda Kay. Mas dou um crédito maior a quem fizer um trabalho mais longo.

Wanda Kay sorriu, toda convencida. Já dava para ver umas dez páginas tomando forma naquela cabeça pontuda que ela tinha.

— Senhora Myers...

— Sim, Leslie...

Deus do céu, se a senhora Myers continuasse arranhando aquele sorriso, daquele jeito, ia acabar rachando a cara ao meio.

— E se alguém não puder assistir ao programa?

— Diga a seus pais que é um dever, para nota. Eu tenho certeza de que eles vão deixar.

— E se...

A voz de Leslie falhou. Depois, ela sacudiu a cabeça para o lado, e deu um pigarro. As palavras saíram mais fortes do que nunca.

— E quem não tiver televisão em casa?

“Leslie, Leslie, não diga isso. Você pode assistir na minha”. Mas já era tarde demais para salvá-la. As exclamações de descrença já não estavam mais sendo sussurradas, porém se erguiam bem alto, como uma muralha, um paredão barulhento de desprezo.

A senhora Myers apertou os olhos e piscou.

— Bom, nesse caso... — ela hesitou, piscando cada vez mais, dava para ver que estava pensando num jeito de salvar Leslie. — Nesse caso, a pessoa pode escrever uma

redação de uma página sobre algum outro assunto. Não pode, Leslie?

A professora tentava sorrir para Leslie, por cima do tumulto que se formou na turma, mas não adiantava.

— Meninos, silêncio! Silêncio! *Silêncio!*

O sorriso que estava dando para Leslie se transformou de repente, virando uma cara feia que fez todo mundo ficar quieto. Em seguida, distribuiu umas folhas mimeografadas com uns problemas de aritmética. Jess lançou um olhar em direção a Leslie, que estava de cabeça baixa sobre a folha de papel, vermelha até as orelhas.

Na hora do recreio, enquanto brincava de deslizar no barranco, viu que Leslie tinha sido cercada por um bando de meninas, chefiadas por Wanda Kay. Não conseguia ouvir o que elas estavam dizendo, mas pelo jeito orgulhoso com que Leslie levantava a cabeça e estava toda durinha, dava para ter certeza de que estavam todas zombando dela. Então Greg Williams o agarrou e, enquanto brincavam de lutar, Leslie desapareceu. Na verdade, ele não tinha nada a ver com aquilo, mas empurrou Greg lá-debaixo e gritou, sem ser para ninguém em especial:

— Tenho que ir embora!

Parou perto da porta do banheiro das meninas. Dali a poucos minutos, Leslie saiu. Dava para ver que tinha chorado.

— Ei, Leslie! — chamou baixinho.

— Suma da minha frente!

Ela se virou de repente e foi se afastando, bem depressa. De olho na porta da secretaria, ele correu atrás dela — ninguém podia ficar pelos corredores ou no saguão na hora do recreio.

— Leslie, o que foi que houve?

— Você sabe muito bem o que foi que houve, Jess Aarons.

— Sei — confirmou ele, coçando a cabeça. — Se ao menos você tivesse ficado de boca fechada, podia ver na minha...

Mas ela já tinha dado as costas outra vez, e saído a toda velocidade pelo saguão. Antes que ele conseguisse terminar a frase e alcançá-la, ela já estava batendo a porta do banheiro das meninas bem na cara dele. Jess saiu do prédio. Não podia se arriscar a ser apanhado pelo senhor Turner rondando a porta do banheiro feminino, como se fosse um tarado ou qualquer coisa assim.

Quando acabaram as aulas, Leslie entrou no ônibus antes dele e foi se sentar bem no cantinho do último banco — bem onde o pessoal da 7ª série gostava de sentar. Ele lhe fez um sinal com a cabeça, para avisar que ela visse mais para a frente, mas a menina nem olhou na direção dele. Já dava para ver a turma da 7ª vindo para o ônibus — aquelas meninas mandonas e peitudas e os meninos malvados, magricelas, de olhos apertados e cara feia. Eles iam matar a Leslie por ter invadido seu território. Jess deu um pulo, disparou até o fundo do ônibus e agarrou a menina pelo braço.

— Você tem que voltar para seu lugar de sempre, Leslie.

Enquanto falava, já estava sentindo os meninos maiores empurrando às suas costas, pelo corredor estreito. Na verdade, Janice Avery, que de toda a 7ª série era justamente a pessoa que mais fazia questão de dedicar a vida a infernizar qualquer um que fosse menor do que ela, já estava bem junto dele, dando ordens:

— Passa para lá, pirralho!

Ele se plantou onde estava, o mais firme que podia, embora o coração estivesse querendo sair pela boca.

— Vamos, Leslie... — chamou.

E então se virou para encarar Janice Avery — do cabelo louro e cacheado, foi descendo pela blusa apertada e pelas calças largas, até chegar nos tênis gigantescos. Quando terminou, engoliu em seco, olhou bem para a cara invocada dela e disse, quase com firmeza:

— Acho que aqui atrás não vai ter lugar que dê para você e *mais* Janice Avery!

Algum engraçadinho gritou de longe:

— Os *Vigilantes do peso* mandaram lembrança, Janice!

Os olhos de Janice pareciam que iam saltar fora, de tanta raiva, mas ela chegou para o lado, e deu lugar para que Jess e Leslie passassem, a caminho do banco onde sempre sentavam.

Leslie olhou para trás enquanto sentava, e depois se inclinou para a frente, disfarçando, enquanto falava:

— Ela vai se vingar de você, Jess. Está furiosa.

Jess sentiu um calorzinho por dentro, percebendo o tom de respeito na voz de Leslie, mas nem ousou olhar para trás.

— Está pensando o quê? Acha que eu ia deixar qualquer gorda idiota me assustar?

Só quando saíram do ônibus foi que ele conseguiu engolir direito, sem engasgar. Deu até um tchauzinho para o banco de trás, enquanto o ônibus se afastava.

Leslie sorria para ele, por cima da cabeça de May Belle.

— Bom, tchau... — ele se despediu contente.

— Ei, que tal a gente fazer alguma coisa juntos hoje de tarde?

— Eu também. Também quero fazer alguma coisa junto... — guinchou May Belle.

Jess olhou para Leslie. Viu que estava escrito “não” nos olhos dela.

— Hoje não, May Belle. Leslie e eu temos que fazer uma coisa sozinhos desta vez. Você pode levar meus livros para casa e dizer a mamãe que eu fui até a casa dos Burkes. Está bem?

— Você não tem nada para fazer lá. Vocês não tinham combinado nada...

Leslie chegou perto e se inclinou para junto de May Belle, apoiando a mão no ombro magro da pequena.

— May Belle, você quer umas bonecas de papel? Novinhas?

May Belle olhou em volta, desconfiada.

— De que tipo?

— Das vestidas como no tempo da colônia.

May Belle sacudiu a cabeça.

— Só quero se for noiva. Ou Miss América.

— Dá para fazer de conta que são todas noivas.

Todas têm vestidos compridos, e lindos...

— Qual o problema com elas?

— Problema nenhum. Estão novinhas.

— Então, por que é que você quer me dar?

— Quando você tiver a minha idade — disse Leslie, suspirando — não vai mais querer brincar com bonecas de papel, só isso. E minha avó me mandou algumas de presente. Sabe como é, avó sempre esquece que a gente está crescendo.

A única avó de May Belle que estava viva morava na Geórgia e nunca mandava nada para ela.

— Você já recortou as bonecas?

— Não, de verdade. Nem são de recortar, elas têm um pico-te, é só destacar. E as roupas também. Nem precisa de tesoura.

Podiam ver que ela estava fraquejando.

— Que tal você vir com a gente — sugeriu Jess — e dar uma olhada nelas? Se gostar, pode levar para casa de uma vez, quando for dizer a mamãe que eu fiquei aqui... Está bem?

Depois de acompanharem com os olhos a corrida de May Belle pelo morro abaixo, agarrada a seu novo tesouro, Jess e Leslie se viraram e saíram em disparada pelo campo aberto que ficava atrás da velha casa dos Perkins, indo até o riacho seco que separava os pastos e campos do bosque. Lá ficava uma árvore velha, uma macieira silvestre, bem na margem do leito do riacho. E alguém — há tanto tempo que nem se sabia mais quem era — deixara uma corda pendurada nela.

Os dois se revezavam, agarrando a corda e balançando do alto do barranco sobre o riozinho lá embaixo. Era um dia glorioso de outono, e, quando olhavam para cima enquanto se balançavam, tinham a sensação de estar flutuando, quase voando.

Jess se inclinava para trás e bebia a cor clara e densa do céu. Estava à deriva, solto, como uma nuvem gorda, branca e preguiçosa, levada de um lado para outro sobre o azul.

— Sabe o que é que a gente precisa? — perguntou Leslie de repente.

Do jeito que ele estava se sentindo, meio embriagado de tanto céu, não conseguia imaginar nada de que precisasse na Terra.

— Precisamos de um lugar — continuou ela. — Um lugar só para nós. Um lugar tão secreto que a gente não contasse a ninguém no mundo sobre ele.

Jess voltava, e arrastou os pés no chão para poder parar o balanço. Ela prosseguia, abaixando a voz, quase num sussurro:

— Podia ser um país secreto e nós dois íamos ser os reis, os donos dele. Mandar em tudo.

As palavras dela mexeram em qualquer coisa dentro dele. Bem que gostaria de ser o dono de alguma coisa, poder mandar. Nem que fosse de alguma coisa de mentirinha.

— Boa idéia — concordou. — E onde podia ser isso?

— Ali no bosque, onde ninguém ia poder vir e se meter.

Havia umas partes do bosque de que Jess não gostava. Lugares escuros, onde se sentia quase como se estivesse debaixo d'água. Mas não disse nada.

— Já sei... — ela estava se animando cada vez mais. — Podia ser um lugar mágico, como Narnia, daqueles livros de histórias. E o único jeito de chegar lá podia ser se balançando nesta corda encantada.

Leslie segurou a corda enquanto falava, os olhos brilhando de entusiasmo.

— Venha — chamou ela. — Vamos descobrir um lugar para construir nosso castelo, nossa fortaleza.

Só tinham dado uns poucos passos para dentro do bosque, do outro lado do riachinho, quando Leslie parou.

— Que tal aqui? — perguntou.

— Ótimo! — concordou Jess, aliviado porque não iam se embrenhar no fundo do bosque.

É claro que, se precisasse, ele iria mais para dentro com Leslie, porque não era covarde e não se importaria de explorar até um pouco mais adiante, indo mais longe pelo meio das colunas de pinheiros, cada vez mais escuras e altas. Mas como um lugar permanente, a que eles iriam sempre, aquele era o lugar que ele também escolheria — onde ainda havia uns arbustos mais baixos e floridos, e dava para brincar de esconder entre os carvalhos e os pinheiros. Um lugar em que o sol se derramava em raios dourados pelo meio das árvores e vinha aquecer seus pés, como um banho morno.

— Ótimo! — repetiu, concordando vigorosamente com um gesto de cabeça. — Este lugar é muito bom para se construir alguma coisa.

O chão embaixo das árvores estava seco e era fácil de limpar. O terreno era quase plano. Ia ser bom.

Leslie deu o nome de *Terabítia* a esse país secreto, só dos dois, e emprestou a Jess todos os livros de C. S. Lewis sobre Narnia — *O sobrinho do mago*, *O leão, a bruxa e o guarda-roupa* — e todos os volumes da continuação... Assim ele ia ficar sabendo de como as coisas se passavam num reino mágico, como os animais e as árvores devem ser protegidos, e como um governante deve se portar. Isso era o mais difícil. Quando Leslie falava, com as palavras fluindo sonoras de sua boca, tão majestosas, dava para ver que ela tinha tudo para ser uma rainha de verdade. Ele mal

conseguia se defender com o inglês comum, quanto mais com a linguagem poética de um rei...

Mas era capaz de fazer muitas coisas. Os dois trouxeram tábuas e todo tipo de material do monte de sucata que ficava junto ao pasto de Miss Bessie, e assim construíram seu castelo-fortaleza no lugar que tinham encontrado no bosque. Leslie arrumou umas latas vazias de leite em pó, e encheu uma grande com biscoitos e frutas secas e uma pequena com barbantes e pregos. Também encontraram cinco garrafas vazias de Pepsi, que lavaram bem e encheram de água. Era uma reserva para o caso, como disse Leslie, de serem “sitiados”.

Como Deus na Bíblia, eles olharam o que tinham feito e acharam bom.

— Você podia desenhar um retrato de Terabítia, para a gente pendurar no castelo — sugeriu Leslie.

— Não consigo.

Como é que ia explicar a Leslie de um jeito que ela entendesse? Difícil expressar o quanto queria, o quanto lutava para alcançar e captar a vida trêmula à sua volta, e como, por mais que tentasse, ela escapava, escorria pelo meio de seus dedos, e deixava apenas um fóssil seco na página...

— Simplesmente não consigo pegar a poesia das árvores — disse ele.

Ela balançou a cabeça, como quem concordava, e disse:

— Não faz mal. Um dia você consegue.

Ele acreditou. Porque ali, naquela luz sombreada da fortaleza, tudo parecia possível. Eram só os dois, os donos do mundo, e não tinham inimigos. Nem Gary Fulcher, nem Wanda Kay Moore, nem Janice Avery, nem os próprios medos e carências de Jess, nem qualquer um dos adversários que Leslie imaginava atacando Terabítia, nada nem ninguém seria capaz de derrotá-los.

* * *

Poucos dias depois de terminarem o castelo, Janice Avery levou um tombo no ônibus da escola e gritou que Jess tinha dado uma rasteira nela. Fez tanto escândalo que a senhora Prentice, que dirigia o ônibus, mandou Jess descer e ele teve que ir a pé até em casa, mais de cinco quilômetros.

Quando Jess finalmente conseguiu chegar a Terabítia, Leslie estava toda encolhida debaixo de uma das frestas do telhado, buscando um pouco de luz para ler. Na capa do livro, havia a figura de uma baleia assassina atacando um golfinho.

— O que é que você está fazendo? — perguntou ele ao entrar e se aproximar dela, sentando-se a seu lado no chão.

— Estou lendo. Eu tinha que fazer alguma coisa. Aquela garota!

Dava para ver a raiva dela explodindo na cara, como se fosse um foguete subindo.

— Não faz mal. Eu não me incomodo de andar essa distância.

Afinal de contas, o que era uma caminhada em comparação com coisas bem piores que Janice Avery poderia ter feito?

— É o princípio, Jess. É isso que você precisa entender. Gente assim tem que ser detida. Senão, acabam virando tiranos e ditadores.

Ele se esticou e pegou o livro da baleia das mãos dela, fingindo que estava prestando atenção naquela figura violenta da capa. Perguntou a Leslie:

— Isso estava lhe dando alguma idéia?

— O quê?

— Pensei que você estava tendo alguma idéia a respeito de como conseguir deter Janice Avery.

— Não, seu bobo. A gente tenta é *salvar* as baleias. Algumas estão ameaçadas de extinção.

Ele devolveu-lhe o livro.

— Então o negócio é salvar as baleias e dar um tiro nas pessoas, hein? — brincou.

Finalmente, ela deu um sorriso.

— Acho que sim, mais ou menos... Me diga uma coisa, você já ouviu falar na história da Moby Dick?

— Quem?

— Bom, era uma baleia branca imensa, chamada Moby Dick...

E Leslie começou a contar uma história maravilhosa sobre uma baleia e um capitão de navio meio maluco,

que estava resolvido a acabar com ela. Jess chegava a sentir cócegas nas pontas dos dedos, de tanta vontade de desenhá-lo tudo. Talvez até conseguisse, se tivesse tintas boas. Tinha que haver um jeito de fazer aquela baleia bem branca, se destacando contra a água escura.

* * *

Primeiro, eles se evitavam na escola. Mas em outubro, já estavam pouco ligando que os outros soubessem sobre sua amizade. Gary Fulcher, como Brenda, adorava implicar com Jess e falar na “amiguinha” dele. Jess nem se importava. Sabia muito bem que quando os outros falavam em “amiguinha” estavam pensando numa amiguinha que corria atrás deles no recreio, tentando agarrar para dar um beijo. Não dava para imaginar Leslie correndo atrás de um garoto. Era como se a senhora Myers do Queixo Duplo fosse subir no mastro da bandeira. Gary Fulcher podia ir para onde bem entendesse, pentear macaquinhos.

Na verdade, não havia tempo livre na escola, a não ser durante o recreio, e, agora que não havia mais corridas, Jess e Leslie geralmente procuravam algum lugar sossegado, sentavam e conversavam. A não ser por aquela meia hora mágica às sextas-feiras, o recreio era a única coisa de que Jess gostava na escola. Leslie sempre era capaz de aparecer com alguma coisa engraçada, que ajudava a agüentar aquele dia comprido. Muitas vezes, era uma brincadeira com a senhora Myers. Leslie era uma daquelas pessoas

que ficam quietinhas, sentadas em seu lugar na aula, sem puxar conversa, nem ir para o mundo da Lua ou mascar chicletes, enquanto fazem direitinho seus deveres. No entanto, seu cérebro estava sempre aprontando tanta coisa que, se a professora pudesse, ao menos uma vez, olhar do outro lado daquela máscara de perfeição, ia ficar tão horrorizada que sairia correndo.

Jess mal conseguia ficar sério em classe, só imaginando o que devia estar-se passando por trás daquele olhar angelical de Leslie. Uma manhã inteira, como ela contara no recreio, fora dedicada a imaginar a senhora Myers em uma daquelas fazendas especiais para gordos, que existem no Arizona. Na sua imaginação, a senhora Myers era uma daquelas pessoas viciadas em comida, que escondem balas nos lugares mais esquisitos — até dentro da torneira de água quente! — e acabam sendo descobertas e humilhadas publicamente na frente de todas as outras gordas. Naquela tarde, Jess teve visões da professora vestida apenas com uma combinação cor-de-rosa, sendo pesada numa balança.

“Você anda nos enganando novamente, sua Gordinha!”, diziam as diretoras, todas bem altas e magrelas. E a senhora Myers ficava quase chorando.

— Jesse Aarons!

A voz aguda da professora penetrou em seu sonho. Ele nem conseguia olhar diretamente para a senhora Myers. Ia cair na gargalhada, na cara dela. Achou melhor olhar apenas para a barra do vestido dela, aliás bem torta.

— Sim, senhora.

Tinha que aprender com Leslie. A senhora Myers sempre o pegava quando se distraía, mas nunca desconfiava que Leslie não estivesse prestando atenção. Deu uma olhada em direção à amiga. Estava completamente absorvida em seu livro de Geografia — pelo menos era o que parecia, para alguém que não soubesse.

* * *

Fazia frio em Terabítia em novembro. Eles não tinham coragem de acender uma fogueira no castelo, embora às vezes fizessem um foguinho do lado de fora e se encolhessem junto dele. Durante algum tempo, Leslie chegou a ter dois sacos-de-dormir na fortaleza, mas no começo de dezembro o pai notou a ausência deles em casa, e ela teve que levá-los de volta. Na verdade, foi Jess quem insistiu para que ela os levasse. Não exatamente porque tivesse medo dos Burkes. Os pais de Leslie eram moços, com dentes bem brancos e muito cabelo — todos os dois. Leslie os chamava de Judy e Bill, o que no fundo incomodava Jess muito mais do que ele gostaria de admitir. Não era da sua conta o jeito de sua amiga se dirigir aos pais. Mas a verdade é que não conseguia se acostumar.

Os dois Burkes eram escritores, pai e mãe. Ela escrevia romances e, segundo Leslie, era mais famosa do que ele, que escrevia sobre política. Era mesmo impressionante olhar para a prateleira da estante onde estavam os

livros que escreviam. A senhora Burke assinava como Judith Hancock na capa, o que podia confundir um pouco, mas, quando se olhava a contracapa, lá estava o retrato dela, jovem e séria. O senhor Burke ia a toda hora a Washington, para terminar as pesquisas de um livro em que estava trabalhando. Mas tinha prometido a Leslie que, depois do Natal, ia ficar em casa, fazer uns consertos, cuidar do jardim, ouvir música, ler uns livros em voz alta e só ia escrever quando tivesse um tempo livre.

Eles não combinavam muito com a idéia que Jess fazia de gente rica, mas dava para ver que os *jeans* que eles usavam não tinham vindo de uma loja qualquer. Não havia televisão na casa dos Burkes, mas havia montanhas de discos e uma aparelhagem de som que parecia ter saído do *Jornada nas estrelas*. E embora o carro deles fosse pequeno, era italiano, e tinha todo o jeito de ser caríssimo.

Eram sempre muito simpáticos com Jess quando ele aparecia por lá, mas depois começavam de repente a falar sobre política francesa ou quartetos de cordas (que, no começo, Jess achou que era uma caixinha quadrada feita de barbante grosso), ou sobre os esforços para salvar os lobos na região madeireira, ou as sequóias, ou as baleias cantoras, e ele ficava morrendo de medo de abrir a boca e mostrar de uma vez por todas como era idiota.

Também não se sentia à vontade quando Leslie vinha a sua casa. Joyce Ann ficava olhando fixamente para ela, com o dedo indicador na boca, babando. Brenda e Ellie sempre davam um jeito de fazer algum comentário so-

bre a “amiguinha” dele. A mãe ficava toda dura e cerimoniosa, meio esquisita, como quando a chamavam à escola para alguma coisa. Depois, ficava falando das roupas “estranhas” de Leslie. Ela sempre usava calças, mesmo para ir à escola. Seu cabelo era “mais curto do que o de um menino”. Seus pais eram “quase *hippies*”. May Belle então, ou tentava se meter entre Leslie e ele, ou fazia cara emburrada porque ficava de fora. O pai só tinha visto Leslie umas poucas vezes, e acenara com a cabeça, para indicar que estava notando a presença dela. Mas a mãe disse que tinha certeza de que ele não estava gostando nada daquilo, e que reclamava que o filho só brincava com meninas, e os dois estavam muito preocupados, sem saber em que ia dar uma coisa daquelas.

Jess nem se importava com “onde aquilo ia dar”. Pela primeira vez na vida, quando ele se levantava de manhã tinha alguma coisa boa à sua espera. Leslie era mais do que uma amiga. Era um outro ele — mesmo, um Jess mais animado. Era o caminho que levava à Terabítia e a todos os mundos que se abriam mais adiante.

Terabítia era o segredo deles. E era ótimo ser secreto, porque como é que Jess ia poder explicar a alguém de fora o que era? Só de ir andando pela colina abaixo, a caminho do bosque, já lhe dava um calorzinho bom correndo nas veias. Quanto mais chegava perto do leito seco do riacho e da corda na macieira silvestre, mais forte sentia seu coração bater. Segurava a ponta da corda e se balançava para a outra margem com uma espécie de euforia sel-

vagem, e então pousava suavemente os pés, sabendo que era mais alto, mais forte e mais sábio naquela terra misteriosa.

O lugar predileto de Leslie, depois do castelo-fortaleza, era a floresta de pinheiros. Lá, as árvores ficavam tão juntinhas no alto, que o sol mal conseguia penetrar. Com aquela luz escassa, não crescia capim nem arbusto algum debaixo das árvores, e o chão ficava forrado de agulhas de pinheiro, douradas e perfumadas.

— Eu achava que este lugar era assombrado — confessou Jess a Leslie, na primeira tarde em que criou coragem para levá-la até lá.

— Mas é — disse ela. — Só que não precisa ter medo. Não é assombrado com nada ruim.

— Como é que você sabe?

— Dá para sentir. Ouça só.

Primeiro, ele ouviu o silêncio das coisas paradas. Era essa imobilidade que sempre o assustara antes. Mas, dessa vez, foi como o momento em que *Miss* Edmunds acabava de terminar uma canção, logo depois que os acordes se encerravam num silêncio. Leslie tinha razão. Ficaram ali parados, sem se mexer, para que os estalinhos das agulhas de pinheiro secas embaixo de seus pés não quebrassem o encanto. Bem longe, lá do mundo cotidiano em que os dois viviam, veio o som do grasnar de gansos voando para o sul.

Leslie respirou fundo.

— Este não é um lugar comum — murmurou. — Até mesmo os reis de Terabítia só vêm aqui de vez em quando, nos momentos de grandes alegrias ou imensas dores. Temos que lutar para que fique sempre assim: sagrado. Não podemos perturbar os Espíritos.

Ele concordou, com a cabeça, sem falar. E, em silêncio, os dois voltaram para a margem do riacho seco, onde dividiram uma refeição solene, de biscoito e frutas secas.

Os gigantes matadores

Leslie gostava de inventar histórias sobre os gigantes que ameaçavam a paz de Terabítia, mas os dois sabiam muito bem que o único gigante de verdade em suas vidas era Janice Avery. Evidentemente, ela não estava atrás apenas de Jess e Leslie. Janice tinha duas amigas, Wilma Dean e Bobby Sue Henshaw, que também eram grandonas, quase do tamanho dela, e as três gostavam de percorrer o pátio na hora do recreio, arrancando das mãos dos menores as pedrinhas que eles usavam para pular amarelinha, ou então correndo pelo meio das cordas de pular, e davam gargalhadas enquanto os pequenos da 2ª série gritavam. Às vezes começavam o dia plantadas diante da porta do banheiro feminino e só deixavam as pequeninas entrarem se antes elas lhes dessem o dinheiro que tinham trazido de casa para comprar leite na hora da merenda.

May Belle, infelizmente, custava a aprender essas coisas. O pai tinha trazido para ela um pacote de Estrelex — umas balas novas em forma de estrela, que acabavam de ser lançadas e eram difíceis de achar — e ela estava tão feliz, toda prosa com isso, que quando chegou no ônibus esqueceu tudo o que sabia. Foi logo gritando para outra garota da 1ª série:

— Adivinha o que eu trouxe hoje na merenda, Billy Jean...

— O quê?

— Estrelex! — gritou, tão alto que dava até para um surdo ouvir lá no último banco.

Com o canto do olho, Jess viu Janice Avery chegar para a frente, prestando atenção.

Quando os dois se sentaram, May Belle ainda estava anunciando aos quatro ventos todas as qualidades de suas jujubas de estrela, especiais, vindas diretamente das mãos paternas.

— Foi meu pai que trouxe para mim. De Washington!

Jess lançou outro olhar ao último banco, e segredou ao ouvido de May Belle:

— Era melhor você calar a boca sobre essa porcaria de Estrelex.

— Você está é com ciúme, porque papai não trouxe nada para você.

— Então, está bem... — disse ele, dando de ombros e trocando um olhar com Leslie por cima da cabeça da irmã, como quem diz “Eu bem que tentei avisar, você viu!”.

Nenhum dos dois ficou muito surpreso na hora do recreio, quando May Belle se aproximou deles aos berros:

— Ela roubou minhas Estrelex!

Jess deu um suspiro:

— May Belle, eu não disse para você não ficar anunciando?

— Você tem que matar Janice Avery. Matar! Matar! Mata ela!

— Calma... — disse Leslie, acariciando o cabelo de May Belle, mas ela não queria consolo, queria era vingança.

— Você tem que acabar com ela, dar uma surra, picar em um milhão de pedacinhos...

Ele preferia enfrentar a própria mulher do Godzilla.

— Não adianta brigar nem partir para a violência, May Belle. A esta altura, o pacote inteiro de Estrelex já está a caminho de acolchoar mais ainda aquela bunda gorda da Janice Avery.

Leslie deu um risinho, mas May Belle não estava disposta a embarcar em nenhum tipo de distração.

— Você é um covarde, isso sim, Jesse Aarons! Se não fosse um medroso, dava uma surra em qualquer pessoa que tomasse o pacote de bala Estrelex de sua irmãzinha...

E desatou a chorar, numa nova rodada de soluços.

Jess sentiu todo seu corpo ficando rígido. Disfarçou, evitou olhar para Leslie. Deus do céu, agora não tinha como fugir. A essa altura, ia ter que enfrentar a gorilona.

— Escute aqui, May Belle — explicava Leslie. — Se Jess se meter numa briga com Janice Avery, você sabe muito bem o que vai acontecer.

May Belle enxugou o nariz nas costas da mão.

— Sei, sim — confirmou. — Ela vai dar uma surra nele.

— Não, senhora. Nada disso. O que vai acontecer é que *ele* é que vai ser expulso da escola, por ter batido numa menina. Você sabe muito bem como o senhor Turner é, com essa história de meninos que brigam com meninas.

— Mas ela roubou minhas Estrelex...

— Eu sei que ela roubou, May Belle. E Jess e eu vamos descobrir um jeito de fazer ela pagar por isso. Não vamos, Jess?

Ele confirmou, mexendo a cabeça para cima e para baixo com energia. Qualquer coisa era melhor do que cair numa promessa de brigar com Janice Avery.

— Que é que vocês vão fazer?

— Ainda não sei. Vamos ter que planejar tudo muito direitinho, com cuidado, nos menores detalhes. Mas uma coisa eu prometo, May Belle: nós vamos dar uma lição nela.

— Jura-por-tudo-que-é-mais-sagrado? Tem que cruzar os dedos na frente do coração e depois dar um beijo neles, bem no lugar do encontro da cruz.

Leslie jurou, solenemente. May Belle se virou para Jess, de repente, e ele teve que jurar também, tentando não se sentir um idiota, fazendo aquela cerimônia toda de cruzar dedos e beijar a cruz diante de uma pirralha do primeiro ano, bem no meio do pátio da escola.

May Belle fungou, bem alto, e ainda deixou escapar:

— Não é a mesma coisa que ver aquela bruxa levar uma surra e ser picada em um milhão de pedacinhos.

— Claro que não é — concordou Leslie. — Também acho que não é, mas é o melhor que se pode fazer enquanto o senhor Turner for o diretor desta escola. Não é mesmo, Jess?

— Claro!

* * *

Naquela tarde, encolhidos em sua fortaleza em Terabítia, fizeram um Conselho de Guerra. Como dar uma lição em Janice Avery sem serem triturados nem suspensos — esse era o problema.

— Talvez a gente pudesse apanhá-la fazendo alguma coisa errada... — sugeriu Leslie, tentando um segundo caminho, depois que ambos tinham descartado a idéia de passar mel no lugar dela no ônibus ou encher de cola o vidro de loção que ela vivia esfregando nas mãos.

— Por exemplo, aquele negócio das meninas ficarem fumando no banheiro. Se a gente conseguisse dar um jeito do senhor Turner passar bem na hora em que a fumaça está saindo pela janela...

Jess sacudiu a cabeça, desanimado.

— Ela não ia levar nem cinco minutos para descobrir quem foi que armou tudo...

Ficaram em silêncio durante algum tempo, enquanto consideravam o que Janice Avery não seria capaz de fazer com alguém que a entregasse ao diretor.

— Temos que dar um jeito de ferrar com ela, sem que ela nem desconfie quem foi.

— Isso! — aprovou Leslie, enquanto mastigava um damasco seco. — Você sabe o que é que uma menina como Janice mais odeia?

— O quê?

— Fazer o papel de boba na frente dos outros.

Jess lembrou da expressão na cara de Janice no dia em que ele tinha feito todo mundo rir dela no ônibus. Leslie tinha razão. Havia uma fresta na carapaça daquela hipopótama velha.

— É mesmo! — concordou ele, começando a sorrir. — Vamos fazer alguma coisa com a gordura dela?

Leslie começou a falar devagarinho:

— Que tal... meninos? Um menino? Qual é o menino de quem ela gosta?

— Willard Hughes, eu acho. Todas as garotas da 7ª série são doidas por ele, só falta se jogarem no chão quando ele passa.

— Então, é por aí...

Os olhos de Leslie estavam brilhando. O plano veio todo pronto, de repente.

— Vamos escrever um bilhete para ela, e fazer de conta que é do Willard. Que tal?

Jess já estava pegando um lápis na lata e arrancando uma folha do caderno que ficava embaixo de uma pedra. Passou tudo para Leslie.

— Não, você é que vai escrever. Minha letra é bonita demais para fingir que é do Willard Hughes.

Ele se preparou e esperou.

— Bom, vamos lá... — disse ela. — Ahnnn... “Cara Janice”. Não, não, melhor ainda: “Querida Janice...”.

Jess hesitou, na dúvida.

— Pode crer, Jess. Ela cai nessa. Então, vamos: “Querida Janice...”. Nem se preocupe com pontuação, ortografia, essas coisas. Temos que fazer parecer que foi mesmo Willard Hughes que escreveu. Vamos lá: “Querida Janice, pode ser que você não acredite em mim, mas eu te amo.”

— E você acha que ela vai engolir? — perguntou ele, enquanto escrevia.

— Eu já lhe disse, tenho certeza, ela cai direitinho. Meninas assim se acham o máximo e acreditam em qualquer coisa quando estão nesse tipo de situação. Vamos lá, continue: “Se você disser que não me ama, vou ficar arrazado. Por favor, não faça isso. Se você me ama tanto quanto eu te amo, meu amor...”.

— Espera aí, mais devagar. Não consigo escrever tão depressa.

Leslie esperou. Quando ele a alcançou, ela prosseguiu, com uma voz gozadora:

— “...venha me encontrar hoje de tarde atrás da escola, na hora da saída. Não se preocupe com o ônibus. Eu quero ir andando com você até em casa, conversando sobre NÓS DOIS...”; põe *nós dois* com todas as letras maiúsculas “...minha querida. Beijos. Willard Hughes.”

— Beijos?

— É, beijos. E desenha um coração no final, também.

Leslie fez uma pausa, olhando por cima do ombro de Jess, enquanto ele acabava. De repente, lembrou:

— Ah! Importantíssimo. Agora escreva: “P.S.”.

Ele escreveu. Ela ditou:

— “Não conte a ninguém. Para que nosso amor seja um segredo, só de nós dois, por enquanto.”

— Para que isso?

— Para ter a certeza de que ela vai contar a alguém, seu bobo. Agora deixa eu ver.

Leslie leu o bilhete, com ar de aprovação:

— Perfeito, Você até escreveu *arrasado* com *z* e *ninguém* sem *u*.

Estudou mais o pedaço de papel e concluiu, satisfeita:

— Puxa, eu sou mesmo boa nessas coisas.

— É mesmo. Aposto que você tinha um grande amor secreto lá em Arlington.

— Jess Aarons, eu te mato.

— Menina, se você matar o rei de Terabítia, vai se meter numa encrenca.

— É... Vou ser uma regicida — disse ela, orgulhosa.

— Regi... o quê?

— Eu já te contei a história do Hamlet?

Ele se recostou e se preparou para ouvir:

— Ainda não — disse, todo feliz.

Deus do céu, ele adorava as histórias de Leslie. Algum dia, quando soubesse desenhar bem, ia pedir que ela escrevesse aquelas histórias num livro e deixasse que ele fizesse as ilustrações.

— Bom... — começou ela. — Era uma vez um príncipe, na Dinamarca, chamado Hamlet...

Mentalmente, ele ia desenhando o castelo, cheio de sombras, e o príncipe aflito e preocupado caminhando pelo alto das muralhas. Como é que ia fazer um fantasma saindo de dentro da neblina? Com lápis de cera não dava, é claro, mas com tinta, talvez, se pusesse uma cor por cima da outra, bem ralinha, até que desse para ver um vulto pálido saindo do fundo do papel. Teve um arrepio. Sabia que ia conseguir, se Leslie emprestasse as tintas dela.

* * *

A parte mais difícil do plano para se vingar de Janice Avery era fazer o bilhete chegar às mãos dela.

Os dois se esgueiraram para dentro do prédio na manhã seguinte, bem cedo, antes do sinal tocar. Leslie foi andando vários metros na frente porque, em caso de se-

rem apanhados, ninguém desconfiaria de que estavam juntos. O senhor Turner ficava furioso com meninos e meninas que fossem apanhados se esgueirando juntos pelos corredores. Quando ela chegou na porta da sala da 7ª série, olhou lá para dentro. Depois, fez sinal para que Jess entrasse. Os cabelos dele ficaram em pé, desde a nuca. Deus do céu!

— Como é que eu vou saber qual é a carteira dela?

— Eu achei que você sabia. Ele abanou a cabeça.

— Então o jeito vai ser levantar a tampa de todas e olhar lá dentro, uma por uma, até ver o nome dela escrito. Vai acabar achando, mas ande depressa. Eu fico aqui fora, vigiando.

Fechou a porta devagar e o deixou lá dentro, futucando em cada carteira, com cuidado para não tirar nada do lugar. Só que as mãos tremiam tanto que ele mal conseguia puxar alguma coisa à procura de um nome escrito.

De repente, ouviu a voz de Leslie lá fora:

— Ah, senhora Pierce, que *bom* que a senhora chegou! Eu estava aqui parada, justamente *à sua espera...*

Deus do céu! A professora da 7ª estava bem ali fora, a ponto de entrar na sala. Ele ficou gelado. Não dava para ouvir, com a porta fechada, o que a senhora Pierce dizia a Leslie.

— Isso mesmo, um ninho muito interessante. Lá na entrada sul do prédio... — a voz de Leslie estava cada vez mais alta. — E como a senhora entende tanto de ciência, eu estava na esperança de que pudesse ir *lá comigo*

ver, um minutinho só, e me dizer que ninho é, de que passar.

Houve um murmúrio de resposta.

— Ah, muito obrigada, senhora Pierce — Leslie estava quase gritando. — Um *minutinho* só, mas é que é *tão* importante para mim...

Assim que ouviu os passos das duas se afastando, Jess voou pelas carteiras que ainda faltavam e, felizmente, encontrou uma com um livro que tinha o nome de Janice Avery na capa. Jogou o bilhete lá dentro da carteira, por cima de tudo, e saiu correndo da sala, para o banheiro dos meninos, onde ficou escondido até o sinal tocar e ir para a sua classe.

Na hora do recreio, Janice Avery estava toda de segredinhos e cochichos com Wilma e Bobby Sue. Logo depois, em vez de irem implicar com as meninas pequenas, as três passaram direto, de braços dados, e foram assistir ao jogo de futebol dos meninos maiores. Quando o trio desfilou diante deles, Jess viu a cara toda prosa de Janice, rosada e com ar superior. Olhou para Leslie com o canto do olho e a amiga retribuiu o olhar.

No fim das aulas, quando o ônibus já ia sair, um dos meninos da 7ª série, Billy Morris, gritou para a senhora Prentice esperar um pouquinho, porque Janice Avery ainda não tinha chegado.

— Tudo bem, senhora Prentice, pode ir... — avisou Wilma Dean, bem alto. — Ela não vai voltar de ônibus hoje.

Depois, em voz mais baixa, acrescentou:

— Acho que todo mundo sabe que hoje a Janice tem um encontro muito especial, com um garoto que ela está namorando, vocês todos sabem...

— Quem? — perguntou Billy.

— Willard Hughes. Ele está tão fissurado nela que nem agüenta. Até está indo a pé para casa com ela hoje, só para ficarem juntos.

— Ah, é? Então, como é que o 304 acaba de sair do ponto, ali, com Willard Hughes sentado no banco de trás? Se ele está namorando e tinha um encontro, vai ver que esqueceram de avisar pra ele...

— É mentira sua, Billy Morris!

Billy xingou um palavrão e o banco de trás inteiro começou a maior discussão, sobre se Janice Avery e Willard Hughes estavam namorando ou não e se costumavam ou não se encontrar escondidos.

Quando Billy desceu do ônibus, gritou para Wilma:

— É bom você dizer a Janice que Willard vai ficar furioso quando ficar sabendo do que ela anda espalhando pela escola!

A cara de Wilma estava vermelha quando gritou de volta, pela janela:

— Seu palhaço! Vá contar a Willard, para ver só. Pergunte a ele sobre a carta que ele mandou! Você vai ver!

— Coitada da Janice Avery... — disse Jess, mais tarde, quando já estavam no castelo.

— Coitada! Ela merece tudo isso e muito mais...

— Eu sei... — suspirou ele. — Mas mesmo assim...

Leslie parecia meio chocada:

— Você não está arrependido do que a gente fez, está?

— Não, acho que a gente tinha que fazer. Mas mesmo assim...

— Assim o quê?

Ele sorriu.

— Acho que eu tenho pela Janice alguma coisa parecida com o que você sente pelas baleias assassinas...

Ela deu um soquinho no ombro dele:

— Vamos sair por aí e ver se a gente encontra alguns gigantes, ou uns fantasmas para enfrentar. Estou farta dessa Janice Avery.

No dia seguinte, Janice Avery entrou no ônibus fuzilando todo mundo com os olhos, como se desafiasse qualquer um a dizer qualquer coisa. Leslie cutucou May Belle.

May Belle arregalou os olhos:

— Foram vocês...?

— Pssiu... Fomos, sim.

May Belle se virou completamente para trás, olhando para o último banco. Depois se virou de volta e cutucou Jess:

— Você fez ela ficar furiosa desse jeito?

Jess fez que sim com a cabeça, tentando se mexer o mínimo possível.

— Fomos nós que escrevemos a tal carta — segredou Leslie. — Mas não conte a ninguém, ou ela nos mata.

— Eu sei, claro... — disse May Belle, com os olhos brilhando. — Claro que não conto.

A chegada do Príncipe Terriano

Ainda faltava mais de um mês para o Natal, mas na casa de Jess as meninas já estavam obcecadas por ele. Naquele ano, tanto Ellie como Brenda tinham namorados no ginásio, e o problema do que dar a eles e o que esperar deles foi motivo de infinitas especulações e brigas. Brigas porque, como sempre, a mãe reclamava que já havia muito pouco dinheiro para poder dar alguma coisa de Papai Noel às pequeninas, e era um absurdo que as maiores ainda viessem com aquela despesa extra, querendo comprar discos ou camisas para uns garotos que ela nunca vira mais gordos.

— O que é que você vai dar para sua namorada, Jess? — perguntou Brenda, torcendo a boca com aquele jeito feio que ela tinha.

Jess tentou ignorar. Estava lendo um dos livros que Leslie lhe emprestara, e as aventuras de um garoto que tomava conta de porcos eram muito mais importantes para ele do que as implicâncias de Brenda.

— Você não sabe, Brenda? — perguntou Ellie, entrando na conversa. — Jess não tem namorada, não tem nenhuma *garota* especial.

— Bom, você não deixa de ter razão. Ninguém com a cabeça no lugar ia chamar aquele espantalho de *garota*.

Brenda chegou a cara bem perto de Jess e deu um riso debochado enquanto dizia a palavra *garota* com seus lábios enormes e pintados. Algo vermelho e quente ferveu dentro dele, e, se não tivesse dado um pulo da cadeira e saído pela porta afora, teria batido nela.

Mais tarde, ficou pensando, tentando descobrir por que tinha ficado tão zangado. Em parte, é claro que tinha sido porque não admitia que alguém tão imbecil como Brenda ficasse rindo de Leslie. Deus do céu, sentia um aperto no coração quando pensava que Brenda é que era sua irmã de sangue e que, na verdade, ele e Leslie não tinham nenhum parentesco, nada em comum. “Talvez”, pensou, “eu seja um enjeitado, recolhido por aí, como nas histórias. Ou, então, vai ver que há muito tempo, quando ainda tinha água no riacho, eu vim boiando nele, dentro de um cestinho de vime, calafetado com piche. Meu pai me achou e me trouxe para casa porque sempre quis ter um filho e só tinha aquelas meninas idiotas em casa. Meus pais de verdade, e minhas irmãs e irmãos moram muito longe — mais longe do que Virgínia do Oeste, mais até do que Ohio. Em algum lugar, eu tenho uma família, que mora numa casa cheia de livros e que até hoje chora a perda de seu bebê que foi roubado.”

Teve um arrepio e procurou voltar ao que estava examinando, a origem de sua raiva. Estava furioso, tam-

bém, porque dali a pouco ia chegar o Natal e ele não tinha nada para dar a Leslie. Não que ela esperasse ganhar alguma coisa cara. Era só porque ele tinha de dar alguma coisa a ela, precisava, tanto quanto precisava comer quando estava com fome.

Pensou em fazer para ela um livro com seus desenhos. Chegou a roubar papel e lápis de cera da escola. Mas nenhum desenho parecia bastante bom, e ele acabava sempre rabiscando toda a página semidesenhada, e enfiando o papel no fogão a lenha para queimar.

Na última semana de aulas antes do recesso, estava cada vez mais desesperado. Não podia pedir ajuda ou conselho a ninguém. O pai dissera que lhe daria o equivalente a um dólar por pessoa da família, mas, mesmo se desviasse um pouco do dinheiro dos presentes dos familiares, nem assim conseguiria ter o bastante para comprar para Leslie alguma coisa que valesse a pena. Além disso, May Belle estava louca para ter uma boneca Barbie, e ele já tinha prometido que ia fazer uma vaquinha com Ellie e Brenda para fazer a vontade da irmã pequena. Depois, o preço da boneca tinha subido e ele descobriu que ia ter de tirar um pouquinho de cada um dos dólares dos outros para completar a quantia do presente de May Belle. De alguma forma, nesse ano May Belle precisava de alguma coisa especial. Estava sempre meio sozinha, abandonada. Ele e Leslie não podiam incluí-la em suas atividades, mas era difícil explicar isso a alguém como May Belle. Por que ela não brincava com Joyce Ann? Não podiam achar que

ele fosse ficar o tempo todo preocupado em distraí-la. Mas, enfim... com tudo isso, ela tinha de ganhar a Barbie.

Ou seja, não havia mesmo dinheiro. E ele parecia empacado em seus esforços para fazer alguma coisa para Leslie. Ela não ia ser igual a Brenda e Ellie, não ia rir dele, qualquer que fosse o presente. Mas era uma coisa dele consigo mesmo: tinha que dar a ela um presente do qual se orgulhasse.

Se tivesse dinheiro, comprava um aparelho de televisão. Um desses pequenos, japoneses, que ela podia ter no quarto sem incomodar Judy e Bill. Não parecia justo que eles, com todo o dinheiro que tinham, tivessem resolvido não ter televisão. É claro que Leslie não ia ficar na frente da tevê do jeito que Brenda ficava: de boca aberta e olhos esbugalhados, como um peixinho no aquário, horas a fio. Mas, de vez em quando, todo mundo gosta de assistir a um programa. Pelo menos, se ela tivesse televisão, seria uma coisa a menos para o pessoal da escola implicar com ela. Mas, evidentemente, não havia a menor possibilidade de que ele pudesse comprar uma tevê. Só pensar nisso já mostrava como ele estava ficando idiota.

E estava mesmo, Deus do céu... Sentado à janela do ônibus escolar, olhava lá para fora, infeliz. Era um espanto que uma pessoa como Leslie ficasse perdendo tempo com ele. Só mesmo porque não tinha mais ninguém. Se ela tivesse encontrado qualquer outra pessoa naquela escola imbecil... e ele era tão idiota que quase deixara passar o cartaz sem notar. Mas ouviu um *clique* num cantinho de

sua cabeça, e deu um pulo, empurrando Leslie e May Belle.

— Mais tarde eu encontro vocês — murmurou, se despendendo pelo corredor, por cima de uma porção de pernas esticadas.

— Vou descer aqui, senhora Prentice, por favor...

— Não é o lugar de você descer.

— Tenho que fazer uma coisa para minha mãe — mentiu.

— Desde que não me meta em encrenca... — disse ela, pisando no freio.

— Garanto que não vou. Obrigado.

Antes mesmo do ônibus parar completamente, ele já tinha saltado e estava correndo para o lugar onde vira o cartaz.

“Cachorrinhos”, estava escrito. “Damos filhotes. Grátis.”

* * *

Jess chamou Leslie para ir encontrá-lo no castelo na véspera do Natal, de tarde. O resto da família tinha ido ao centro comercial de Millsburg, para umas compras de última hora, mas ele resolveu ficar. O cachorro era miudinho, marrom e preto, com uns olhos castanhos imensos. Jess pegou uma fita na gaveta de Brenda e foi correndo, atravessando o campo e descendo o morro, com o filhote guinchando no colo. Antes de conseguirem chegar até o

leito seco do riacho, o bichinho já tinha lambido a cara dele toda, e molhado toda a frente de sua jaqueta, mas não dava para se zangar. Ajeitou-o com cuidado debaixo do braço e se balançou na corda, para o outro lado do riacho, com o jeito mais suave que conseguiu. Podia ter andado, descido o barranco e subido do outro lado, em vez de passar por cima daquele pequeno despenhadeiro. Teria sido mais fácil. Mas Jess achava que era preciso entrar em Terabítia da maneira correta, e não podia deixar que o cachorrinho quebrasse o regulamento. Podia dar azar aos dois.

Na fortaleza, amarrou a fita em volta do pescoço do filhote e deu um laço, rindo, enquanto o bichinho se agitava, tentava puxar o pescoço para trás e morder as pontas da fita. Era um animalzinho esperto e cheio de vida... Um presente de que Jess podia se orgulhar.

Não havia a menor dúvida de que Leslie adorou, era só ver o sorriso dela. Na mesma hora, ela se ajoelhou no chão frio, pegou o cachorrinho no colo, e o abraçou bem junto ao rosto.

— Cuidado! — avisou Jess. — Ele tem um chafariz que molha mais do que uma pistola de água.

Leslie o afastou um pouquinho e perguntou:

— É macho ou fêmea?

Pelo menos uma vez na vida, havia alguma coisa que Jess sabia mais do que ela e podia ensinar:

— Macho — respondeu, feliz.

— Então vamos dar a ele o nome de Príncipe Terriano e nomeá-lo Guardião de Terabítia.

A menina botou o cachorrinho no chão e se levantou.

— Aonde é que você vai?

— Para o bosque de pinheiros. Esta é uma ocasião muito especial, um momento de grande alegria.

Mais tarde, Leslie deu a Jess o presente dele. Era uma caixa de aquarelas, com vinte e quatro tubos de tinta, três pincéis e um bloco de papel grosso, de boa qualidade, especial para artistas.

— Deus do céu! — exclamou ele. — Obrigado.

Tentou pensar em algum jeito melhor de dizer o que estava sentindo, mas não conseguia. Só ficou repetindo:

— Obrigado.

— Não é um presente maravilhoso como o seu — disse ela, humilde —, mas espero que você goste.

Ele queria dizer como ela fazia com que se sentisse especial e orgulhoso, que o resto do Natal não importava porque aquele dia tinha sido tão bom... mas as palavras de que precisava não lhe vinham à cabeça.

— Ah, gosto, gosto... — disse.

Depois, começou a se levantar e ficou de quatro, latindo para o Príncipe Terriano. O cachorrinho corria em círculos em volta dele, sem parar, deliciado, latindo todo alegre.

Leslie começou a rir. Jess se animou ainda mais. Tudo o que o cachorro fazia, ele imitava, até cair exausto com a língua pendurada. Leslie ria tanto que nem conseguia falar por causa das gargalhadas.

— Você... você é maluco! Como é que a gente vai ensinar ele a ser um bravo guardião? Você está fazendo ele virar um palhaço...

— *R-r-r-uf...* — rosnou o Príncipe Terriano, rolando os olhos para cima.

Jess e Leslie ficaram caídos no chão, com dor na barriga, de tanto rir.

— Nesse caso... — disse Leslie, finalmente — ...acho que ele vai mesmo ter de ser nosso bobo da corte.

— E o nome dele?

— Ah, pode ficar sendo esse, não faz mal. Até mesmo um príncipe... — acrescentou ela em sua voz mais terabítica — ...mesmo um príncipe pode ser um grande bobo.

Naquela noite, o brilho da tarde continuou com Jess. Nada o atingia, nem mesmo a tagarelice das irmãs, discutindo sobre quando ou quais presentes iam ser abertos. Ajudou May Belle a embrulhar os presentinhos dela e até cantou *Lá vem Papai Noel*, com ela e com Joyce Ann. Depois Joyce Ann começou a chorar porque eles não tinham lareira e Papai Noel não ia poder entrar. De repente Jess ficou com pena, porque a pequenina tinha ido ao centro comercial de Millsburg, e tinha visto todas aquelas coisas, e então ficava assim, esperando que um cara de roupa

vermelha viesse para lhe dar tudo o que queria e realizar todos os seus sonhos. May Belle, com seis anos, já era mais esperta, e não acreditava mais nessas bobagens. Só torcia era para ganhar aquela Barbie idiota. Jess estava contente por ter feito uma extravagância e ajudado a comprar a boneca. Joyce Ann não ia se importar porque ele só tinha uma fivelinha de cabelo para ela.

La botar a culpa em Papai Noel, e não em Jess, por estar ganhando um presentinho tão à-toa.

Meio sem jeito, abraçou Joyce Ann.

— Vamos, menina, não chore. Papai Noel é esperto, ele dá um jeito de chegar. Não precisa de chaminé, não é mesmo, May Belle?

May Belle olhava para Jess, com seus olhos grandes, solenes, bem abertos. Ele piscou para ela, com ar cúmplice, sem que Joyce Ann percebesse. Ela quase derreteu de tão contente.

Na manhã seguinte, Jess a ajudou a trocar a roupa da Barbie, pelo menos umas trinta vezes. Enfiar o vestido fino por cima da cabeça da boneca e fechar os colchetes um por um era difícil para ela, exigia muita habilidade para seus dedinhos de seis anos.

Ele ganhara uma pista de carrinhos de corrida, que tentou fazer funcionar para agradar ao pai. Não era uma daquelas pistas grandes que sempre eram anunciadas na tevê, mas era elétrica, e ele sabia que, para comprá-la, o pai tinha gasto mais dinheiro do que devia. Só que os carrinhos idiotas ficavam caindo toda hora nas curvas, a ponto

do próprio pai começar a xingar tudo, impaciente. Jess queria que estivesse tudo bem. Queria tanto que o pai se orgulhasse do presente que dera... do mesmo jeito que ele, Jess, ficara feliz por ter dado o cachorrinho.

— É maravilhoso! Demais mesmo, pai! Eu só não peguei o jeito ainda... — disse Jess, de cara vermelha, jogando para trás o cabelo que caía na testa quando se curvava sobre as oito pistas de plástico.

— Nada disso. Uma porcaria barata, puro lixo, isso é que é... — respondeu o pai, chutando o chão perigosamente perto do brinquedo. — Hoje em dia o dinheiro não vale mais nada, a gente não consegue comprar nada que valha a pena.

Joyce Ann estava deitada na cama aos berros, chorando porque tinha arrancado a corda de sua boneca falante quando puxou com muita força, e agora a boneca não falava mais. Brenda estava de cara feia, porque Ellie ganhara um par de meias compridas, transparentes, cor da pele, e ela só ganhara umas meias soquete. E Ellie não colaborava em nada, se exibindo de um lado para outro nas meias novas, fingindo que estava ajudando a mãe com a ceia de presunto e batata-doce. Deus do céu, tinha horas em que Ellie era tão fresca quanto Wanda Kay Moore.

— Jess Oliver Aarons Junior, se você puder parar de brincar com esses carrinhos pelo menos um pouco, para ir ordenhar a vaca, eu ficaria muito grata. Miss Bessie não tem dia de folga, sabe? Mesmo que você esteja querendo...

Jess deu um pulo e saiu, feliz por ter uma desculpa para ficar longe daquela pista de corrida, que ele não conseguia fazer funcionar direito, nem que fosse apenas para dar um pouco de satisfação ao pai. A mãe parecia não ter notado como ele respondeu depressa ao seu pedido, mas continuou reclamando:

— Não sei o que eu faria sem Ellie. É a única de vocês todos que se importa comigo, para quem faz diferença se eu estou viva ou morta.

Ellie sorria, como um anjo de plástico. Primeiro, olhando para Jess, depois para Brenda, que a encarou de volta.

Leslie devia estar vigiando para ver se ele aparecia, porque assim que Jess saiu para o quintal, viu que ela também vinha correndo, da velha casa dos Perkins, com o cachorrinho nos seus calcanhares, fazendo círculos à sua volta; Leslie tinha de tomar cuidado para não tropeçar nele.

Os dois se encontraram no curral de Miss Bessie.

— Pensei que hoje de manhã você nem ia conseguir sair.

— Sabe como é, Natal, essas coisas...

O Príncipe Terriano começou a morder os cascos de Miss Bessie. Ela bateu as patas no chão, irritada. Leslie pegou o animalzinho no colo, para Jess poder fazer a ordenha. O cachorrinho ficou cheirando tudo, e lambendo a cara dela, de um jeito que nem deixava a menina falar direito. Ela ria, feliz.

— Seu cachorrinho bobo.... — disse, carinhosa.

— Isso mesmo!!

Era Natal de novo.

O salão dourado

O senhor Burke tinha começado a consertar a velha casa dos Perkins. E a senhora Burke, depois do Natal, se encontrava bem no meio de um livro que ela estava escrevendo, por isso não podia ajudá-lo — o que deixava Leslie encarregada dos serviços de procurar e buscar todo tipo de coisa de que ele precisasse. Apesar de toda sua espartezza em política e em música, o senhor Burke era distraidíssimo e vivia com a cabeça nas nuvens. Apoiava o martelo em algum lugar, pegava o manual de instruções e, quando chegava no lugar em que estava trabalhando, já tinha perdido o martelo. Leslie era ótima para achar as coisas perdidas, e além disso o pai gostava da companhia dela. Quando ela voltava da escola, ou nos fins de semana, ele queria ter a filha por perto. Tudo isso Leslie explicou a Jess.

Jess tentou ir sozinho a Terabítia, mas não era bom. Precisava de Leslie para sentir a mágica do lugar. Tinha medo de estragar tudo, se esforçando para fazer a mágica sozinho, quando era evidente que qualquer magia relutava em se aproximar dele.

Se fosse para casa, ou bem a mãe ficava atrás dele para fazer algum trabalho, ou então May Belle ficava cha-

mando para brincar. Deus do céu, um milhão de vezes ele já tinha pensado que era melhor não ter ajudado a comprar aquela boneca boba. Bastava ele deitar no chão e se preparar para pintar, que May Belle já vinha pedir para ele consertar o braço da Barbie ou abotoar um vestido. Joyce Ann era ainda pior. Pegara a mania horrorosa de pular sentada nas costas dele, e ficar montada, se deliciando, quando ele se esticava para desenhar de braços. Se ele gritasse para ela sair dali, ela enfiava o dedo na boca e gritava sem parar. O que, evidentemente, fazia a mãe aparecer na mesma hora.

— Jesse Oliver! Deixe a neném em paz! Que idéia é essa de ficar aí deitado no meio da casa sem fazer nada? Não sabe que eu não posso fazer o jantar enquanto você não cortar lenha para o fogão?

Às vezes, ele se esgueirava até a velha casa dos Perkins e encontrava o Príncipe Terriano choramingando na varanda, para onde o senhor Burke o expulsara. Mas o homem não tinha culpa. Era impossível conseguir fazer qualquer coisa com o animalzinho mordiscando a mão da gente ou pulando para dar lambidelas na cara. Então ele levava P.T. para dar uma volta no campo de cima do terreno dos Burkes. Se fosse um dia bonito, Miss Bessie ficava mugindo, meio nervosa, do outro lado da cerca. Pelo jeito, não se acostumava nunca com aqueles latidos e correrias. Ou talvez fosse por causa da época do ano — os últimos tempos do inverno, estragando o gosto de tudo. Ninguém conseguia ficar feliz — gente ou bicho.

A não ser Leslie. Estava adorando consertar aquela droga de casa velha. Adorava que o pai precisasse dela a toda hora. Metade do tempo em que deviam estar trabalhando era só para conversa. Ela estava aprendendo, como contou toda satisfeita na hora do recreio, a “entender” o pai. Nunca tinha passado pela cabeça de Jess que os pais deviam ser “entendidos”, era uma idéia tão estapafúrdia como imaginar que o cofre forte do Banco Nacional de Millsburg estivesse implorando para ser rachado. Os pais eram o que eram, não era da conta de ninguém se meter a decifrá-los. Havia alguma coisa esquisita num adulto que queria ser amigo da própria filha. Ele devia ter amigos de sua idade e deixar que ela tivesse os dela.

Os sentimentos de Jess sobre o pai de Leslie foram crescendo e doendo como um machucado inflamado no canto da unha. Quanto mais a gente morde em volta, mais ele aumenta e piora em vez de melhorar. E dá um trabalho ficar se esforçando para manter os dentes longe dele. E quando se consegue, como dois e dois são quatro, na mesma hora a gente se esquece tão completamente que se distrai e dá logo um esbarrão. Deus do céu, como aquele homem estava sempre no caminho dele... Atrapalhava até o tempo que ele tinha para ficar com Leslie. Estavam os dois amigos juntos, no recreio, batendo papo, quase como nos velhos tempos, e de repente, sem mais nem menos, ela dizia:

— Bill acha que...

Pronto! Esbarrão no machucado. Bem em cima.

Finalmente, ela acabou reparando. Foi preciso um tempão. Foi só no fim de fevereiro, e isso, para uma menina esperta como Leslie, era uma eternidade.

— Por que você não gosta do Bill?

— Quem disse que eu não gosto?

— Jesse Aarons! Você acha que eu sou burra?

“Às vezes até parece.” Mas o que ele disse foi:

— E de onde você tirou a idéia de que eu não gosto dele?

— Bom, para começar, você nunca mais vem à minha casa. Primeiro, eu achei que devia ser alguma coisa que eu fiz. Mas não é. Porque você ainda conversa comigo na escola. Muitas vezes eu vejo você no terreno, brincando com P.T., mas nem chega perto da porta.

— Você está sempre ocupada.

Ele falava e tinha a sensação desagradável de que estava parecendo Brenda quando dizia essas coisas.

— Ora essa, pela madrugada! Então você bem que podia se oferecer para vir me ajudar!

Foi como se todas as luzes se acendessem de repente depois de uma trovoada em que faltou energia. Deus do céu, quem era o burro?

Mesmo assim, ainda levou um tempo, alguns dias, para que ele se sentisse à vontade com o pai de Leslie. Parte do problema era porque Jess não sabia como devia se dirigir a ele. Se ele dizia: “Ei!”, tanto Leslie como o pai se viravam e olhavam para ele ao mesmo tempo. Experimentou chamar diferente:

— Senhor Burke!

— Prefiro que você me chame de Bill, Jess.

— Está bem.

Durante mais uns dois dias, ele ainda ficou atrapalhado com o nome, mas acabou se acostumando, com a prática. Outra coisa que também ajudou é que ele sabia algumas coisas que Bill, com todo o seu cérebro e seus livros, não sabia. Jess descobriu que estava realmente sendo útil, não uma chateação que devia ser tolerada ou mandada lá para fora, para a varanda, como o P.T.

— Você é incrível! — elogiou Bill. — Onde é que aprendeu isso, Jess?

Jess nunca sabia como sabia das coisas, então só dava de ombros e deixava que Bill e Leslie ficassem fazendo elogios — embora o trabalho em si já fosse elogio suficiente.

Primeiro, eles arrancaram a madeira que cobria a velha lareira, descobrindo os tijolos gastos e oxidados que estavam debaixo, como se estivessem escavando uma mina e chegando a um veio precioso. Em seguida, descascaram o papel de parede velho que revestia a sala-de-estar — havia cinco camadas, uma por cima da outra! Às vezes, enquanto lixavam, remendavam e pintavam, se distraíam cantando, ou ouvindo os discos de Bill. Leslie e Jess ensinavam a Bill as canções que tinham aprendido com *Miss Edmunds*, ou então Bill lhes ensinava umas músicas que sabia. O resto do tempo, conversavam. Jess ouvia com a maior atenção, maravilhado, enquanto Bill explicava as

coisas que aconteciam no mundo. Se a mãe o ouvisse, era capaz de jurar que ele era um comentarista famoso da televisão, e não “uma espécie de *hippie*”. Todo mundo na família Burke era inteligente. Quer dizer, talvez não com a inteligência de consertar coisas ou cultivar coisas, mas com um outro tipo de inteligência, que Jess nem desconfiava que gente de verdade, na vida real, era capaz de ter. Por exemplo, um dia em que estavam trabalhando, Judy se sentou perto deles e ficou lendo em voz alta, quase tudo poesia, e alguns poemas até em italiano — o que, evidentemente, Jess não entendia, mas mergulhava a cabeça naquele som maravilhoso das palavras e deixava que eles o carregassem, aconchegado naquela sensação boa, de como a família Burke era culta.

Pintaram de dourado a sala-de-estar. Leslie e Jess preferiam azul, mas Bill insistiu que queria cor-de-ouro, e acabou ficando tão bonito que os dois acharam bom ter cedido e concordado. No final da tarde, quando o sol vinha do poente, se esparramava pela sala enchendo tudo de luz.

Finalmente, Bill alugou uma lixadeira elétrica em uma loja no centro comercial de Millsburg e eles raspam toda a tinta preta que escondia o assoalho de tábua corrida — umas tábuas de carvalho, largas e lindas — e encerraram tudo.

— Nada de tapete — disse Bill.

— Claro que não — concordou Judy. — Ia ser como se a gente cobrisse a Mona Lisa com um véu.

Quando Bill e os meninos acabaram de raspar com uma espátula o finalzinho da tinta respingada nas janelas e limparam as vidraças, chamaram Judy. Ela desceu de seu escritório no segundo andar e veio ver. Os quatro se sentaram no chão e ficaram olhando em volta. Tinha ficado lindo!

Leslie deu um suspiro, de profunda satisfação.

— Eu adoro essa sala — disse. — Vocês não sentem que tem uma espécie de encantamento de ouro? Devia ser o Salão Dourado de...

Jess olhou para ela, assustado de repente.

— ...um palácio.

Ufa! Que alívio! Quando a gente está se sentindo assim tão bem é até capaz de deixar escapar um segredo, mesmo que tenha jurado. Mas ela não deixou, nem mesmo para Bill e Judy, e ele sabia exatamente como ela era ligada aos pais. Na certa ela vira a aflição dele, porque deu uma piscadela disfarçada, sem que Bill e Judy vissem, assim como ele às vezes fazia para May Belle por cima da cabeça de Joyce Ann. Terabítia continuava sendo um segredo só dos dois.

Na tarde do dia seguinte, chamaram o P.T. e foram para Terabítia. Havia mais de um mês que não iam lá juntos e, quando se aproximaram do leito seco do riacho, lá no fundo do barranco, foram andando mais devagar. Jess não tinha certeza de que ainda se lembrava de como ser rei.

— Estivemos longe por muitos e muitos anos — murmurou Leslie. — Como você acha que o reino ficou durante nossa ausência?

— Onde estivemos?

— Conquistando os povos selvagens e hostis em nossas fronteiras do norte — respondeu ela. — Mas as linhas de comunicação foram rompidas, e por isso não tivemos nenhuma notícia de nossa terra muito amada, por várias luas.

Que tal essa conversa de rainha? Jess tinha vontade de conseguir falar assim.

— Você acha que pode ter acontecido algo ruim?

— Devemos ter coragem, meu rei, e estarmos preparados para o pior. Pode ser que sim.

Em silêncio, se balançaram na corda por cima do barranco. Na outra margem, Leslie pegou dois gravetos no chão.

— Vossa espada, senhor — sussurrou.

Jess recebeu o graveto, agradecendo com um gesto de cabeça. Abaixaram-se e foram rastejando em direção à fortaleza, como policiais numa série de televisão.

— Atenção, minha rainha! Cuidado! Bem às suas costas!

Leslie se virou e começou a duelar com um inimigo imaginário. Depois, muitos outros adversários se abateram sobre eles, e o clangor da batalha dominou Terabítia. O guardião do reino corria por toda parte, em círculos como

um cachorrinho feliz, ainda jovem demais para compreender o perigo que os ameaçava.

— Estão batendo em retirada! — gritou a valente rainha.

— Viva!

— Temos que expulsá-los por completo, para que nunca se atrevam a voltar e ameaçar nosso povo.

— Fora! Sumam! Desapareçam!

Continuaram lutando até a beira do riacho seco, forçando o inimigo a recuar, suando em seus agasalhos de inverno.

— Até que enfim! Terabítia está livre de novo!

O rei se sentou num tronco e enxugou o rosto, mas a rainha não o deixou descansar por muito tempo.

— Senhor, temos que nos dirigir imediatamente ao bosque de pinheiros, e dar graças por nossa vitória.

Jess a seguiu, e lá ficaram em silêncio, de pé, na penumbra.

— A quem damos graças? — sussurrou ele. A pergunta iluminou o rosto dela.

— Ó Deus... — começou, claramente sem saber como continuar, pois se sentia muito mais à vontade com a magia do que com a religião. — Ó Espíritos do Bosque...

— Vosso braço direito nos conduziu à vitória — continuou ele.

Não se lembrava onde tinha ouvido aquilo, nem de onde vinha, mas parecia ser bem apropriado. Leslie olhou

para ele, com um ar de aprovação. Tomou a palavra e prosseguiu:

— Agora, concedei vossa proteção a Terabítia, a todo o seu povo, e a nós, seus governantes.

— *Aruuu.*

Jess fez força para prender o riso.

— E ao seu cachorrinho — acrescentou.

— E ao Príncipe Terriano, nosso guardião e bobo da corte. Amém — corrigiu Leslie.

— Amém.

* * *

Alguns dias após o encontro com os inimigos de Terabítia, tiveram um encontro um tanto diferente na escola. Leslie chegou perto de Jess no recreio para lhe dizer que estava entrando no banheiro feminino quando ouviu alguém chorando dentro de um dos cubículos. Abaixou a voz e acrescentou:

— Pode parecer uma maluquice. Mas eu olhei os pés para ver se descobria quem era, e tenho certeza de que era Janice Avery.

— Você está brincando...

A cena de Janice Avery sentada na privada chorando era demais para a imaginação de Jess.

— Bom, ela é a única da escola que tem o nome de Willard Hughes escrito e riscado no tênis. Além do mais, a

fumaça está tão forte que a gente precisa de uma máscara contra gases para conseguir respirar lá dentro.

— E você tem certeza de que ela estava chorando?

— Jess Aarons, eu sei perfeitamente distinguir quando uma pessoa está chorando ou não.

Deus do céu, o que é que estava acontecendo com ele agora? Janice Avery nunca fizera nada de bom para ele na vida, só arrumara confusão, e agora ele ficava assim, se sentindo responsável por ela... como se fosse um dos lobos ameaçados de extinção, de que os Burkes tanto falavam, ou uma baleia encalhada na praia.

— Mas ela não chorou nem quando os meninos ficaram implicando com ela por causa do Willard depois daquele bilhete.

— É, eu sei...

Jess olhou para Leslie.

— Bom, e agora? — perguntou. — O que é que a gente vai fazer?

— Fazer? — repetiu ela. — Como assim? Que história é essa de que a gente tem que fazer alguma coisa?

Como é que ele ia explicar?

— Leslie... Se ela fosse um bicho, um *animal* predador, a gente ia se sentir obrigado a tentar ajudar, não é?

Leslie olhou para ele de um jeito esquisito.

— Bom, pelo menos é o que você sempre diz... — insistiu ele.

— É... Mas Janice Avery?

— Se ela está chorando, é porque alguma coisa está muito errada.

— E o que é que você está pretendendo fazer?

Ele ficou vermelho.

— Bom, eu não posso entrar no banheiro das meninas...

— Ah, já entendi. Você vai me jogar direto na boca do tubarão. Não, senhor Aarons, muito obrigada.

— Leslie, eu juro... Se eu pudesse entrar lá, eu mesmo ia. De verdade, estava convencido de que ia.

— Você não tem medo dela, tem, Leslie?

Não estava dizendo isso para desafiar, era só porque não conseguia acreditar que Leslie pudesse estar com medo.

Os olhos dela faiscaram, enquanto jogava a cabeça para trás, com aquele seu jeito orgulhoso.

— Muito bem, eu vou lá dentro. Mas fique sabendo, Jess Aarons, acho isso a idéia mais imbecil que você já teve na vida.

Ele se esgueirou pelo corredor atrás dela e se escondeu no cantinho mais próximo do banheiro feminino que encontrou. Pelo menos, tinha que estar por perto para segurar a amiga quando Janice a expulsasse a pontapés.

Houve um minuto de silêncio total depois que Leslie entrou e a porta se fechou. Então, ele ouviu Leslie dizendo alguma coisa a Janice. Em seguida, veio uma enxurrada de xingamentos, tão altos que passavam pela porta fechada. Essa explosão foi seguida por soluços altíssimos,

não de Leslie, graças a Deus... E mais soluços, e mais conversas, tudo misturado... e o sinal tocando.

Ele não podia ser apanhado plantado na porta do banheiro feminino, mas como é que podia sair dali? Estaria abandonando a amiga na hora do tiroteio. O barulho dos alunos que entravam no prédio foi aumentando. Jess se misturou com eles e desceu pelos degraus que levavam ao porão, ainda revirando na cabeça aqueles sons, de xingamentos e soluços.

De novo na sala de aula, ficou de olho grudado na porta, esperando Leslie. Achava que ela fosse entrar com a cabeça achatada, como aquele coiole do desenho animado do Bip-Bip. Mas ela entrou sorrindo, sem nem um arranhão. Deslizou até junto da senhora Myers e segredou no ouvido dela sua desculpa por ter se atrasado. A professora brindou-a com aquele seu sorriso arreganhado que já estava ficando conhecido como *especial para Leslie Burke*.

Como é que ele podia adivinhar o que tinha acontecido? Se tentasse passar um bilhete, os outros meninos iam ler. Leslie se sentava num canto lá na frente, longe do apontador e da cesta de papéis, então não dava para ele fingir que estava indo a algum lugar e passar por perto dela para ouvir qualquer coisa. E a menina não viria até ele. Disso, Jess tinha certeza. Estava sentadinha em sua carteira, olhando para a frente, com o ar satisfeito de um motociclista que acaba de ganhar a prova das quatorze voltas na pista.

Leslie passou a tarde toda muito bem e continuou sorridente quando entrou no ônibus, onde Janice Avery lhe deu um sorriso meio amarelo quando passou para o banco dos fundos.

Leslie olhou para Jess como quem diz “Viu só?”. Ele estava morrendo de curiosidade, mas ela ainda adiou, apontando com a cabeça para May Belle, num gesto que podia ser traduzido como “Não devemos discutir essas coisas na frente das crianças”.

Finalmente — muito finalmente — no escurinho seguro do seu castelo-fortaleza, ela contou.

— Sabe por que ela estava chorando?

— Como é que eu posso saber? Pelo amor de Deus, Leslie, você vai contar ou não? O que estava acontecendo lá dentro?

— Janice Avery é uma pessoa muito infeliz. Você sabia?

— Por que é que ela estava chorando? Conte, de uma vez...

— É uma situação muito complicada. Agora eu entendo por que Janice tem tantos problemas para se relacionar com os outros.

— Você vai me contar o que aconteceu ou não? Antes que eu tenha um ataque...

— Você sabia que o pai dela bate nela?

— Tem um monte de criança que apanha dos pais.
— “Desembucha de uma vez!”

— Não, estou falando que ele bate mesmo, pra valer. Aquele tipo de espancamento que pode levar um cara para a prisão em Arlington — sacudia a cabeça, incrédula.
— Você nem imagina...

— É por isso que ela estava chorando? Só porque o pai bate nela?

— Não, não. Já está acostumada, ela sempre apanha. Não ia abrir o berreiro na escola só por causa disso.

— Então, por que é que ela estava chorando, afinal?

— Bem...

Dava para ver que Leslie estava adorando aquilo tudo. Era capaz de prolongar aquela cena eternamente.

— Bom, hoje ela estava tão furiosa com o pai, que contou para as amigas. Quer dizer, aquelas meninas que ela achava que eram amigas dela, Wilma e Bobby Sue.

— E daí?

— Daí que aquelas duas... aquelas duas...

Leslie procurava uma palavra bastante cruel para descrever as amigas de Janice Avery, mas não conseguiu encontrar nenhuma à altura.

— Aquelas duas meninas saíram contando para toda a 7ª série.

Jess ficou morrendo de pena de Janice Avery.

— Até a professora ficou sabendo.

— Essa não!

As palavras saíram num suspiro. Havia uma regra de ouro em Córrego da Cotovia. Uma regra mais importante do que qualquer regulamento inventado pelo senhor Turner: ninguém jamais misturava os problemas de casa com a vida na escola. Se os pais eram pobres, ou ignorantes, ou malvados, ou se não achavam que valia a pena ter uma televisão, a função dos filhos era protegê-los. No dia seguinte, todos os alunos e professores da Escola Primária de Córrego da Cotovia estariam falando do pai de Janice Avery. Não importava se os pais deles estavam num hospital público ou numa prisão federal, o que contava é que eles não tinham traído o pai, mas Janice Avery tinha.

— E sabe do que mais?

— O quê?

— Conteí a Janice que todo mundo tinha rido de mim quando souberam que eu não tenho televisão. Disse a ela que sei exatamente como é que a pessoa se sente quando os outros ficam achando a gente esquisita.

— E o que foi que ela disse?

— Ela sabia que eu estava falando a verdade. Até me pediu conselho, como se eu fosse um consultório sentimental.

— É mesmo?

— Então, disse a ela pra fazer de conta que não tinha a menor idéia sobre o que Wilma e Bobby Sue estavam falando, nem de onde elas apareceram, de uma hora para outra, com aquela história tão maluca. Assim, daqui a

uma semana todo mundo já vai ter esquecido. Você acha que foi um bom conselho?

— Deus do céu, como é que eu vou saber? E ela ficou se sentindo melhor?

— Acho que ficou. Pelo menos, parecia.

— Então foi um bom conselho.

Ela se recostou, relaxada e feliz.

— Sabe de uma coisa, Jess?

— O quê?

— Graças a você, eu acho que agora já tenho uma meia-amiga na escola de Córrego da Cotovia, para somar com o amigo inteiro que já tinha.

Ele sentiu um aperto de dor no peito, ao ver que ter amigos era uma coisa tão importante para Leslie. Quando é que ela iria aprender que eles não valiam o esforço?

— Deixe disso, Leslie. Você tem mais amigos.

— Nada disso. Um amigo e meio. Ou meia. Myers Boca-de-Monstro não conta.

Lá, em algum lugar secreto, os sentimentos borbulhavam dentro dele como uma sopa fervendo num fogão. Uns eram tristes, com pena da solidão de Leslie. Mas havia também uns pedaços de felicidade. Poder ser seu único amigo inteiro no mundo (como ela era para ele) dava-lhe uma enorme alegria — não podia deixar de se sentir satisfeito com isso.

De noite, quando foi se deitar, com a luz apagada para não despertar as irmãs menores, a vizinha aguda de May Belle o surpreendeu:

— Jess...

— Como é que você ainda está acordada?

— Jess, eu sei onde é que você e Leslie vão, quando querem se esconder.

— Como assim?

— Eu fui atrás de vocês.

Num instante ele estava junto da cama dela:

— Você não podia ter feito uma coisa dessas!

— Por quê? — perguntou ela, meio provocadora.

Ele a agarrou pelos ombros e fez com que a menina o encarasse. Na penumbra, ela piscava como uma galinha assustada.

— Pois fique sabendo de uma coisa, May Belle Aarons — sussurrou ele, zangado —, se eu pegar você me seguindo de novo, sua vida não vale um tostão furado.

— Está bem, está bem... — disse ela, se metendo debaixo das cobertas. — Mas você é um malvado. Eu devia contar pra mamãe.

— Escute aqui, May Belle, você não pode fazer uma coisa dessas. Está proibida de contar a mamãe aonde é que Leslie e eu vamos.

A única resposta foi um sonzinho de alguém fungando. Ele a agarrou pelos ombros de novo. Estava desesperado.

— Estou falando sério, May Belle! Você não pode contar nada a ninguém!

Soltou a irmã e concluiu:

— E fique sabendo que eu não quero mais ouvir falar nessas coisas de ir atrás de mim ou contar qualquer coisa a mamãe! Está ouvindo? Nunca mais!

— E por que não?

— Porque, se você fizer isso, eu vou contar a Billy Jean Edwards que de vez em quando você faz xixi na cama.

— Você não ia ter coragem!

— Não? Experimente só, menina, para ver se não tenho.

Obrigou May Belle a jurar com a mão na Bíblia, prometendo que nunca mais iria segui-lo e que não ia contar a ninguém, mas mesmo assim ainda ficou um tempão sem conseguir dormir. Como é que podia confiar as únicas coisas importantes da sua vida a uma pirralhinha tagarela de seis anos? Às vezes tinha a impressão de que sua vida era delicada como aquela florzinha do mato que chamam de dente-de-leão. Bastava um soprinho à toa, em qualquer direção, e tudo se desmancharia.

Páscoa

Mesmo já sendo primavera, bem perto da Páscoa, ainda eram muito raras as noites em que o tempo estava suficientemente quente para que Miss Bessie pudesse ficar lá fora no pasto. Para não falar na chuva. Choveu a cântaros durante todo o mês de março. Pela primeira vez em muitos anos, correu água pelo leito do riacho, e não foi só um fiozinho, não. Quando eles se balançavam na corda para passar para o outro lado, dava até um pouco de medo olhar lá para baixo e ver aquela água correndo nas pedras, Jess costumava levar o Príncipe Terriano dentro da jaqueta, mas o cachorrinho estava crescendo tão depressa que a qualquer momento podia rebentar o zíper do agasalho, despencar lá de cima, dentro d'água, e se afogar.

Ellie e Brenda já estavam discutindo sobre o que iam vestir para ir à igreja no Domingo de Páscoa. Desde que a mãe se aborrecera com o pastor, três anos antes, esse era o único dia do ano em que a família Aarons ia à igreja, e era um grande acontecimento. A mãe vivia reclamando de como eram pobres, mas se preocupava muito (e juntava todo o dinheiro que conseguia economizar para isso) em garantir que ninguém passasse vergonha por causa da aparência da família. Porém, no dia em que todos

planejavam ir juntos ao centro comercial de Millsburg comprar roupas novas, o pai chegou cedo de Washington. Tinha sido demitido. Ninguém ia ter roupas novas naquele ano.

Logo Ellie e Brenda começaram a chorar, como se fossem duas sirenes de alarme avisando sobre um incêndio.

— Então não posso ir à igreja... — dizia Brenda. — Ninguém pode me obrigar. Não tenho nada para vestir, e vocês sabem disso.

— Quem mandou engordar demais? — murmurou May Belle.

— Ouviu o que ela disse, mãe? Eu mato essa peste!

— Brenda, cale a boca! — ordenou a mãe, irritada, mas o tom foi mudando para uma voz de desânimo. — Temos coisas muito mais sérias com que nos preocupar, muito pior do que roupas para a Páscoa.

O pai levantou-se, fazendo barulho, e se serviu de uma xícara do café que estava no bule em cima do fogão.

— Não dá para fazer um crediário? — perguntou Ellie, na sua voz choraminguenta.

Brenda se meteu.

— Sabe o que muitas pessoas fazem? Abrem um crediário, pegam a roupa, vestem, e depois devolvem, dizem que não serviu e exigem o dinheiro de volta. As lojas nem ligam.

O pai parecia que estava rugindo:

— Nunca ouvi uma coisa tão absurda na minha vida. Você não ouviu sua mãe dizer para calar a boca, menina?

Brenda parou de falar, mas estava mascando chicletes e estourou uma bola fazendo o máximo de barulho que conseguiu, como se quisesse provar que não se entregava.

Jess conseguiu escapar, e se alegrava porque estava podendo ir ao curral, aproveitar a companhia complacente de Miss Bessie. Ouviu baterem à porta.

— Jess?

— Oi, Leslie, entre!

Primeiro ela olhou, depois se sentou a seu lado, no chão, perto do banquinho.

— O que houve?

— Ih, nem pergunte! — disse ele, enquanto apertava as tetas da vaca compassadamente, ouvindo o barulhinho do leite no fundo do balde, *plingue, plingue, plingue!*

— Tão ruim assim, é?

— Meu pai foi despedido. E Brenda e Ellie estão tendo um ataque porque vão ficar sem roupa nova na Páscoa.

— Puxa, que pena! Quer dizer, essa história do seu pai...

Jess deu um riso forçado.

— É. Também não estou preocupado com as meninas. Se é que eu conheço aquelas duas, vão acabar dando um jeito de conseguir as roupas novas. Dá até vontade

de vomitar, quando a gente vê o jeito que elas ficam se exibindo na igreja.

— Eu não sabia que vocês iam à igreja.

— Só na Páscoa.

Ele se concentrou um pouco no úbere morno da vaca, depois comentou:

— Na certa você acha que isso é meio bobo...

Ela não respondeu, durante um minuto.

— Eu estava pensando que gostaria de ir.

Ele interrompeu a ordenha.

— Leslie, às vezes eu não te entendo.

— Bom, eu nunca fui a uma igreja na minha vida.

Ia ser uma experiência nova para mim.

Ele voltou ao trabalho, dizendo:

— Você ia odiar.

— Por quê?

— Porque é chato.

— Bom, mas mesmo assim eu gostaria de ir e ficar sabendo, eu mesma. Será que seus pais deixam eu ir com vocês?

— Não pode ir de calça.

— Eu tenho uns vestidos, Jess Aarons.

Será que aquele era o dia das surpresas sem fim?

— Olhe aqui. Abra a boca.

— Por quê?

— Abra a boca e não pergunte nada — disse ele.

Ao menos uma vez na vida ela obedeceu. Ele esguichou um pouco de leite morno, direto na garganta de Leslie.

— Jesse Aarons! — exclamou ela, engasgando e deixando um pouco de leite escorrer pelo queixo.

— Não, não. Agora não abra a boca. Senão, vai desperdiçar um leite ótimo.

Leslie começou a rir, engasgando e tossindo.

— Puxa, se eu conseguisse acertar desse jeito com o bastão de beisebol numa bola, ia ser um campeão. Deixe eu tentar de novo.

Leslie controlou o riso, fechou os olhos e, solenemente, abriu a boca.

Mas agora quem estava rindo era Jess, e não conseguia ficar com a mão firme.

— Seu desastrado! Jogou leite dentro da minha orelha!

Leslie levantou o ombro e esfregou a orelha na manga do agasalho. Caiu na gargalhada de novo.

— Eu agradeceria se você acabasse logo com isso e voltasse para casa — disse o pai, parado na porta.

— Acho melhor eu ir embora — disse Leslie, baixinho, levantando-se e caminhando para a porta. — Com licença.

O pai de Jess chegou para o lado, para que ela passasse. Jess esperou que ele dissesse mais alguma coisa, mas ele só ficou parado ali por uns instantes, e depois se virou e saiu.

Ellie disse que iria à igreja, se a mãe a deixasse usar a blusa transparente, e Brenda iria se ganhasse, pelo menos, uma saia nova. No fim, todo mundo acabou ganhando alguma coisa nova, menos Jess e o pai, que não ligavam para isso. Mas Jess ficou achando que sua boa vontade poderia lhe dar algum poder de barganha com a mãe.

— Já que eu não vou ganhar roupa nova, será que posso pedir para Leslie ir conosco à igreja?

— Aquela menina?

Dava para ver que a mãe estava revirando as idéias na cabeça, procurando algum bom motivo para dizer que não:

— Ela não se veste direito.

— Mãe! — disse ele, de um jeito escandaloso e artificial que até parecia Ellie falando. — Leslie tem vestidos. Centenas de vestidos.

A mãe teve que dar o braço a torcer. Mordeu o lábio inferior, como Joyce Ann às vezes fazia, e falou tão baixinho que mal dava para Jess ouvir.

— Não quero ninguém se achando melhor que a minha família.

Jess teve vontade de dar um abraço na mãe, botar o braço em volta do ombro dela, como fazia com May Belle quando a pequena precisava ser consolada.

— Ela não vai se achar melhor do que ninguém, mãe. De verdade.

A mãe suspirou.

— Está bem. Se ela for decentemente vestida...

* * *

Leslie foi vestida decentemente. O cabelo estava penteado diferente, meio revirado para dentro, e ela vestia uma espécie de jardineira azul-marinho por cima de uma blusa estampada com umas florzinhas com ar antigo. Embaixo das meias vermelhas que vinham até o joelho, estava um par de sapatos pretos brilhantes, de verniz, que Jess jamais vira, porque Leslie em geral só usava tênis, como todas as outras crianças de Córrego da Cotovia. Até seus modos estavam comportadíssimos. Tinha desaparecido aquela faísca que sempre estava em tudo o que dizia, e ficava só respondendo para a mãe de Jess “Sim, senhora”, “Não, senhora”, como se soubesse perfeitamente da mania de respeito que a senhora Aaron tinha. Jess imaginava como o esforço devia ser grande, porque Leslie nunca dizia “senhora”, naturalmente.

Comparadas com Leslie, Brenda e Ellie pareciam uma dupla de pavões com penas falsas na cauda. As duas insistiram em viajar na cabine da caminhonete com os pais, o que ficava muito apertado, ainda mais considerando o tamanho de Brenda. Jess, Leslie e as meninas menores subiram para a carroceria todos contentes, e se ajeita-

ram em cima dos sacos velhos que o pai pusera forrando o assoalho, junto à cabine.

O sol não estava exatamente brilhando, mas era o primeiro dia em que a chuva parara realmente de cair enquanto cantavam *Ó Senhor, que bela manhã, Belas campinas* e ainda *Cante uma canção*, que Miss Edmunds tinha ensinado a eles. Cantaram até *Jingle bells*, porque Joyce Ann pediu. O vento levava o som das vozes para longe. Isso fazia a música parecer misteriosa, enchendo Jess de uma sensação de poder sobre as montanhas, que lhe surgia ali, naquela simples carroceria da caminhonete. O trajeto foi curtinho demais, principalmente para Joyce Ann, porque tinham chegado bem na hora em que estavam começando a cantar *Lá vem Papai Noel*, logo depois de *Jingle bells*, que era a canção de que mais gostava. Jess brincou de fazer cócegas nela, para que risse de novo, e, assim, quando os quatro desceram do carro, estavam novamente sorridentes e felizes.

Tinham se atrasado um pouquinho, mas isso não incomodava Ellie e Brenda, porque significava que teriam de atravessar a igreja toda, até o primeiro banco, desfilando por aquele corredor comprido — o que garantia que todos os olhares estariam voltados para elas, e muitas expressões seriam de inveja. Deus do céu, elas eram mesmo umas nojentas. E a mãe ainda tinha ficado com medo de que Leslie desse vexame. Jess afundou a cabeça entre os ombros e se enfurnou no banco, depois que aquela fileira de mulheres se acomodou antes dele e do pai.

Ir à igreja parecia ser sempre a mesma coisa. Jess conseguia se desligar, como fazia na escola, obrigando o corpo a se levantar e sentar junto com o resto da congregação, enquanto sua mente pairava longe daquilo tudo, não exatamente pensando ou sonhando, mas, pelo menos, livre e solta.

Uma ou duas vezes, teve consciência de que estava em pé, envolvido por um canto alto e nem sempre muito afinado. Em alguns raros momentos de consciência, ouvia Leslie cantando com os outros, e começou vagamente a se perguntar por quê, afinal de contas, ela estava fazendo aquilo.

O pastor começou a fazer o sermão, com aquela sua voz meio traçoeira: vinha falando mansinho durante vários minutos, todo suave, e de repente, *bangue!*, estava berrando com as pessoas. Cada vez que isso acontecia, Jess tinha um sobressalto, e levava alguns minutos para conseguir relaxar de novo. Como não estava prestando atenção às palavras, a cara vermelha do homem, com gotas de suor escorrendo, parecia estranha e fora de lugar, naquele santuário chato. Era como se Brenda resolvesse fazer uma cena porque Joyce Ann encostara o dedo no batom dela.

Na saída, levaram algum tempo para conseguir arrastar Ellie e Brenda do ajuntamento de pessoas que se formava na frente da igreja. Jess e Leslie se adiantaram, ajeitaram as meninas na carroceria, e se sentaram para esperar.

— Puxa, adorei ter vindo!

Jess se virou para Leslie, incrédulo.

— Muito melhor do que ir ao cinema — ela acrescentou.

— Você está brincando.

— Não, não estou.

E não estava mesmo. Dava para ver na cara dela, enquanto dizia:

— Toda essa coisa de Jesus é muito interessante, você não acha?

— Como assim?

— Aquelas pessoas todas querendo acabar com ele, matar e tudo, e ele não tinha feito mal algum — explicou ela, hesitando. — Na verdade, é uma história muito bonita... como a de Abraham Lincoln, ou Sócrates. Ou Aslam.

— Não é nada bonita — interrompeu May Belle. — É horrível, dá medo na gente. Imagine, enfiarem uns pregos bem no meio das mãos de alguém.

— May Belle tem razão — concordou Jess, escarafunchando lá no fundo da memória para explicar. — Mas como todos nós somos pecadores e malvados, Deus tinha que mandar Jesus para morrer.

— Você acredita mesmo que isso é verdade?

Ele ficou chocado.

— Está na Bíblia, Leslie.

Ela olhou para ele como se fosse discutir, depois pareceu mudar de idéia. Sacudiu a cabeça e disse:

— É uma coisa meio maluca, não acha? Você tem que acreditar nisso e detesta. Eu não tenho que acreditar e acho que é lindo. Muito doido.

May Belle estava com os olhos arregalados, como se Leslie fosse um animal estranho num jardim zoológico:

— Você tem que acreditar na Bíblia, Leslie.

— Por quê?

Era uma pergunta sincera. Leslie não estava querendo bancar a esperta.

— Porque se você não acreditar na Bíblia — explicou May Belle com os olhos arregalados —, Deus vai te mandar para o inferno quando você morrer.

— Onde foi que ela ouviu uma coisa dessas? — perguntou Leslie, virando-se para Jess, como se o acusasse de ter feito alguma coisa terrível com a irmã.

Ele sentiu o sangue subir, o rosto esquentar, apanhado por aquelas palavras e aquele tom de voz. Abaixou os olhos, passou a mão nos sacos de estopa que forravam o assoalho, e começou a brincar com a borda esfiapada do tecido.

— E é verdade, não é, Jess? — a voz esganiçada de May Belle exigia uma confirmação. — Não é verdade que Deus manda para o inferno quem não acredita na Bíblia?

Jess jogou para trás o cabelo que lhe caía no rosto.

— Acho que é — murmurou.

— Pois eu não acredito — disse Leslie. — E nem acho que você leu a Bíblia.

— Li uma grande parte, quase tudo — disse Jess, ainda brincando com os dedos no tecido. — Acho que é o único livro que tem lá em casa.

Levantou os olhos para Leslie e deu um sorriso meio sem graça. Ela sorriu também.

— Tudo bem. Mas eu não consigo acreditar que Deus sai por aí condenando as pessoas ao inferno.

Sorriram um para o outro, tentando ignorar a voz aflita de May Belle.

— Mas Leslie — insistia a pequena —, e se você morrer? O que vai acontecer com você, se morrer de repente?

Um encantamento maléfico

Na segunda-feira depois da Páscoa, a chuva recomeçou, com toda força. Eles não tinham aula naquela semana e era como se os elementos estivessem conspirando para arruinar essas férias tão curtinhas. Jess e Leslie estavam sentados, com as pernas cruzadas, no chão da varanda da casa dos Burkes, observando como as rodas de um caminhão que passava jogavam para cima montes de água enlameada, sujando toda a traseira do veículo.

— Ele não deve estar a mais de vinte quilômetros por hora — murmurou Jess.

Bem nessa hora, alguma coisa foi jogada pela janela da cabine. Leslie deu um salto e ficou de pé.

— Seu porco! Vai jogar lixo no seu quintal! — gritou ela, enquanto as lanternas traseiras do caminhão se afastavam e as luzes iam sumindo.

Jess também se levantou.

— O que você quer fazer?

— Eu quero é ir para Terabítia — disse ela, olhando desanimada para a chuva.

— Pois então, vamos.

— Ótimo! — disse ela, mais alegre de repente. — Por que não?

Pegou as botas, uma capa, e ficou olhando o guarda-chuva:

— Você acha que a gente consegue se balançar na corda carregando um guarda-chuva?

Ele sacudiu a cabeça.

— De jeito nenhum.

— Está bem. Mas devíamos passar na sua casa e pegar suas botas e uma capa.

Ele deu de ombros.

— Não tenho nada que caiba em mim. É melhor ir assim mesmo.

— Vou pegar um casaco velho do Bill.

Começou a subir a escada. Judy apareceu na saleta de entrada.

— Crianças, o que vocês estão fazendo?

Eram as mesmas palavras que a mãe de Jess poderia ter usado, mas não eram ditas do mesmo jeito. Os olhos de Judy estavam meio vagos enquanto ela falava, e parecia que a voz estava sendo transmitida de algum lugar muito longe, a quilômetros de distância.

— A gente não queria te interromper, Judy.

— Tudo bem, eu estou empacada mesmo. Posso muito bem parar de uma vez. Vocês já almoçaram?

— Não se incomode, Judy. A gente se vira.

Os olhos de Judy focalizaram um pouquinho melhor.

— Você está de botas?

Leslie olhou para os próprios pés.

— Estou... — confirmou, como se só estivesse reparando nesse momento. — A gente está com vontade de ir dar uma volta.

— Está chovendo de novo?

— Está.

— Eu gostava muito de andar na chuva... — disse Judy, sorrindo, do jeito que May Belle sorria dormindo. — Bom, se vocês dois acham que se garantem...

— Claro.

— Bill já voltou?

— Não, ele disse que ia voltar tarde. Não se preocupe.

— Está bem — disse Judy.

Em seguida soltou uma exclamação súbita, como quem encontra de repente alguma coisa perdida:

— Huum! É isso!

E voltou correndo para o quarto, onde na mesma hora recomeçou o toque-toque do teclado da máquina de escrever. Leslie abriu um sorriso.

— Pronto! Desligou de novo!

Ele ficou pensando em como seria aquilo, de viver com uma mãe cujas histórias estavam dentro de sua cabeça, em vez de desfilarem o dia inteiro pela tela da televisão. Seguiu Leslie escada acima, até a saleta onde a menina tirava coisas de dentro de um armário. Ela lhe passou uma capa de chuva bege e um chapéu preto de lã, redondo.

— Não tem bota.

A voz dela vinha das profundezas do armário, abafada por uma fileira de casacos.

— Que tal um par de tamancos?

— Um par de quê?

A cabeça dela apareceu pelo meio dos casacos.

— Tamancos, tamancos. Com sola de madeira, para jardinagem. Os pés ficam mais acima do chão.

Mostrou a ele. Eram enormes.

— Não, eu ia acabar perdendo na lama. Melhor ir descalço.

— Ótima idéia — disse ela, saindo por completo lá de dentro. — Também vou descalça.

O chão estava frio. A lama gelada chegava a doer, se irradiando pelas pernas acima. Então começaram a correr pelo meio das poças, esparramando água e atolando os pés na lama. O P.T. saltitava à frente deles, como se fosse um peixe pulando de um mar marrom para outro, e depois se virava, tocando os dois para adiante, mordiscando seus calcanhares e jogando mais lama em seus *jeans* que já estavam imundos.

Quando os dois amigos chegaram à beira do riacho, pararam. Era uma visão impressionante. Como nos *Dez mandamentos*, na televisão, quando a água despencou por cima do caminho seco que Moisés tinha aberto no mar e varreu todos os egípcios que vinham em sua perseguição, agora aquele leito estreito e fino do riacho tinha virado uma torrente, um mar largo e barulhento, arrastando imensos galhos de árvores, troncos e lixo, girando e afun-

dando coisas em redemoinhos, como as carruagens de guerra dos egípcios. As águas famintas lambiam as margens, e às vezes até chegavam a subir nelas, desafiando e ameaçando quem ousasse lhes impor limites.

— Uau! — exclamou Leslie, numa voz cheia de respeito.

— Uau! — repetiu Jess.

Ele olhou para a corda. Ainda estava enrolada em volta do galho da velha macieira silvestre. Sentiu um frio no estômago.

— Acho que era melhor a gente desistir por hoje.

— Deixe disso, Jess. A gente consegue.

O capuz do agasalho de Leslie tinha caído para trás, e o cabelo dela estava todo molhado e grudado na testa. A menina passou a mão no rosto e nos olhos, para secar um pouco, e depois desenrolou a corda.

— Pronto — disse. — Ponha o P.T. aqui dentro para mim.

— Deixe que eu carregue ele, Leslie.

— Com essa capa de chuva, ele escorrega e cai por baixo.

Ela estava impaciente, querendo ir logo. Então Jess pegou o cachorro encharcado e o enfiou, pelas patas traseiras, na caverna quentinha do agasalho de Leslie.

— Aperte bem o traseiro dele com seu braço esquerdo, e balance com a direita. Sabe como é?

— Eu sei, eu sei — disse ela, já chegando para trás para tomar impulso.

— Segure firme.

— Claro, Jess... Pare com isso.

Ele calou a boca. Queria fechar os olhos, também. Mas obrigou-se a olhar: ela tomou impulso, correu até a margem, pulou, se balançou, e saltou fora da corda, pou-sando graciosamente em pé do outro lado.

— Pegue!

Jess esticou o braço, mas estava prestando atenção em Leslie e no P.T., e por isso não se concentrou na cor-da, que escorregou da ponta de seus dedos e se afastou, balançando num arco largo, para fora de seu alcance. O menino deu um pulo e a agarrou. Desligando do barulho e da visão da água, tomou impulso e correu para a frente. A torrente gelada lambeu seus calcanhares por um momen-to, mas num instante ele já estava no ar, por cima da cor-renteza, e despencava desajeitado do outro lado, aterrissando sentado. O P.T. na mesma hora pulou para cima dele, com suas patas enlameadas andando por cima da ca-pa de chuva bege, e a língua rosada lixando o rosto mo-lhado de Jess.

Os olhos de Leslie brilhavam.

— Levantai-vos... — disse solene, mal contendo o riso. — Levantai-vos, ó rei de Terabítia, e sigamos adiante para o nosso reino.

O rei de Terabítia fungou e esfregou o rosto nas costas da mão.

— Levantar-me-ei — respondeu ele com toda a solenidade — assim que removerdes este cachorro bobo de minha barriga.

Voltaram a Terabítia novamente na terça e na quarta.

Continuava a chover esporadicamente, de modo que na quarta-feira o riacho já tinha enchido tanto que a água alcançava o tronco da macieira silvestre e eles tinham que correr com água pelo tornozelo para voarem até Terabítia. E do outro lado, Jess tomava muito cuidado para cair em pé: ficar depois uma hora sentado, com a bunda gelada dentro de calças encharcadas, não tinha a menor graça, mesmo num reino mágico.

Para Jess, o medo da travessia aumentava à medida que aumentava a altura do riacho. Leslie parecia não hesitar nunca, e por isso Jess não podia recuar. Porém, mesmo obrigando seu corpo a ir atrás dela, sua mente ficava para trás, desejando se agarrar no tronco da macieira silvestre, do mesmo jeito que Joyce Ann agarrava a saia da mãe.

Na quarta-feira, quando estavam sentados no castelo, de repente começou a chover tão forte que a água caía do telhado da cabana aos borbotões, num monte de goteiras geladas. Jess tentou se desviar do dilúvio, mas não havia meio de escapar daquelas invasoras desgraçadas.

— Sabeis o que passa por meu espírito, ó rei? — perguntou Leslie, esvaziando no chão o conteúdo de uma caneca de café e colocando a vasilha debaixo da pior goteira.

— O quê?

— Julgo que algum ser maléfico enfeitiçou nosso amado reino, lançando sobre ele a maldição de um encantamento.

— Maldita previsão meteorológica!

Na penumbra, ele podia ver que o rosto de Leslie ficara imóvel, em sua pose mais solene de rainha... expressão que ela costumava reservar aos inimigos vencidos. Não estava disposta a brincar e achar graça, e ele imediatamente se arrependeu de seus modos tão pouco adequados a um rei.

Leslie preferiu ignorar o comentário e continuou:

— Vamos até o bosque sagrado, invocar os Espíritos e consultá-los, para descobrir de que mal se trata e como devemos combatê-lo. Porque em verdade percebo que não é uma chuva comum esta que se abate sobre nosso reino.

— Tendes razão, minha rainha — concordou Jess, rastejando para fora da pequena entrada da fortaleza.

Debaixo dos pinheiros, até a chuva parecia ter menos poder. Sem a luz do sol filtrada pelas árvores, ficava escuro, quase como se fosse noite, e o som da chuva caindo sobre os galhos bem acima de suas cabeças enchia o lugar de uma música estranha, sem melodia. Jess sentia uma coisa esquisita, como se fosse um peso no estômago, frio, mistura de apreensão e medo.

Leslie levantou os braços e virou o rosto para o alto, para a cobertura verde-escura lá em cima:

— Ó Espíritos do Bosque — começou, solenemente —, aqui viemos em nome de nosso reino muito amado, que está sob o encantamento de alguma força maléfica e desconhecida. Dai-nos, vos imploramos, a sabedoria necessária para distinguir que mal é esse, e concedei-nos o poder de vencê-lo.

Cutucou Jess com o cotovelo. Ele levantou os braços também.

— Ahnn...

Sentiu de novo a cotovelada dela.

— Ahnn... Isso mesmo. Por favor, Espíritos, escutai-nos.

A menina se deu por satisfeita. Pelo menos não o cutucou mais. Só ficou ali parada, como se estivesse ouvindo com respeito enquanto alguém falava com ela. Jess tremia, mas não sabia se era de frio ou por causa do lugar. De qualquer modo, ficou contente quando ela se virou para ir embora. Só conseguia pensar numas roupas secas e numa xícara de café quente. Talvez algo mais: ficar umas horas na frente da televisão, relaxado, sem fazer nada. Obviamente, não era digno de ser rei de Terabítia. Quem já ouviu falar de um rei que tem medo de umas árvores altas e um pouquinho de água?

Na volta, balançou-se por cima do riacho, tão chateado consigo mesmo que nem chegou a ter medo. No meio da travessia, olhou para baixo e pôs a língua de fora para a torrente que roncava lá em baixo. “Quem tem medo do lobo mau? Tralala-lalá...”, cantarolou para si mes-

mo. E rapidamente olhou para cima de novo, em direção à macieira.

Subindo o morro pelo meio da lama e do capim pisado, batia os pés no chão com força. “Esquerdo, direito, esquerdo, direito”. Mentalmente, ia falando com os pés. “Um, dois, feijão com arroz, três, quatro, feijão no prato...”

— A gente podia mudar a roupa e ir ver televisão ou qualquer coisa assim na sua casa, que tal?

Teve vontade de abraçar a amiga.

— Maravilha! — respondeu, alegre. — Eu faço um café para a gente tomar.

— Oba! — disse ela, sorrindo, e começou a correr para a velha casa dos Perkins, com aquele jeito lindo que tinha quando corria, e que nem a chuva nem a lama eram capazes de atrapalhar.

* * *

Quando Jess foi dormir naquela quarta-feira, achava que podia relaxar e que tudo ia dar certo, mas acordou no meio da noite com a terrível constatação de que ainda estava chovendo. Ia ter que dizer a Leslie que não ia a Terabítia. Afinal, ela já tinha dito isso a ele antes, quando estava trabalhando na casa com Bill. E ele não perguntou por quê. Agora era a vez dele. Não era tanto que ele se incomodasse em dizer a Leslie que estava com medo de ir. O que o incomodava era saber que estava com medo. Era

como se tivesse sido feito incompleto, faltando um pedaço — como aqueles quebra-cabeças de May Belle, com uma peça perdida, e aquele buraco no lugar do olho ou da boca de alguém. Deus do céu, era melhor ter nascido sem um braço, do que viver a vida toda sem coragem. Mal conseguiu dormir o resto da noite, ouvindo aquela chuva horrorosa e sabendo que, por mais que a água do riacho subisse, Leslie ainda ia querer atravessá-lo.

O dia perfeito

Ouviu o pai dando partida no motor da caminhonete. Apesar de não ter mais um emprego para onde tivesse que ir diariamente, o pai ainda saía cedo toda manhã, à procura de trabalho. Às vezes, ia só até a agência de empregos. Nos dias de sorte, era chamado para algum biscoite, como descarregar a mobília numa mudança ou fazer uma faxina.

Jess tinha acordado. Podia levantar logo de uma vez. Podia ordenhar Miss Bessie e dar ração a ela, ficando logo livre dessas tarefas. Enfiou uma camiseta e um macacão por cima da roupa de baixo com que tinha dormido.

— Onde você vai?

— Continue dormindo, May Belle.

— Não consigo. A chuva está fazendo muito barulho.

— Então levante.

— Por que você é tão mau comigo?

— Ai, por que você não cala a boca, May Belle? Parece um papagaio, assim vai acordar a casa inteira.

Se fosse Joyce Ann, podia ter gritado, mas May Belle só fez uma careta.

— Vamos, deixe disso... — ele mudou de tom. — Vou só ordenhar Miss Belle. Depois, a gente pode ver uns desenhos animados na tevê, se deixar o som bem baixinho.

May Belle era muito desajeitada, tanto quanto Brenda era gorda. Ficou um instante parada no meio do quarto, em pé, só com a calcinha e uma camiseta, com a pele branca e arrepiada. Os olhos ainda estavam inchados de sono, e o cabelo castanho-claro estava todo arrepiado e embaraçado, como um ninho de esquilo num galho de árvore no inverno. “Deve ser a criança mais feiosa do mundo”, pensou ele, olhando para a irmã com carinho verdadeiro.

Ela jogou os *jeans* na cara dele.

— Vou contar para mamãe.

Ele jogou a calça de volta.

— Contar o que a mamãe?

— Que você ficou parado olhando para mim quando eu estava sem roupa.

Deus do céu. Ela achava que ele estava apreciando aquela visão.

— Pode contar — disse, saindo pela porta antes que ela jogasse mais alguma coisa em cima dele. — Uma garota tão linda como você, não deu para eu me controlar...

Enquanto atravessava a cozinha, podia ouvir os risinhos abafados dela lá dentro.

O curral estava tomado do cheiro quente de Miss Bessie, que ele conhecia tão bem. Afastou-a com delicadeza, ajeitou o banco junto ao flanco do animal e o balde debaixo do úbere repleto. A chuva batia no telhado de metal, e o esguicho do leite no fundo do balde fazia um contra-ritmo. “Bem que podia parar de chover.” Encostou a testa no pêlo macio de Miss Bessie. Será que vaca tinha medo de alguma coisa? Medo mesmo, de verdade... Já tinha visto Miss Bessie recuar para longe do P.T., mas era diferente. Um cachorrinho latindo no calcanhar de qualquer um é uma ameaça imediata, mas a diferença entre ele e Miss Bessie era que, quando o P.T. não estava por perto ela ficava perfeitamente tranqüila e contente, ruminando, sonolenta. Não ficava olhando para a velha casa dos Perkins, imaginando coisas e se preocupando. Não ficava aflita, se sobressaltando à toa, se roendo por dentro, de tanta ansiedade.

Alisou o flanco do animal com a testa e suspirou. Se no verão ainda houvesse água no riacho, ele podia pedir a Leslie que o ensinasse a nadar. “Como?”, perguntou a si mesmo. “Vou agarrar o velho pavor pelos ombros e sacudi-lo para longe. Talvez eu até consiga aprender a mergulhar.” Sentiu um arrepio. Não tinha nascido com coragem, mas não tinha de morrer sem ela. Quem sabe se eles não podiam ir até a Faculdade de Medicina e pedir um transplante de coragem. “Não, doutor, meu coração é perfeito, vai muito bem. O que eu preciso é de cora... coragem. Que tal a idéia?” Sorriu. Ia contar essa a Leslie, era o

tipo da piada de que ela gostava. “É claro”, interrompeu o ritmo da ordenha pelo tempo necessário para afastar da testa o cabelo, “é claro que eu preciso mesmo é de um transplante de cérebro. Eu conheço a Leslie. Sei muito bem que ela não vai me bater nem rir de mim se eu disser que não quero atravessar o rio de novo até a água baixar. É só dizer: ‘Leslie, eu hoje não quero ir lá.’ ‘Por quê?’ ‘Ora essa, porque não... Porque...’”

— Já te chamei três vezes — May Belle interrompeu seus pensamentos, imitando o jeito chato de Ellie.

— Para quê?

— Tem uma senhora que quer falar com você no telefone. Eu tive que me vestir para vir te chamar.

Nunca ninguém telefonava para ele. Leslie tinha telefonado exatamente uma vez, e Brenda tinha cantarolado tanta coisa implicante sobre o telefonema da *namorada*, que Leslie resolveu que era mais simples dar um pulo na casa e falar com ele, sempre que queria conversar.

— Parece que é uma tal de *Miss* Edmunds.

Era *Miss* Edmunds.

— Jess? — a voz dela deslizava pelo aparelho. — Está um tempo horrível, não é mesmo?

— Está, sim senhora.

Tinha medo de dizer qualquer coisa mais e ela perceber como ele estava tremendo.

— Bom, eu estava com vontade de ir a Washington de carro, talvez ir a um museu, como o Smithsonian ou a

Galeria Nacional. Você não quer ir comigo e me fazer companhia?

Sentiu um suor frio.

— Jess?

Ele passou a língua nos lábios e jogou o cabelo para trás.

— Está me ouvindo, Jess?

— Sim, senhora.

Tentou respirar fundo, para ver se conseguia continuar falando.

— Quer ir comigo?

Deus do céu.

— Sim, senhora.

— Precisa pedir a alguém? — perguntou ela, delicadamente.

— Preciso... Sim, senhora — tinha conseguido se enrolar todo no fio do telefone. — Espere um instantinho, por favor.

Desenrolou-se, apoiou o telefone sobre a mesa com cuidado, e foi na ponta dos pés até o quarto dos pais. As costas da mãe formavam um morrinho debaixo da colcha de algodão. Tocou de leve no ombro dela.

— Mãe... — disse, quase sussurrando.

Queria ver se conseguia pedir, mas sem realmente acordá-la. Se despertasse por completo, na certa ela ia dizer que não.

Ela deu um leve sobressalto quando ouviu o som, mas relaxou de novo, sem acordar de verdade.

— A professora quer que eu vá a Washington, para ir a um museu.

— Washington? — repetiu a mãe, em voz pastosa.

— É. Uma coisa para a escola — disse ele, alisando o braço dela. — Não vamos voltar tarde. Pode ser?

— Ahnn-raamm...

— Não se preocupe. Já trouxe o leite.

— Ahnn-raamm...

Ela puxou a coberta até as orelhas e se virou de bruços. Jess voltou ao telefone.

— Tudo bem, *Miss* Edmunds, posso ir.

— Ótimo. Pego você daqui a vinte minutos. Só me explique como se chega na sua casa.

Assim que viu o carro dela se aproximando, Jess saiu correndo e foi encontrá-la na metade do caminho. A mãe podia ficar sabendo dos detalhes mais tarde, com May Belle, depois que ele já estivesse na estrada. Ainda bem que May Belle estava distraída com a televisão. Não queria que ela acordasse a mãe antes de ele sair. Tinha medo de olhar para trás, mesmo depois de já estar no carro e na estrada, para não descobrir a mãe gritando para ele voltar.

Foi só quando já tinham deixado Millsburg para trás que lhe ocorreu que podia ter perguntado a *Miss* Edmunds se Leslie podia ter vindo também. Mas quando pensou nisso, não pôde reprimir um prazer secreto em constatar que estava sozinho com *Miss* Edmunds naquele carrinho tão acolhedor. Ela dirigia com atenção, seguran-

do o volante com as duas mãos, olhando para a frente. As rodas deslizavam com um barulhinho gostoso e o limpador de pára-brisa embalava num ritmo alegre. O carro estava quentinho, e perfumado com o cheiro de *Miss Edmunds*. Jess ia sentado, com as mãos presas entre os joelhos, o cinto de segurança cruzado sobre o peito.

— Droga de chuva! — disse ela. — Eu já estava a ponto de ficar maluca.

— É mesmo... — confirmou ele, feliz.

— Você também, hein? — perguntou ela, dando um leve sorriso.

Ele estava até tonto com aquela proximidade. Só concordou, balançando a cabeça.

— Você já foi à Galeria Nacional alguma vez?

— Não senhora.

Na verdade, nunca fora a Washington, mesmo morando tão pertinho, mas torcia para ela não perguntar. A professora sorriu de novo.

— Então esta é a primeira vez que você vai a um museu ou galeria de arte?

— É, sim senhora.

— Ótimo! — exclamou ela. — Então minha vida valeu a pena, apesar de tudo...

Ele não entendeu o que ela queria dizer com isso, mas não ligou. Sabia que ela estava contente por estar com ele, e isso bastava.

Mesmo na chuva, ele podia distinguir os pontos turísticos famosos da capital, surpreendentemente parecidos

com as ilustrações que já tinha visto nos livros: a Mansão Lee no alto de uma colina, a ponte, e duas voltas pelo círculo central, para ele poder olhar bem a estátua de Abraham Lincoln contemplando a cidade, a Casa Branca, o Obelisco e, no outro extremo, o Capitólio, onde o Congresso se reunia. Leslie tinha visto todos esses lugares um milhão de vezes. Tinha até sido colega de escola de uma menina que era filha de um deputado. Ele chegou a pensar que depois podia dizer a *Miss* Edmunds que Leslie era amiga pessoal de um deputado de verdade. *Miss* Edmunds sempre gostara de Leslie.

Entrar no museu foi como penetrar no santuário do bosque de pinheiros — aquele teto alto, em abóbada, o jorro fresco do chafariz, aquelas plantas todas em volta. Duas crianças pequenas tinham se soltado da mãe e corriam de um lado para outro, gritando. Jess precisou se controlar para não ralar com elas e dizer que se comportassem direito, num lugar evidentemente tão sagrado.

E os quadros! Uma sala depois da outra, um andar depois do outro. Era como se ele estivesse se embriagando, de cor, forma e imensidão — e com a voz e o perfume de *Miss* Edmunds sempre a seu lado. De vez em quando ela inclinava a cabeça bem para junto dele, para dar uma explicação ou perguntar alguma coisa, e o cabelo comprido caía meio atravessado sobre seus ombros. Os homens a olhavam, em vez de ficar contemplando os quadros, e Jess achava que deviam sentir ciúmes dele por estar com ela.

Almoçaram tarde, na lanchonete do museu. Quando ela falou em almoço, ele ficou horrorizado e lembrou que ia precisar de dinheiro, não sabia como dizer que não trouxera nada — nem tinha dinheiro nenhum para trazer, para falar a verdade. Mas antes de conseguir ter tempo de pensar em alguma coisa para dizer, ela foi definitiva:

— E nem adianta querer discutir sobre pagamento. Eu sou uma mulher liberada, Jess Aarons. Quando convidado um homem para sair comigo, quem paga sou eu.

Ele tentou pensar em alguma maneira de protestar sem ter que no final pagar a conta, mas não conseguiu. E acabou se vendo às voltas com uma refeição de três dólares, que era muito mais do que ele permitiria que ela gastasse com ele. No dia seguinte ia conversar com Leslie e ver como deveria ter feito para lidar com a situação.

Depois do almoço, caminharam na garoa até o museu Smithsonian, de história natural e antropologia, para ver os dinossauros e os índios. Viram uma vitrine com uma maquete, mostrando um grupo de índios disfarçados com peles de búfalos, assustando uma manada de búfalos para que os animais pulassem do alto de um penhasco e morressem, enquanto outros índios esperavam lá embaixo, para esfolar os bichos e cortá-los em várias partes. Era como se fosse uma versão — em clima de pesadelo e em três dimensões — de alguns de seus próprios desenhos. Sentiu uma coisa estranha e assustadora, uma espécie de parentesco com aquilo.

— Fascinante, não é? — perguntou *Miss* Edmunds, os cabelos roçando o rosto quando se inclinou para a frente, a fim de ver melhor.

Ele tocou o próprio rosto e concordou:

— É, sim, senhora.

Para si mesmo, discordou: “Eu acho que não gosto”. Mas não conseguia se afastar dali.

Quando saíram do prédio, o sol brilhava numa tarde linda de primavera. Os olhos de Jess piscaram, diante de tanta luminosidade.

— Uau! — exclamou *Miss* Edmunds. — Um milagre! Olha só o sol! Eu estava começando a achar que ele tinha se escondido numa caverna e jurado que nunca mais ia voltar, como no mito japonês.

Ele se sentiu bem, de novo. No caminho para casa, *Miss* Edmunds contou umas histórias divertidas sobre um ano que passou estudando numa faculdade no Japão, onde todos os rapazes eram mais baixos do que ela, e ela não sabia usar os banheiros.

Ele relaxou, satisfeito. Tinha tanta coisa para contar a Leslie e perguntar a ela... Nem fazia mal se a mãe tivesse ficado furiosa. A zanga passava. E valia a pena. Esse único dia perfeito em sua vida valia o preço que tivesse que pagar.

Num lugar mais largo da estrada, logo antes da velha casa dos Perkins, ele disse:

— Me deixe aqui mesmo na estrada, *Miss* Edmunds. Não se incomode em me deixar lá dentro, na porta. Não vale a pena, a senhora pode atolar na lama.

— Como você preferir, Jess — disse ela, parando o carro na frente da entrada para a casa dele. — E muito obrigada por um dia lindo.

O sol se pondo dançava no pára-brisa do carro, ofuscando a visão de Jess. Ele virou-se e olhou *Miss* Edmunds de frente.

— Não, senhora — protestou, numa voz que veio espremida e estranha, obrigando-o a pigarrear. — Nada disso, eu é que agradeço. Bem...

Detestava não estar conseguindo encontrar as palavras e ter de se despedir assim, sem realmente agradecer. Mais tarde, quando estivesse deitado na cama ou sentado no castelo, ia pensar em uma porção de frases bonitas, mas agora elas não vinham. Abriu a porta e saiu, quase gaguejando:

— B-bem... Até sexta. Ela sorriu de volta.

— Até sexta.

Jess viu o carro se afastar e depois se virou e saiu correndo até em casa, o mais rápido que podia, com o coração pulando de felicidade, tão alegre que não se surpreenderia se os pés se levantassem do chão, como acontece nos sonhos, e o levassem pelos ares por cima do telhado.

Já estava no meio da cozinha quando percebeu alguma coisa estranha. A caminhonete do pai estava parada bem diante da porta, mas ele não notara nada de diferente

até que reparou em todo mundo sentado lá dentro: os pais e as irmãs menores em volta da mesa da cozinha, e Ellie e Brenda no sofá. Ninguém estava comendo. Ninguém via televisão. A tevê nem estava ligada. Ficou parado por um segundo, enquanto todos os olhares se voltavam para ele.

De repente, a mãe deixou escapar um soluço altíssimo, e caiu num choro convulsivo.

— Ai, meu Deus! Meu Deus!

Ficou repetindo isso, com a cabeça abaixada sobre os braços. O pai chegou mais perto dela, e a abraçou sem jeito, mas não tirava os olhos de Jess.

— Eu disse a vocês que ele só tinha ido a algum lugar... — disse May Belle, em voz baixa e com seu jeito teimoso, como se estivesse repetindo isso muitas vezes sem ninguém acreditar.

Ele apertou os olhos, como quem tenta ver por dentro de um tubo escuro. Nem sabia o que perguntar.

— O quê?... — começou.

A voz chata de Brenda o interrompeu.

— Sua amiga morreu e mamãe pensou que você tivesse morrido também.

Não

Um redemoinho girou dentro da cabeça de Jess. Abriu a boca, mas estava seca e não saiu nenhuma palavra. Foi encarando um por um dos que estavam junto a ele, implorando ajuda.

Finalmente, o pai falou, enquanto sua mão grande e áspera alisava o cabelo da mulher, e os olhos estavam presos nela, a observar a carícia.

— Encontraram a menina dos Burkes hoje de manhã, lá no riacho.

— Não — disse ele. — Impossível. Ela não ia se afogar, nadava muito bem.

— Aquela corda velha em que vocês se balançavam... quebrou — continuou o pai, baixinho. — Eles acham que ela deve ter batido com a cabeça em alguma coisa quando caiu.

— Não... — ele abanava a cabeça. — Não...

O pai olhou para ele.

— Estou morrendo de pena, meu filho.

— Não! — agora Jess gritava. — Eu não acredito no que vocês estão dizendo. É mentira!

Olhou em volta, de novo, desesperadamente, procurando alguém que confirmasse aquilo que ele dizia. Mas

todas as cabeças estavam baixas, exceto a de May Belle, cujos olhos permaneciam arregalados de terror. “Ah, Leslie, Leslie, o que vai ser de mim se você estiver morta?”

— Não... — repetiu ele, olhando para May Belle.
— É mentira. Leslie não morreu.

Virou-se e saiu correndo pela porta afora, deixando a esquadria de tela bater com força de encontro à casa. Correu pelo caminhezinho até a estrada principal, e depois continuou, em disparada, para oeste, na direção oposta a Washington e a Millsburg — e à velha casa dos Perkins. Um carro que se aproximava buzinou, desviou, e buzinou de novo, mas ele mal notou.

“Leslie... morta... amiga... corda... quebrou... caiu... você... vocês... você...” As palavras estouravam dentro de sua cabeça, como milho numa panela de fazer pipoca. “Deus... morta... você... Leslie... morta... você...” Continuou correndo até começar a tropeçar, mas mesmo assim ia em frente, com medo de parar, sabendo que enquanto corresse, de alguma maneira, estaria adiando o fato de Leslie estar morta. Dependia dele. Tinha que continuar.

Atrás dele, ouviu o *tuque-tuque-tuque* do motor da caminhonete, mas não podia se virar. Tentou correr ainda mais depressa, porém o pai o ultrapassou e parou o veículo logo adiante, saltou da caminhonete e correu em sua direção. Pegou Jess no colo, como se o filho fosse um bebê. Por alguns segundos, Jess chutou, deu pontapés e lutou contra aqueles braços fortes. Depois, entregou-se ao entorpecimento que estava tomando conta dele por inte-

ro, surgido de algum cantinho do cérebro e tentando se espalhar.

No carro Jess jogou todo o seu peso de encontro à porta, onde encostou a cabeça e a deixou ir batendo contra a janela.

O pai dirigia sem falar nada, embora uma vez chegasse a pigarrear, como se fosse dizer alguma coisa, mas depois olhou para Jess e ficou de boca fechada.

Quando chegaram em casa, o pai desligou o motor e ficou sentado, em silêncio, Jess podia sentir a insegurança do homem. Então abriu a porta e saiu, cada vez mais entorpecido. Entrou em casa e foi para a cama.

* * *

Estava acordado, subitamente trazido para a consciência, dentro da escuridão silenciosa da casa. Sentou-se, rígido e tremendo, embora estivesse completamente vestido, até mesmo com agasalho e tênis. Ouvia a respiração das meninas menores na cama ao lado, um som estranhamente alto e irregular no meio do silêncio. Na certa, devia ter acordado por causa de algum sonho, mas não conseguia lembrar o que era. Só recordava a sensação de pavor que o acompanhara. Pela janela sem cortinas, via a Lua, meio achatada, com centenas de estrelas brilhantes dançando em volta, a lhe fazer companhia.

Veio-lhe à lembrança que alguém tinha lhe dito que Leslie estava morta. Mas agora sabia que isso era parte do

tal pesadelo horrível. Leslie não podia estar morta, como ele não podia estar morto. Mas as palavras giravam em sua memória de um modo esquisito, como folhas carregadas por um vento gelado. Se ele se levantasse agora, e fosse até a velha casa dos Perkins, e batesse à porta, Leslie viria abrir, com o P.T. pulando em volta dos seus calcanhares, feito uma estrela em volta da Lua. Era uma noite linda. Talvez pudessem correr pelo morro e pelos campos e ir até o riozinho, se balançar na corda e entrar em Terabítia.

Nunca tinham ido lá à noite. Mas com um luar daqueles, dava para enxergar perfeitamente o caminho até o castelo, e ele podia contar a ela como tinha sido seu dia em Washington. E pedir desculpas. Tinha sido um idiota, por não ter convidado Leslie para ir junto. Ele, Leslie e *Miss* Edmunds poderiam ter passado um dia maravilhoso — diferente, é claro, do que ele e *Miss* Edmunds passaram sozinhos mas mesmo assim, muito bom, perfeito do mesmo modo. *Miss* Edmunds e Leslie gostavam muito uma da outra. Teria sido maravilhoso ter levado Leslie. “Desculpe, Leslie, desculpe mesmo.” Tirou o casaco e o tênis, se meteu debaixo das cobertas. “Fui um idiota por não ter convidado.”

“Tudo bem”, diria Leslie. “Eu já fui a Washington milhares de vezes.”

“Algum dia você já viu a maquete da caçada de búfalo?”

De algum jeito, era a única coisa em Washington que Leslie nunca tinha visto, e ele podia contar tudo a ela,

descrever os animaizinhos bem pequeninos, despencando para a morte.

Sentiu um frio na barriga de repente. Tinha algo a ver com o búfalo, com despencar, com morrer... com o motivo de ele nem ter lembrado de perguntar se Leslie podia ir com eles a Washington.

“Sabe de uma coisa esquisita?”

“O quê?” Leslie perguntou.

“Eu estava morrendo de medo de ir a Terabítia hoje de manhã.”

O frio ameaçava subir, da barriga para o coração, tomar o corpo todo. Ele se virou e deitou de bruços. Talvez fosse melhor não pensar em Leslie agora. Iria vê-la de manhã cedo e explicaria tudo. Poderia explicar melhor de dia, quando tivesse deixado para trás os efeitos daquele pesadelo que não conseguia lembrar.

Concentrou-se em recordar o dia em Washington, rememorando os detalhes dos quadros e das estátuas, se deixando levar de novo pelo som da voz de *Miss* Edmunds, recapitulando as palavras exatas que dissera, as respostas exatas que ela dera. De vez em quando, de um cantinho no fundo da sua visão mental, ameaçava vir uma sensação de queda, mas ele a empurrava para longe com a lembrança de outro quadro ou outra conversa. Amanhã dividiria tudo isso com Leslie.

A coisa seguinte de que tomou conhecimento foi o sol entrando pela janela. A cama das meninas pequenas

era apenas um amontoado de cobertas desarrumadas, e vinha o som de conversas em voz baixa na cozinha.

Deus do céu! Coitada da Miss Bessie. Esquecera completamente de ordenhá-la ontem à noite, e agora já devia ser tarde demais. Passou a mão nos tênis e enfiou os pés por cima deles, deixando os calcanhares de fora, sem nem se importar em amarrar os cadarços.

Com o barulho de sua entrada na cozinha, a mãe ergueu os olhos do fogão, rapidamente. Havia uma pergunta em sua expressão, mas ela apenas fez um gesto de cabeça para ele.

O frio foi começando a voltar de novo.

— Esqueci de Miss Bessie.

— Seu pai está ordenhando ela.

— Esqueci ontem de noite também.

Ela continuou concordando com a cabeça.

— Seu pai ordenhou para você — disse, mas não era uma acusação. — Está com vontade de comer alguma coisa?

Talvez fosse por isso que estava com aquela sensação tão estranha na barriga. Não tinha comido nada desde o sorvete que *Miss* Edmunds comprara em Millsburg no caminho de casa. Brenda e Ellie, sentadas junto à mesa, olhavam fixamente para a cara dele. As menores, diante de um desenho animado na televisão, também se viraram para olhar, mas em seguida deram as costas.

Sentou-se no banco. A mãe pôs um prato de panquecas na sua frente. Nem se lembrava da última vez que

ela fizera panquecas, coisa que ele adorava. Encheu-as de melado e começou a comer. Estavam deliciosas.

— Você nem está ligando, está? — perguntou Brenda, observando-o, do outro lado da mesa.

Ele olhou para ela sem entender, de boca cheia.

— Se Jimmy Dicks morresse, eu não ia conseguir engolir nada.

O frio subiu mais dentro dele, foi se desenrolando.

— Quer calar essa boca, Brenda Aarons? — ralhou a mãe, num salto, como se tivesse uma mola, erguendo a frigideira num gesto ameaçador.

— Ora essa, mãe, ele está aí sentado comendo panqueca como se não tivesse acontecido nada. Se fosse eu, estaria chorando.

Ellie olhou primeiro para a senhora Aarons e depois para Brenda.

— Menino não deve chorar, nem numa hora dessas. Não é, mãe?

— Só estou dizendo que não acho certo ele ficar aí sentado se empanturrando que nem um porco guloso.

— Estou lhe avisando, Brenda, se você não calar essa boca...

Ele ouvia todas elas falando, mas como se estivessem muito distantes, ainda mais longe do que a lembrança do sonho. Comeu, mastigou, engoliu, e quando a mãe serviu mais três panquecas em seu prato, comeu mais.

O pai entrou com o leite. Passou-o com cuidado para as jarras de cidra que estavam vazias e as guardou na

geladeira. Depois lavou as mãos na pia e veio até a mesa. Quando passou por Jess, apoiou a mão de leve no ombro do menino. Não estava zangado por ter feito a ordenha.

Apenas de um modo muito vago, Jess tinha consciência de que os pais estavam olhando para ele. A senhora Aarons olhou de cara feia para Brenda e lançou ao senhor Aarons um olhar que significava que Brenda tinha que ser controlada e ficar em silêncio, mas Jess só pensava em como as panquecas estavam gostosas, e torcendo para a mãe ainda lhe servir mais alguma. De algum jeito, sabia que não devia pedir mais, mas ficou desapontado por ela não oferecer outras. Depois, achou que devia se levantar e sair, mas não tinha muita certeza de onde devia ir ou do que devia fazer.

— Sua mãe e eu achamos que você devia ir até a casa dos vizinhos, e dar os pêsames — disse o pai, limpando a garganta de um pigarro e hesitando. — Também acho que é conveniente você fazer isso... Já que você parece ser o único que realmente conhecia a menininha...

Jess tentou entender do que o pai estava falando, mas se sentia um imbecil.

— Que menininha? — murmurou, sentindo que não era essa a pergunta correta a fazer.

Ellie e Brenda engoliram em seco.

O pai se inclinou sobre a mesa e envolveu a mão de Jess com a sua, enorme. Olhou rapidamente para a mulher, de um jeito preocupado. Mas ela continuou ali para-

da, sem dizer nada, olhando com olhos de quem está sofrendo.

— A sua amiga Leslie morreu, Jess. Você tem de entender isso.

Jess tirou a mão de dentro da do pai. Levantou-se da mesa.

— Sei que não é fácil...

Jess ouviu o pai falando, enquanto entrava no quarto. Voltou dali a pouco, vestindo o agasalho.

— Pronto para ir agora? — perguntou o pai, levantando-se rapidamente.

A mãe tirou o avental e ajeitou o cabelo. May Belle se ergueu do tapete.

— Também quero ir — pediu. — Nunca vi uma pessoa morta.

— Não!

May Belle se sentou de novo, como se a voz da mãe tivesse lhe dado uma bofetada.

— Nós nem sabemos para onde ela foi levada, May Belle — disse o senhor Aarons com suavidade.

Perdido

Atravessaram o campo devagar e desceram o morro até a velha casa dos Perkins. Havia quatro ou cinco carros parados do lado de fora. O pai bateu na porta. Jess ouviu o P.T. latindo, vindo lá dos fundos da casa, e correndo para a porta.

— Quietos, P.T. — disse uma voz que Jess não conhecia. — Calma.

A porta foi aberta por um homem que estava meio curvado, tentando segurar o cachorro. Ao ver Jess, P.T. se soltou e pulou todo contente no colo do menino. Jess o pegou e fez carinho no pescoço do animal, como costumava fazer desde que o P.T. era filhote.

— Pelo que estou vendo, ele te conhece — disse o estranho com um meio-sorriso no rosto, um tanto esquisito. — Entre, por favor.

E chegou para trás, a fim de que os três pudessem passar.

Foram para o salão dourado, e estava tudo igualzinho, a não ser que ainda era mais bonito, porque o sol batia em cheio pelas janelas do sul. Quatro ou cinco pessoas que Jess nunca tinha visto estavam sentadas por ali, algumas falando em voz baixa, mas a maioria em silêncio. Não

havia lugar para sentar, mas o estranho fora buscar umas cadeiras na sala ao lado. Os três se sentaram, empertigados, e esperaram, sem saber o que estavam esperando.

Uma senhora de idade se levantou devagar do sofá e veio para junto da mãe de Jess. Tinha os olhos vermelhos, sob uma cabeleira inteiramente branca. Estendeu a mão e disse:

— Sou a avó de Leslie.

A mãe apertou a mão dela, sem jeito.

— Senhora Aarons... — apresentou-se, falando baixinho. — Lá de cima do morro.

A avó de Leslie apertou a mão dela e do marido.

— Obrigada por terem vindo — disse. Depois se virou para Jess: — Você deve ser o Jess...

Ele concordou, só mexendo a cabeça.

— Leslie... — continuou ela, com os olhos se enchendo d'água — ...Leslie me falou muito sobre você.

Por um instante, Jess achou que ela ia dizer mais alguma coisa. Não queria ficar olhando para ela, então dedicou sua atenção a afagar o P.T., pendurado em seu colo.

— Desculpem... — prosseguiu ela, mas sua voz sumiu. — Não estou agüentando.

O homem que tinha aberto a porta se aproximou, e passou o braço em volta dela, levando-a para fora da sala. Enquanto os dois saíam, Jess ouviu que ela estava chorando.

Ainda bem que ela tinha saído. Era muito esquisito uma mulher daquelas chorando. Era como se a mulher

que anuncia pasta de dentes na televisão de repente caísse no choro. Não combinava. Olhou em volta, reparando em todos aqueles adultos com os olhos vermelhos. “Olhem para mim,” queria dizer a eles. “Eu não estou chorando.” Uma parte dele deu um passo atrás e contemplou esse pensamento. Ele era a única pessoa de sua idade, entre todas as que conhecia, cuja melhor amiga tinha morrido. Isso o tornava importante. Na segunda-feira na escola, provavelmente todos os meninos iam ficar em volta dele cochichando, e iam tratá-lo com respeito — do jeito que tinham tratado Billy Joe Weems no ano passado, quando o pai dele morreu num desastre de automóvel. Ele não ia precisar ficar falando com ninguém se não quisesse, e todos os professores iam ser especialmente atenciosos com ele. A mãe até ia conseguir que as irmãs o tratassem bem.

De repente, teve vontade de ver o corpo de Leslie sendo velado. Onde estaria? Na biblioteca? Ou será que a tinham levado para uma daquelas capelas funerárias em Millsburg? Será que a enterrariam vestida nos seus *jeans* azuis? Ou talvez naquela jardineira azul com blusa estampada de florzinhas, que ela usara na Páscoa. Era melhor. As pessoas podiam torcer o nariz para ela se estivesse de *jeans*, e ele não queria ninguém esnobando Leslie depois de morta.

Bill entrou na sala. O P.T. pulou do colo de Jess e correu para junto dele. O homem se inclinou e afagou o pescoço do animal. Jess se levantou.

— Jess...

Bill se aproximou dele e o abraçou, como se ele fosse Leslie e não o amigo dela. Bill o apertava tanto, que um botão do casaco dele estava machucando a testa de Jess, mas apesar disso o menino não se mexeu. Sentia o corpo de Bill tremendo, e tinha medo de levantar os olhos e ver o homem chorando, também. Não queria ver Bill chorando. Queria ir embora, sair daquela casa. Estava lhe dando uma sensação de sufoco. Por que Leslie não estava ali para ajudá-lo a sair daquela situação?

Por que ela não aparecia de repente, correndo e fazendo todo mundo rir? “Você acha que é bom, acha? Morrer, fazer todo mundo chorar e ter que seguir em frente? Não é, não...”

— Ela gostava muito, muito de você, sabe?... — a voz de Bill era de quem estava chorando. — Uma vez ela me disse que, se não fosse por sua causa...

Ficou sem voz, não conseguiu continuar. Só depois de alguns instantes disse:

— Obrigado. Obrigado por ser um amigo tão maravilhoso para ela.

Nem parecia que era Bill falando. Parecia alguém num filme antigo. O tipo da pessoa de quem Leslie e Jess iam rir e, mais tarde, imitariam. “Buáaaa, você foi um amigo tão maravilhoso para ela.” Ele não conseguia mais ficar sem se mexer, pelo menos um pouquinho, para afastar a testa daquela droga de botão. Ouviu o pai perguntar a Bill, baixinho, onde ia ser “a cerimônia fúnebre”.

E ouviu Bill responder, em sua voz quase normal, que tinham resolvido que o corpo ia ser cremado e iam levar as cinzas para a casa da família deles, na Pensilvânia, no dia seguinte.

“Cremada.” Alguma coisa fez um *clique* dentro da cabeça de Jess. Isso significava então que Leslie tinha ido embora mesmo. Para sempre. Virado cinza. Nunca mais tornaria a vê-la. Nem mesmo morta. Nunca. Como é que tinham coragem de fazer uma coisa dessas? Leslie era dele. Mais dele do que de qualquer outra pessoa no mundo. Ninguém lhe perguntara nada. Ninguém ao menos lhe dissera. E agora, nunca mais ia ver Leslie de novo, e aquela gente toda só conseguia chorar. E não era por Leslie. Não estavam chorando por Leslie. Estavam chorando por eles mesmos. Só por eles mesmos. Se tivessem se importado a mínima com Leslie, jamais a teriam trazido para este lugar perdido. Teve que se controlar, apertando as mãos, de medo de dar um soco na cara de Bill.

Ele, Jess, era o único que se importava com Leslie de verdade. Mas Leslie o traía. Foi morrer logo quando Jess mais precisava dela. Foi embora e o deixou para trás. Foi se balançar naquela corda só para lhe mostrar que não era covarde. Veja só, Jess Aarons. Na certa, bem agora, ela estava em algum lugar rindo dele. Zombando, como se ele fosse a senhora Myers. Ela o enganara. Deu um jeito para que ele deixasse de ser quem era e entrasse no mundo dela, depois, antes que se sentisse bem à vontade por lá — mas quando já era tarde demais para voltar —, ela apron-

tava uma daquelas e o deixava solto, perdido, abandonado... como um astronauta andando a esmo na Lua. Sozinho.

* * *

Mais tarde, quando pensava nesse dia, nem conseguia se lembrar de como nem quando saíra da velha casa dos Perkins, mas recordava que subiu o morro correndo, em direção à sua própria casa, com lágrimas de raiva escorrendo pelo rosto. Bateu a porta com toda força. May Belle estava parada ali perto, com os olhos arregalados.

— Você viu ela? — perguntou, excitada. — Viu o corpo dela estendido?

Ele deu um tapa na irmã. Na cara. Como nunca tinha batido em ninguém, em toda a vida. Ela cambaleou para trás, soltando um gritinho. Ele caminhou até o quarto, e bateu debaixo do colchão até encontrar o papel e as tintas que Leslie tinha lhe dado no Natal.

Ellie estava parada na porta do quarto, xeretando. Ele a empurrou e passou por ela. No sofá, também, Brenda estava reclamando, mas o único som que realmente entrava em sua cabeça era o choro de May Belle.

Saiu pela porta da cozinha e desceu pelo campo até o riacho, sem olhar para trás. A água estava um pouco mais baixa do que na última vez. Por cima dela, do galho da macieira silvestre, pendia o pedaço partido da corda, se

balançando suavemente. “Agora eu sou o corredor mas rápido da 5ª série.”

Berrou alguma coisa que nem eram palavras, e jogou os papéis e o estojo com as tintas dentro da água suja. As tintas boiaram um pouco, descendo pela correnteza como se fossem barquinhos, mas o papel ficou girando, se encharcando na água enlameada, sendo tragado para o fundo e dando voltas e mais voltas. Ele ficou olhando, até tudo desaparecer. Aos poucos, foi recuperando o fôlego, e o coração foi batendo mais devagar, menos selvagem. O chão ainda estava todo barrento, de tanta chuva, mas ele sentou assim mesmo. Não tinha um lugar para ir. Lugar nenhum. Nunca mais. Apoiou a cabeça no joelho.

— Isso que você fez foi uma bobagem muito grande — disse o pai, sentando ao lado dele no chão imundo.

— Estou pouco ligando. Pouco ligando!

Agora estava chorando. Chorando tanto, que mal conseguia respirar.

O pai puxou Jess para o colo, como se ele fosse Joyce Ann.

— Calma, meu filho, calma... — dizia, acariciando a cabeça do menino. — Pronto, pronto...

— Eu odeio ela... — repetia Jess entre soluços. — Odeio! Queria que ela nunca tivesse aparecido na minha vida.

O pai continuou alisando seu cabelo, sem dizer nada. Jess foi sossegando. Ficaram os dois olhando para a água.

Finalmente, o pai disse:

— É mesmo uma grande merda, não é?

Era o tipo de coisa que Jess podia imaginar que o pai dissesse para outro homem. Estranho, mas de alguma forma isso o consolou, fazendo com que se sentisse mais forte.

— Você acredita que as pessoas vão para o inferno, inferno mesmo, sabe como é?

— Você não pode estar dizendo isso porque está preocupado com Leslie Burke a esse respeito, está?

Parecia esquisito, mas de qualquer jeito...

— Bom, May Belle disse que...

— May Belle? May Belle não é Deus.

— Eu sei, mas como é que a gente sabe o que Deus faz?

— Pelo amor de Deus, meu filho, não seja bobo. Deus jamais ia mandar uma menininha para o inferno.

Nunca na vida ele pensara em Leslie Burke como uma menininha, mas mesmo assim, é claro que, para Deus, com toda certeza ela era. Só ia fazer onze anos em novembro.

Os dois se levantaram e começaram a descer o morro.

— Aquilo que eu disse, de odiar ela, pai... não é verdade. Nem sei o que me deu para falar uma coisa dessas.

O pai concordou com a cabeça, dizendo que entendia.

Todo mundo foi carinhoso com ele, até Brenda. Todo mundo, menos May Belle — que saía de perto, evitando-o como se tivesse medo de ter qualquer coisa a ver com ele. Jess queria pedir desculpas, dizer que foi sem querer, mas não conseguia. Estava cansado demais. Simplesmente, as palavras não saíam. E não bastavam. Ia ter que dar um jeito de consertar aquela situação, mas estava exausto demais para descobrir como.

De tarde, Bill veio até a casa dele. Iam viajar para a Pensilvânia, e ele queria saber se Jess podia tomar conta do cachorro até eles voltarem. — Claro!

Ficou satisfeito por Bill pedir sua ajuda. Estava com medo de ter magoado Bill quando fugiu de manhã. Queria também ter certeza de que Bill não o culpava por nada. Mas não eram perguntas que podiam ser feitas com palavras.

Segurou o P.T. no colo e ficou acenando, enquanto o carrinho italiano entrava na estrada. Achou que viu os dois acenando de volta, mas estava longe demais e não dava para ter certeza.

A mãe nunca tinha deixado ele ter um cachorro, mas não objetou a que o P.T. ficasse na casa. Depois, o P.T. pulou para a sua cama e Jess dormiu a noite toda com o corpo do P.T. encolhidinho, junto ao peito.

Construindo a ponte

A cordou no domingo de manhã com uma tremenda dor de cabeça. Ainda estava muito cedo, mas se levantou. Queria ir tirar o leite. O pai estava fazendo a ordenha para ele desde a noite de quinta-feira, mas Jess estava com vontade de retomar essa tarefa, para ver se de alguma forma começava a deixar as coisas serem normais novamente. Teve que prender o P.T. e os ganidos do cachorro o fizeram lembrar de May Belle, piorando ainda mais sua dor de cabeça. Mas não podia deixar o P.T. latindo em volta de Miss Bessie enquanto tentasse ordenhá-la.

Ninguém ainda tinha acordado quando trouxe o leite, e ele se serviu sozinho, de um copo morno e umas fatias de pão. Queria recuperar as tintas, e resolveu ir até lá ver se conseguia encontrá-las. Soltou o P.T. e deu ao cachorro um pedaço de pão.

Era uma linda manhã de primavera. As primeiras flores do campo estavam apontando pelo meio do verde profundo, e o céu estava límpido e azul. O nível do riacho baixara bastante, o barranco se destacava de novo, e tudo parecia menos aterrorizante do que antes. Um tronco de árvore, ou um galho grande e grosso, fora arrastado até a margem, e Jess o colocou sobre o trecho mais estreito do

riozinho, fazendo uma pinguela que ia de uma margem a outra. Pisou sobre ele e experimentou, viu que estava firme. Então, atravessou para o outro lado, com cuidado, um pé depois do outro, se segurando nos galhos menores que saíam do tronco, para ajudar a se equilibrar. Olhou bem e não viu nem sinal das tintas.

Estava ligeiramente mais acima de Terabítia, se é que aquilo ainda era Terabítia. E se é que se podia entrar lá passando por cima de um tronco, em vez de balançando numa corda velha. Do outro lado, sozinho, o P.T. ganhava, de dar dó. Mas depois o cachorrinho criou coragem e atravessou o riozinho nadando. A correnteza o carregou e ele foi parar mais adiante de Jess, porém conseguiu subir até a margem com segurança e correu de volta, se sacudindo e jogando grandes gotas de água fria em cima do menino.

Foram para o castelo-fortaleza. Estava escuro e úmido, mas não havia nada que indicasse que a rainha tinha morrido. Jess sentiu necessidade de fazer algo adequado. Mas Leslie não estava ali para lhe dizer o que podia ser. A raiva que o possuía na véspera brotou de novo. “Leslie, eu sou um burro e você sabe disso! O que é que eu tenho que fazer?” O frio lá de dentro dele subia por sua garganta, apertando tudo. Engoliu algumas vezes. Ocorreu-lhe que provavelmente estivesse com câncer na garganta. Não era um dos sete sinais mortais? “Dificuldade de engolir.” Começou a suar. Não queria morrer. Deus do céu, só tinha dez anos. Mal tinha começado a viver.

“Leslie, você ficou com medo? Você sabia que estava morrendo? Ficou com medo, como eu estou?” Uma imagem de Leslie sendo sugada pela água fria cruzou por sua cabeça.

— Vamos, Príncipe Terriano — chamou, em voz alta. — Temos que fazer uma guirlanda fúnebre para nossa rainha.

Sentou-se no espaço limpo entre a margem e a primeira fileira de árvores, e curvou um galho de pinheiro até fazer um círculo com ele, amarrando bem firme, com um pedaço de barbante que tinha no castelo. E como o círculo verde tinha uma aparência meio fria, Jess foi recolhendo pelo chão da floresta tudo o que podia considerar como belezas da primavera e, cuidadosamente, foi enfeitando as agulhas de pinheiro com elas.

Pôs a guirlanda no chão, à sua frente. Um passarinho veio voando, um cardeal, de topete vermelho e brilhante, e pousou ali perto, como se estivesse contemplando sua obra. O P.T. deu um rosnadinho que quase parecia um ronronar. Jess apoiou a mão no cachorro, para acalmá-lo.

O passarinho saltitou por ali durante mais alguns instantes, depois voou e foi embora, tranqüilamente.

— É um sinal dos Espíritos — disse Jess, baixinho. — Fizemos uma oferenda digna.

Saiu andando devagar, como se estivesse numa procissão, apesar de apenas o cachorro estar ali para vê-lo. Lentamente, foi carregando a guirlanda da rainha para o

bosque sagrado. Obrigou-se a ir bem lá dentro, no centro escuro do bosque, onde se ajoelhou e depositou a guirlanda sobre o espesso tapete de agulhas douradas.

— Pai, em Tuas mãos eu entrego o espírito dela.

Sabia que Leslie teria gostado daquelas palavras. Tinham em si a aura do bosque sagrado.

A procissão solene deu meia-volta e atravessou o bosque sagrado em direção ao castelo. Como um pássaro solitário no meio de um céu de tempestade, uma paz pequenininha e frágil começou a bater as asas pelo meio do caos no interior de seu corpo.

— Socorro! Jess! Me ajude!

Um grito sacudiu o silêncio. Jess correu, ao som do choro de May Belle. Ela tinha chegado até o meio da pinguela feita com o tronco da árvore, e agora estava ali parada, se agarrando nos galhos de cima, aterrorizada, com medo de se mexer, de seguir adiante ou de voltar.

— Tudo bem, May Belle — disse ele, com uma calma mais aparente que real. — Fique firme. Vou te buscar.

Não sabia se o tronco agüentava o peso dos dois ao mesmo tempo. Olhou a água lá embaixo. Já tinha baixado, devia estar dando pé, ele talvez pudesse atravessar o riacho pisando no fundo, mas a correnteza ainda era fortíssima. Podia derrubá-lo e arrastá-lo, e aí? Resolveu ficar mesmo com o tronco. Foi avançando aos pouquinhos, até chegar bem perto da irmã, podendo tocá-la. Agora tinha

que fazer com que ela recuasse, e chegasse ao outro lado do riacho, mais perto de casa.

— Tudo bem — disse. — Agora vá chegando pra trás.

— Não consigo!

— Eu estou aqui, May Belle, com você. Acha que vou deixar você cair?

Estendeu a mão direita e continuou, para acalmá-la:

— Vamos, segure minha mão e vá deslizando de lado, com os pés em cima do tronco.

Ela soltou a mão esquerda um instantinho e imediatamente agarrou o galho de novo.

— Ai, Jess, não consigo, estou morrendo de medo!

— É claro que você está com medo. Qualquer um ia estar com medo. Mas você tem que confiar em mim, está certo? Eu não vou deixar você cair, May Belle, prometo.

Ela concordou, ainda com os olhos arregalados de tanto medo, mas soltou o galho e pegou a mão dele, se esticando um pouco e tentando se equilibrar. Ele a agarrou com firmeza.

— Pronto, ótimo! Não é longe. Vá só deslizando o pé direito devagar, aos pouquinhos, depois encoste o pé esquerdo nele.

— Não sei bem qual é o direito.

— É o da frente — disse ele, com paciência. — O que fica mais perto lá de casa.

Ela concordou de novo e, obediente, moveu o pé direito alguns centímetros.

— Agora solte a outra mão do galho, e vai me segurando com força.

Ela soltou o galho e apertou a mão dele.

— Muito bem. Você está fazendo direitinho. Agora vamos, chegue mais um pouquinho para lá.

Ela quase perdeu o equilíbrio, mas não gritou, só cravou as unhas na palma da mão dele.

— Muito bem, assim... Você está indo muito bem.

A voz dele estava calma, tranqüila, como a do pessoal daquele seriado *Plantão médico*. Mas, por dentro, o coração batia mais que um tambor.

— Vamos, mais um pouquinho. Assim...

Quando finalmente o pé direito dela chegou até a parte do tronco que estava apoiada na margem, ela caiu para a frente e o levou junto.

— Cuidado, May Belle!

Ele perdeu o equilíbrio e caiu, não dentro do riacho, mas com o peito por cima das pernas de May Belle, enquanto suas próprias pernas ficavam penduradas, balançando no vazio por cima da água.

— Epa! — riu, aliviado. — O que é que você estava querendo fazer, menina? Queria me matar?

Ela sacudiu a cabeça solenemente:

— Eu sei que jurei em cima da Bíblia que nunca mais ia te seguir, mas quando acordei hoje de manhã você não estava lá.

— Eu tinha que fazer umas coisas.

Ela estava raspando a lama das pernas nuas e acrescentou, abaixando a cabeça:

— Só queria te encontrar, ir para perto, para você não ficar tão sozinho. Mas fiquei com muito medo.

Ele se arrastou por cima do tronco até sentar perto dela. Ficaram vendo o P.T., que nadava para atravessar o riozinho. A corrente o puxava, com muita força, mas ele parecia não ligar. Depois, subiu o barranco, bem abaixo da macieira velha, e veio correndo de volta até perto deles.

— Todo mundo tem medo de vez em quando, May Belle. Você não precisa se envergonhar.

Num relance, lembrou do olhar de Leslie quando ela estava entrando no banheiro das meninas para ir falar com Janice Avery.

— Todo mundo sente medo... — repetiu.

— O P.T. não sente, e ele até viu quando a Leslie...

— Com cachorro é diferente. É como se, quanto mais inteligente, mais a gente tivesse medo.

Ela olhou para ele, incrédula:

— Mas você não teve medo.

— Você é que pensa, May Belle. Eu estava tremendo que nem gelatina.

— Você está dizendo isso só pra me enganar.

Ele riu. Não podia deixar de ficar contente porque ela não acreditava nele. Levantou-se e ajudou a irmã a ficar de pé.

— Vamos comer.

E deixou que ela passasse na sua frente, na corrida para casa.

* * *

Quando entrou na sala de aula, viu que a senhora Myers já tinha mandado tirar a carteira de Leslie lá da frente. É claro que na segunda-feira Jess já sabia. Mesmo assim, lá no fundo, quando chegou no ponto do ônibus, olhou como se ainda tivesse uma vaga esperança de que a amiga viesse correndo pelo campo, com aquele seu jeito lindo e ritmado de correr. Talvez ela já estivesse na escola — Bill podia tê-la levado de carro, como às vezes fazia quando ela perdia o ônibus. Mas quando entrou na sala, Jess viu que a carteira dela não estava mais lá. Por que todo mundo estava com tanta pressa de se livrar dela? Apoiou a cabeça na carteira, sentindo o corpo gelado e pesado.

Podia ouvir o som dos cochichos, mas não as palavras. Não que fizesse a menor questão de ouvir as palavras. De repente, ficou com vergonha por ter pensado que podia ser olhado com respeito pelos outros. Tentando se aproveitar da morte de Leslie. “Eu queria ser o melhor — o mais rápido — ganhar as corridas todas na escola... e agora, sou.” Deus do céu, tinha nojo de si mesmo. Não ligava para o que os outros dissessem ou pensassem, desde que o deixassem em paz... desde que não tivesse que falar com ninguém, cruzar com nenhum olhar. Todos eles

tinham detestado Leslie. Talvez só com exceção de Janice. Mesmo depois que desistiram de implicar com Leslie e de tentar que ela se sentisse infeliz, ainda continuaram a desprezá-la. Como se algum deles fosse capaz de valer, pelo menos, a unha do dedinho do pé de Leslie. E até mesmo ele tinha alimentado aquele pensamento traidor, de que agora ia ser o mais rápido.

A senhora Myers latiu a ordem para todos ficarem de pé para a chamada e a cerimônia de volta às aulas. Ele não se mexeu. Nem sabia se era porque não conseguia ou porque não queria — mas a verdade é que estava pouco se importando. Afinal de contas, o que é que ela podia fazer contra ele?

— Jesse Aarons. Saia da sala, por favor.

Ele levantou o corpo de chumbo e se arrastou para o corredor. Achou que ouviu Gary Fulcher prendendo o riso, mas não tinha certeza. Encostou na parede e esperou Myers Boca-de-Monstro acabar de cantar o Hino Nacional e vir falar com ele. Ouviu que ela estava mandando a turma fazer algum trabalho qualquer, antes de sair e fechar a porta com cuidado.

“Tudo bem, pode atirar, eu não me importo.”

Ela se aproximou dele, tão perto que dava para sentir o perfume barato da maquiagem que usava.

— Jesse — disse, numa voz mais doce do que a de sempre, mas ele não respondeu.

Podia gritar à vontade. Ele estava acostumado.

— Jesse — repetiu ela. — Eu só queria lhe dar os pêsames, sinceramente.

As palavras eram como as de um cartão impresso, desses que a gente compra pronto. Mas o tom era diferente.

Levantou a cabeça e a encarou, apesar de contrariado. Atrás dos óculos arrebitados, os olhos apertados da senhora Myers estavam cheios de lágrimas. Por um minuto, achou que ele também ia chorar. Ele e a senhora Myers parados no corredor do porão, chorando por causa de Leslie Burke. Era tão esquisito que quase caiu na gargalhada.

— Quando meu marido morreu... — começou ela, enquanto Jesse mal conseguia imaginar que ela um dia teve um marido — ...as pessoas ficavam me dizendo para não chorar, tentando me ajudar a esquecer.

A senhora Myers amando, chorando por alguém de quem ela gostava... Dava para imaginar?

— Mas eu não queria esquecer — continuou ela, tirando o lenço de dentro da manga e assoando o nariz. — Desculpe, mas hoje de manhã quando entrei na sala, vi que já tinham tirado a carteira dela...

Parou e assoou o nariz de novo.

— É que... bom... nós... eu nunca tive uma aluna como ela. Em todos os anos em que dei aula. Vou ter que dar graças a Deus...

Ele queria consolá-la. Queria retirar todas as coisas que tinha dito dela... e até retirar todas as coisas que Leslie

tinha dito. Deus do céu, não deixe que ela descubra, nunca.

— Por isso... eu entendo. Se está sendo difícil para mim, imagino como deve ser muito pior para você. Vamos nos ajudar mutuamente, nós dois, está bem?

— Sim, senhora.

Ele não conseguia pensar em mais nada para dizer. Talvez algum dia, quando crescesse, pudesse escrever uma carta a ela e dizer como Leslie Burke achava que ela era uma ótima professora, alguma coisa assim. Leslie não ia se incomodar. Algumas vezes, como na caso da boneca Barbie, a gente tem que dar às pessoas alguma coisa para elas, não só o que faz a gente se sentir bem por estar dando o presente. Porque a senhora Myers já o tinha ajudado, quando entendeu que ele jamais esqueceria Leslie.

Pensou nisso o dia inteiro. Lembrou como, antes de Leslie chegar, ele se sentia um nada — um garotinho esquisito e bobo, que fazia uns desenhos engraçados e corria atrás de uma vaca no meio do pasto, fazendo de conta que era grande — o tempo todo tentando esconder uma porção de medinhos idiotas soltos dentro de si mesmo.

Leslie foi quem o tinha tirado do pasto e o tinha levado para Terabítia, onde fez dele um rei. E ele tinha achado que isso era tudo. Ser rei não era a melhor coisa que alguém podia ser? Mas agora lhe ocorria que talvez Terabítia fosse uma espécie de castelo antigo, onde se ia para ser sagrado cavaleiro numa cerimônia solene. Mas depois

que o cavaleiro ficasse lá por algum tempo, e estivesse mais forte, era preciso que seguisse adiante. Afinal de contas, mesmo em Terabítia, Leslie não tentara expandir as paredes de sua mente e olhar muito mais longe, para o mundo lá fora — brilhante, enorme, terrível, bonito e muito frágil? (Cuide de tudo, mesmo dos predadores.)

Agora, era a hora de ele seguir em frente. Ela não estava ali, então Jess tinha que continuar, pelos dois. Era a vez dele devolver ao mundo, em beleza e carinho, o que Leslie lhe emprestara em visão e força.

Quanto aos terrores que o esperavam mais adiante — porque não se enganava, achando que todos tinham ficado para trás —, bem, só se pode mesmo é encarar o medo e não deixar que ele faça da gente um bagaço. Não é isso, Leslie?

Isso mesmo.

* * *

Bill e Judy voltaram da Pensilvânia na quarta-feira, com um caminhão de mudanças. Era assim mesmo. Ninguém se demorava muito tempo na velha casa dos Perkins.

— Nós viemos viver no campo por causa dela. Mas agora que ela se foi...

Deram a Jesse todos os livros de Leslie e o estojo de pintura, com três blocos de papel de aquarela, de verdade.

— Ela gostaria de te dar isso — disse Bill.

Jess e o pai ajudaram a carregar as coisas para dentro do caminhão. Ao meio-dia, a mãe dele trouxe uns sanduíches de presunto e café, um pouco com medo de que os Burkes não quisessem comer sua comida, mas precisando fazer alguma coisa por eles, Jess sabia.. Quando, afinal, o caminhão ficou cheio, os dois casais ficaram meio sem jeito, se olhando, sem saber como se despedir.

— Bom... — disse Bill. — Se houver alguma coisa que vocês queiram, do que ainda ficou na casa, por favor, fiquem à vontade para pegar.

— Posso pegar um pouco daquela madeira na varanda dos fundos? — pediu Jess.

— Claro que pode. O que quiser, qualquer coisa — disse Bill.

Hesitou um pouco e acrescentou, com um ar de criança pedindo alguma coisa:

— Eu tinha pensado em lhe dar o P.T., mas... acho que não estou conseguindo me separar dele.

— Tudo bem. Leslie ia gostar de saber que ele ficou com vocês.

* * *

No dia seguinte, depois que voltou da escola, Jess foi até lá e pegou toda a madeira que queria, levando tudo aos poucos, de duas em duas tábuas, até a margem do riacho. Ajeitou com cuidado as duas pranchas maiores e as

prende com firmeza, de um lado para o outro, no trecho mais estreito, acima da macieira. Quando teve certeza de que estavam bem firmes, e bem niveladas, começou a pregar as outras tábuas, atravessadas.

— Que é que você tá fazendo, Jess? — perguntou May Belle, que o seguira, como Jess achava que ela ia fazer.

— É segredo, May Belle.

— Me conta...

— Quando ficar pronto, está bem?

— Eu juro em cima da Bíblia que não conto a ninguém. Nem a Billy Jean, nem a Joyce Ann, nem a mãe...

Solenemente, ela sacudia a cabeça para cima e para baixo, com ênfase, a cada nome que dizia.

— Ah, não tenho muita certeza sobre Joyce Ann. Pode ser que você queira contar a ela algum dia.

— Contar a Joyce Ann uma coisa que é um segredo só de nós dois?

A idéia parecia horrorizá-la.

— É... achei que um dia... O rosto dela ficou sério.

— Mas Joyce Ann é uma pirralha.

— É. No começo, ela não ia poder ser rainha. Você ia ter que ensinar a ela, treinar bem, essas coisas.

— Rainha? Quem vai ser rainha?

— Eu explico quando acabar, está bom?

E quando acabou, enfeitou o cabelo da irmã com flores e a conduziu por cima da ponte — a grande ponte

para Terabítia — que era secreta, e para alguém que olhasse sem magia podia até parecer só uma construção com umas tábuas, por cima de um riacho quase seco.

— Pssssiu... — disse ele. — Veja.

— Onde?

— Não está vendo? — cochichou. — Todos os habitantes de Terabítia estão nas pontas dos pés para te verem melhor.

— Eu?

— Você mesma. Corre um boato por aí, de que a linda menina que vem hoje pode ser a rainha que eles estão esperando.



Digitalização/Revisão: Yuna